A 464885

LIVRARIA ACADÉMICA
J. GUEDES DA SILVA
8, R. Mártires da Liberdade, 12
PORTO-PORTUGAL-TELEF. 25986

Bordallo e Companhia

POESIAS

ALBERTO DE OLIVEIRA

ALBERTO DE OLIVEIRA

POESIAS

EDIÇÃO DEFINITIVA

COM JUIZOS CRITICOS DE

MACHADO DE ASSIS, ARARIPE JUNIOR

E AFFONSO CELSO

MERIDIONAES, SONETOS E POEMAS
VERSOS E RIMAS, POR AMOR DE UMA LAGRIMA
E LIVRO DE EMMA

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA MOREIRA CEZAR, 71 — RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6 — PARIZ

1900

868
C48
900

0931 9:.3 - 130

AO PUBLICO

A presente collecção de poesias de Alberto de Oliveira abrange, afóra as Canções Romanticas, *os mais livros do auctor publicados até esta data, e ainda os poemas que pela primeira vez são dados á publicidade :* Por amor de uma lagrima e Livro de Emma.

O auctor, sob cujas vistas corre esta edição, teve por acertado, aqui e alli, retocar ao de leve a fórma de uma ou outra composição, respeitando, entretanto, a inspiração e o sentimento que as dictaram na época em que foram escriptas; tambem algumas paginas, poucas e que não influiam para a impressão geral da obra, foram supprimidas.

Quanto ás Canções Romanticas, *acatamos as razões que teve o poeta para não nos auctorisar juntassemos aos outros esse seu livro de estréa, rece-*

bido, aliás, ao tempo em que appareceu, com os mai vivos applausos.

Acreditamos, publicando em edição definitiva a poesias de Alberto de Oliveira, prestar um verdadeir serviço ás lettras patrias.

O. EDITOR.

MERIDIONAES

(1879-1883)

Quando em 1879, na *Revista Brazileira*, tratei da nova geração de poetas, fallei naturalmente do Sr. Alberto de Oliveira. Vinha de ler o seu primeiro livro, *Canções romanticas*, de lhe dizer que havia alli inspiração e fórma, embora acanhadas pela acção de influencias exteriores. Achava-lhe no estylo alguma cousa fluctuante e indecisa; e, quanto á materia dos versos, como o poeta dissesse a outro, que tambem sabia folhear a lenda dos gigantes, dei-lhe este conselho : « Que lhe importa o guerreiro que lá vae á Palestina? Deixe-se ficar no castello com a filha delle... Não é diminuir-se o poeta; é ser o que lhe pede a natureza. Homero ou Mosckos. » Concluia dizendo-lhe que se affirmasse.

Não trago essa reminiscencia critica (e deixo de transcrever as expressões de merecido louvor), senão para explicar, em primeiro logar, a escolha que o poeta fez da minha pessoa para abrir este

outro livro; e, em segundo logar, para dizer que a exhortação final da minha critica tem aqui uma brilhante resposta, e que o conselho não foi desprezado, porque o poeta deixou-se estar effectivamente no castello, não com a filha, mas com as filhas do castellão, o que é ainda mais do que eu lhe pedia n'aquelle tempo.

Que hade elle fazer no castello, senão amar as castellãs? Ama-as, contempla-as, sae a caçar com ellas, fita bem os olhos de uma para ver o que ha dentro dos olhos azues, vae com outra contar as estrellas do ceu, ou então pega do leque de uma terceira para descrevel-o minuciosamente. Esse *Leque*, que é uma das paginas caracteristicas do livro, chega a coincidir com o meu conselho de 1879, como se o poeta, abrindo mão dos heroes, quizesse dar ás reminiscencias epicas uma transcripção moderna e de camarim : — esse *Leque*, é uma reducção do escudo de Achilles. Homero, pela mão de Vulcano, poz naquelle escudo uma profusão de cousas, a terra, o ceu, o mar, o sol, a lua e as estrellas, cidades e bodas, porticos e debates, exercitos e rebanhos. O nosso poeta applicou o mesmo processo a um simples leque de senhora, com tanta opulencia de imaginação no estylo, e tão grego no proprio assumpto dos quadros pintados, que fez daquillo uma parelha do broquel homerico. Mas não é isso que me dá o caracteristico da pagina;

é o resumo que alli acho, não de todo, mas de quasi todo o poeta : — imaginoso, vibrante, musical, despreoccupado dos problemas da alma humana, fino cultor das fórmas bellas, amando por ventura as lagrimas, comtanto que ellas caiam de uns olhos bonitos.

Conclua o leitor, e concluirá bem, que a emoção d'este poeta está sempre sujeita ao influxo das graças externas. Não achará aqui o desespero, nem o fastio, nem a ironia do seculo. Se ha alguma gota amarga no fundo da taça de ouro em que elle bebe a poesia, é a saudade do passado ou do futuro, alguma cousa remota no tempo ou no espaço, que não seja a vulgaridade presente. Dahi essa volta frequente das reminiscencias hellenicas ou medievaes, os bellos sonetos em que nos conta o nascimento de Venus, e tantos outros quadros antigos, ou allusões espalhadas por versos e estrophes. Dahi tambem uma feição peculiar do poeta, o amor da natureza. Não quero fazer extractos, porque o leitor vae ler o livro inteiro; mas o soneto *Magia Selvagem* lhe dará uma expressão energica dessa paixão dos espectaculos naturaes, ante os quaes o poeta exclama :

> Tudo, ajoelhado e tremulo, me abysma
> Cego de assombro e extatico de goso.

Cegueira e extasis : o limite da adoração. Assim

tambem o *Conselho*, pagina em que elle receita para uma dor moral o contacto da floresta; e ainda mais a anterior, *Fallando ao sol*, em que caracterisa a intensidade de um grande pesar, que então o opprime, affirmando que para esse, nem mesmo a natureza, — « a grande natureza, » — póde servir de remedio.

A maior parte das composições são quadros feitos sem outra intenção mais do que fixar um momento ou um aspecto. Geralmente são curtas, em grande parte sonetos, fórma que os modernos restauraram, e luzidamente cultivam, póde ser até que com excessiva assiduidade. Os versos do nosso poeta são trabalhados com perfeição. Os defeitos, que os ha, não são obra de descuido; elle pertence a uma geração que não pecca por esse lado. Nascem, — ora de um momento não propicio, — ora do requinte mesmo do lavor; causa esta que já um velho poeta da nossa lingua denunciava, e não era o primeiro, com esta comparação : « o muito mimo empece a planta. » Mas, em todo caso, se isto é culpa, *felix culpa*; a troco de algumas partes laboriosas, acabadas de mais, ficam as que o foram a ponto, e fica principalmente o costume, o respeito da arte, o culto do estylo.

Manhan de caça, *A volta da Galera*, *Contraste*, *Em caminho*, *A janella de Julieta*, e não cito mais para não parecer que excluo as restantes, darão ao

leitor essa feição do nosso poeta, o amor voluptuoso da fórma.

Não lhe pergunteis, por exemplo, na *Manhã de caça*, onde é que estão as aves que elle matou. O poeta sahiu principalmente á caça de bellos versos, e trouxe-os, argentinos e sonoros, um tropheu de sonetos. Assim tambem n'outras partes. Nada obsta que os versos bonitos tragam felizes pensamentos, como pintam quadros graciosos. Uns e outros ahi estão. Se alguma vez, e rara, a acção descripta parecer que desmente da stricta verdade, ou não trouxer toda a nitidez precisa, podeis descontar essa lacuna na impressão geral do livro, que ainda vos fica muito; fica-vos um largo saldo de artista e de poeta, — poeta e artista dos melhores da actual geração.

MACHADO DE ASSIS.

14 de Janeiro de 1884.

PRIMEIRA PARTE

Ao Dr. Ferreira de Araujo.

PRELUDIO

La Nymphe poésie,
Aux cheveux d'ambroisie
Avec son art subtil
Revient d'exil.

BANVILLE.

Resplandecentes creanças,
Rimas dispersas em dansas,
Volateando suaves,
Como aves;

Sonhos que a myrrha perfuma,
Chimeras brancas de espuma,
Do aljofar das alvoradas
C'roadas;

Wilis, sereias e nixes,
Turquezas, róseos onixes,
Granadas, beryllos, prasios,
Topazios;

Bandos de fadas errantes,
Chusmas de genios brilhantes,
Sombras de ignotas Illyrias,
Walkyrias;

Voltae nas azas do idyllio!
Rasgae as nuvens do exilio,
Abri as azas cheirosas
De rosas!

Dos verdes bosques sombrios,
Dos claros, limpidos rios
Trazei, sagradas redomas,
Aromas!

E os sons das lubricas festas
Que vão troando as florestas,
Onde andam á luz, em bando,
Cantando,

Nayades, mythos, assombros,
Nymphas de esplendidos hombros,
Molhando d'agua nos veios
Os seios!

Corda por corda de flôres,
Nota por nota de amores,
A lyra que morta cae-me
Banhae-me!

Chegae dos longes Eurotas,
O' cysnes, ibis, gaivotas,
— Alados lirios de pluma
De espuma!

Chegae, ó nuvens rosadas,
Nuvens de seda espalhadas
Na luz vibrante e sonora
Da aurora!

Chegae, ó anjos dispersos,
O' anjos que encheis meus versos,
Poesia, sombras cheirosas
De rosas!

PHANTASTICA

Erguido em negro marmor luzidio,
Portas fechadas, num mysterio enorme,
Numa terra de reis, mudo e sombrio,
Somno de lendas um palacio dorme.

Torvo, immoto em seu leito, um rio o cinge,
E, á luz dos novilunios argentados,
Vê-se em bronze uma antiga e bronca sphinge
E lamentam-se arbustos encantados.

Dentro, assombro e mudez! quedas figuras
De reis e de rainhas; penduradas
Pelo muro panoplias, armaduras,
Dardos, elmos, punhaes, piques, espadas.

E inda ornada de gemmas e vestida
De tyros de matiz de ardentes côres,
Uma bella princeza está sem vida
Sobre um tóro phantastico de flores.

Traz o collo estrellado de diamantes,
Mais claro ainda do que a espuma jonia,
E rolam-lhe os cabellos abundantes
Sobre pelles nevadas da Issedonia.

Entre o mudo esplendor dos artefactos,
Em seu regio vestibulo da assombros,
Ha uma guarda de anões estupefactos,
Com trombetas de ebano nos hombros.

E o silencio por tudo! nem de um passo
Dão signal os extensos corredores;
Só a lua, alta noite, um raio baço
Põe da morta no thalamo de flores.

O INTERIOR DA CAMARA

Hontem, passando junto á sua porta,
Quiz vel-a e, taciturno acompanhando
Alguem, no quarto entrei onde ella estava,
Onde o clarão da lampada beijava,
Entre os niveos lençóes, seu rosto brando.

A mesma costumada singelleza
Notei em tudo que outra vez fitara,
Quando, naquella camara elegante
Entrando, vi-a pallida, offegante,
Aos mornos raios de uma tarde clara;

Aberto sobre a mesa o mesmo livro;
Jarras com flores, rosas em grinaldas
No toucador, — o espelho reflectindo,
Como um fundo de luz, concavo e lindo,
Seu diadema e seu broche de esmeraldas.

Junto ao leito, suspenso o mesmo quadro
De uma serena e livida gravura...
Nada alterara o toque delicado,
Leve e subtil, áquellas cousas dado
Por sua mão assetinada e pura.

E, attentando em tudo o que ali via,
Ninguem, acaso estacionando á porta,
Diria, o olhar lançando contristado
Sob o flóreo docel do cortinado,
Que aquella creatura estava morta.

A PRIMEIRA PAIXAO

Accordo em pleno sol : a natureza agora
É que interpreto e julgo; e como ao deslumbrado
Olhar meu tudo é grande, o céu, o espaço, a aurora,
O homem, a terra, a flor, o oceano azulado!

Dentro e em redor de mim, — todo o infinito em fóra
E alma em fóra — ha o rumor da festa de um noivado...
Canto, sinto-me bem... Vale todo o passado
Este instante em que vivo, o raio azul dest'hora.

Oh! bemdita essa mão que a timida carcerula
Onde minh'alma anciava ora apresenta aberta,
Como a concha do mar em que palpita a perola!

Bemdito este primeiro estremecer da fibra
Que eu suppunha faltar-me e que afinal desperta,
Que nunca alguem vibrara e que ella agora vibra!

O QUE SE VÊ NOS OLHOS AZUES

Se esses brilhantes olhos seductores
Avido encaro, sofrego analyso,
Como, de lente armado, se é preciso,
Estuda o sabio a cellula das flores;

Nóto ao principio, allucinado, attento,
Nelles um ponto azul, e, penetrando
Mais fundo, abertas vejo rutilando
Duas camaras côr do firmamento,

Duas formosas camaras azues,
E, dentro dellas, arco e flecha erguidos,
Dois amores pequenos e atrevidos,
Movendo no ar os seus bracinhos nus.

SABOR DAS LAGRIMAS

A bella grega Hermé, que vae captiva,
Não chora, não, — mas seu olhar revêde :
Vereis que delle amor brota e deriva,
Amor que a prende na ineffavel rêde.

Quando o deserto vem e a vista o mede
Tão grande! Hermé, que á voz dos mais se esquiva,
— « Dá-me tu de beber, que eu tenho sêde » —
Diz ao que perto tem, que amor lhe aviva.

Filho da mesma terra, o prisioneiro,
Bello como ella, — em roda olha o caminho...
Agua não vê, mas chora, e o derradeiro

Pranto dá-lhe a beber na mão tomado...
E ella ao sorvel-o : « Inda é melhor que o vinho
Bebido em grego cyatho dourado! »

A VOLTA DA GALERA

Quasi em Corintho. As velas exquisitas,
Purpuras velas de real trireme,
Pandas ondulam; a agua escura freme
E ouve-se a espaço a voz dos thalamitas.

— Praias do ionio mar, sêde bemditas!
A torre vejo e a luz que vela e treme;
Phrynia me espera e desolada geme,
Do alto encarando as aguas infinitas.

Tal ao concento de impellidos remos
Ouvia a noite a alguem que velejava,
A alma espraiando em lagrimas e extremos;

E perto as praias nitidas medindo,
Curvas, sem termo, a sombra meditava,
Do hombro a chlamyde aos ventos sacudindo.

Á MINHA MAE

Talvez se abriu com a luz da tua aurora
Um sol de amor, teu santo olhar dourando;
Foste bella, talvez, — triste e pensando,
És hoje a mãe que em desespero chora.

Nessa adorada face, que descora
Hoje a vigilia e as rugas vão sulcando,
Viu meu pae essa luz que ainda agora
Vae seu pallido inverno alumiando.

E amaste e foste amada, e mãe na vida
Não houve nunca que affeições maternas
Mais elevassem, desse amor nascida;

Pois com teu sabio exemplo nos governas,
E nós beijamos essa face ungida
E orvalhada de lagrimas eternas.

H. HEINE

O mar tem suas perolas, em calma
Tem o céu mil estrellas, minha flor;
Mas minh'alma, minh'alma, esta minh'alma
Tem teu amor!

Grande é o mar, grande o céu, porém maior
É o meu coração, lirio singello;
Mais que os astros, que as perolas mais bello,
Brilha este amor!

É teu! é teu! é teu todo o meu peito,
Todo o meu peito que se mescla, flor,
Ao grande mar, ao grande céu, desfeito
Num só amor!

A UMA ARTISTA

Ouvindo o peito popular que estoura,
O bravo, o applauso, o ruido, os murmurinhos,
Palmas e palmas em redemoinhos
Saudando-te, oh! mulher encantadora!

Parece-me que vejo, entre os caminhos
Do mar, que a luz da Grecia antiga doura,
Amphitrite de pé na concha loura,
Arrebatada por dragões marinhos;

Surgem tritões que aos monstros voadores
Tomam da redea, um turbilhão de flores
Brota a espuma que bufa o sorvedouro;

Roda o carro nas aguas, e a formosa
Deusa sorri, na pompa magestosa,
Impondo ás ondas o seu sceptro de ouro.

AS ESTRELLAS

Commigo, a sós, o espaço contemplando,
Triste e de pé no marmore da escada,
Com o róseo dedo a luminosa enfiada
Dos astros, pela noite, ias contando.

— Vês, sobre o mar, as aguas argentando,
Aquella estrella — perola nevada?
E aquella?.. e aquella?.. E á tua voz amada
Novas estrellas vinham despontando.

E esta, do azul na transparente umbella,
Bem sobre nós a scintillar? E aquella?...
E aquella?.. Olhando o limpido thesouro

Dos astros, reclinada no meu braço,
O céu miravas... quando encheu-se o espaço
Da doce luz do plenilunio de ouro.

APHRODITA

I

Movel, festivo, trépido, arrolando,
Á clara voz, talvez, da turba iriada
Das sereias de cauda prateada,
Que vão com o vento os carmes concertando,

O mar, — turqueza enorme, illuminada,
Era, ao clamor das aguas, murmurando,
Como um bosque pagão de deuses, quando
Rompeu no oriente o pallio da alvorada.

As estrellas clarearam repentinas,
E logo as vagas são no verde plano
Tocadas de ouro e irradiações divinas;

O oceano estremece, abrem-se as brumas,
E ella apparece nua, á flôr do oceano,
Coroada de um circulo de espumas.

II

Cabello errante e louro, a pedraria
Do olhar faiscando, o marmore luzindo
Colorido do peito, — nua e fria,
Ella é a filha do mar, que vem sorrindo.

Embalaram-n'a as vagas, retinindo,
Resoantes de perolas, — sorria
De vêl-a o golfo, se ella adormecia
Das grutas de ambar no recesso infindo.

Vêde-a : veio do abysmo! Em roda, em pello
Nas aguas, cavalgando onda por onda
Todo o mar, surge um povo estranho e bello;

Vém a saudal-a todos, revoando,
Golfinhos e tritões, em larga ronda,
Pelos retorsos buzios assoprando.

III

Clytia, qnando tu vens e a mão nervosa,
Fino alabastro, as roupas te desata,
E nua surges e entras n'agua, anciosa,
Dando ás vagas o collo que arrebata;

Não sei, mulher, que amor que abrasa e mata
É este, ao ver-te a fórma primorosa,
Que em suas linhas nitidas retrata
Marmor polido de pagan formosa.

Mas quando o corpo esculptural, perfeito,
Mólhas na vaga e a coma te fluctua,
Como em doudo pulsar me estala o peito!

Tremo de zelos e o meu ser recúa
Vendo-te, e vendo o mar que vem desfeito
Lavar-te em beijos, Aphrodita nua.

SANTA

Creio no bem, creio em ti
Quando o teu labio sorri
E falas e me parece
Que a tua voz é uma prece.

Quem te pudéra levar
Para te pôr num altar!

Vissem-te os maus e duvido
Que os peitos seus alquebrados
Por males continuados
Tivessem mais un gemido.

Quem te pudéra levar
Para te pôr num altar!

És doce como um exemplo,
És pura e san como um templo,
Todo de flores coberto
E dominando um deserto.

Quem te pudéra levar
Para te pôr num altar!

Creio no bem, na piedade,
Pois tudo o que é grande e santo
Te empresta não sei que encanto,
Que graça, que claridade...

Quem te pudéra levar
Para te pôr num altar!

A JANELLA DE JULIETA

Esta é a alegre janella namorada,
Onde a meio ella á noite se reclina;
Eis o vaso com flores, a estimada
Violeta murcha, a dahlia purpurina...

Esta odorosa essencia delicada
Vem desta movel planta peregrina
Que o muro vinga, o peitoril domina
Em torsa, aerea, caprichosa escada.

Quando a lua apparece, alva e brilhante
Parte a primeira perola formosa
Destes vidros no fulgido diamante;

E a alma aqui se extasia e sonha e gosa
Vendo oscillar na camara elegante
Das cortinas a fórma vaporosa.

Á LUZ DO OCCASO

Que tarde aquella, flor! Abençoada entrevista
Essa em que te osculei a fronte immaculada;
Lembra-te ainda o quadro? — aquelle sol e a crista
Da montanha fronteira, ao longe esponteada...

Um céu nitido, azul, quasi a perder de vista;
Eu ao teu lado, tu, á grade debruçada,
Fitando-me ao voltar da pagina, enlevada
Lias um livro de Heine, o ironico humorista.

Entre a informe Babel das grandes nuvens de ouro
Occultara-se o sol. Como em soturno côro,
Subiam do jardim vozes, queixas, arpejos...

Voltaste o teu olhar então áquella banda;
Chorava o teu canario á sombra da varanda...
— Oh! tarde! oh! monte! oh! sol! oh! derradeiros beijos!

SAUDADE DA ESTATUA

Morreste! mas, mulher, o que ora invade
Meu ser inteiro, subito ferido,
É a saudade do idolo partido,
Não a vulgar e pallida saudade;

É a saudade do marmore, a anciedade
De quem contempla um torso, em mudo olvido,
Roto do tempo em furia ao pulso erguido,
Da estatua em ruina a morta magestade.

Sim! que mesmo ajoelhado, a rósea espuma
Beijando dos teus pés, bem que o sabias!
Nunca te amei como se amar costuma;

Nunca! e ainda agora o que me punge e traz
De estranho affecto lagrimas tardias
É um reflexo de marmor, — nada mais.

EM CAMINHO

Vae pallida de susto na viagem,
Sobre o cavallo contumaz que embrida
De quando em quando, a loura e bella Armida;
Sigo-a, segue-me após o lesto pagem.

Dens'umbroso sertão que a amar convida,
Ermo retiro, flórida paragem,
Tudo, atravez da pendula ramagem,
Cortamos, galopando a toda a brida.

Mas eis que um rio subito apparece,
Da estrada em meio, undoso, derramado...
Susto a marcha aos corceis, o pagem desce,

Treme a dama, eu, que avanço, encosto-a ao flanco,
Emquanto n'agua o pagem salta ousado
E as redeas toma ao seu cavallo branco.

CONTRASTE

Junto á pedra da estreita sepultura,
Onde o ultimo somno agora gosa
Seu anjo, a mãe, curvada, afflicta e anciosa,
As mãos torcendo, uma oração murmura.

E, estranha scena! maio, em flor, da escura
Mansão dos mortos faz mansão formosa,
E erra, alado e subtil, de rosa em rosa,
E, alado, em torno, o sol brilha e fulgura.

O negro cemiterio é todo encanto,
E aos derradeiros sonhos, aos amores
Derradeiros envolve em flóreo manto;

E a terra, a grande mãe, as fundas dores
De outra mãe desconhece e, vendo-a em pranto,
Em vez de em pranto abrir-se, abre-se em flores.

JUNTO AO MAR

Ella, formosa e timida creança,
Receia o mar, se, vendo-me ao seu lado,
Sente-o quebrar-se movediço, irado,
Sente-o que ora recúa e que ora avança.

— Se houvesse ao menos uma onda mansa!
Mas o vento atropela-as desatado;
E ella, com um ar de passaro assustado,
Ella, enrolando no meu braço a trança,

Que medo! exclama, e toda se recosta.
Nisto, de encontro aos farelhões da costa,
Ruge, ribomba, anceia, estala o oceano...

Ah! parece-me um tigre! ella murmura,
Mas do mar aos meus olhos a figura
Faz-me lembrar o coração humano.

VELHA PAGINA

Bom tempo aquelle, em que do namorado
Volver de uns olhos á caricia amiga,
A alma espraiei na virginal cantiga,
Sob um céu tropical, quente e estrellado.

Do amor nos estos, que á loucura obriga,
Quanto plano na mente architectado,
Quando eu sonhava arrebatal-a ousado,
Como a Lenora da ballada antiga!

Hoje, olhando o passado, aberto ao meio
O ementario do amor, sentido e vago,
E' o livro apenas que compulso e leio,

E onde, imitando um bandolim queixoso,
Passa e repassa, em namorado affago,
Das saudades o bando vaporoso.

Sans nommer le nom qu'il faut bénir et taire.

SAINTE-BEUVE.

Quanto ha em mim de amor e de bondade,
Quanto á causa do bem me torna affeito,
Quanto alegre me traz e satisfeito,
Alegre e satisfeita a mocidade;

Quanto em minh'alma existe de verdade,
Quanto aspiro, mulher, quanto aproveito,
Devo-te a ti sómente, que em meu peito,
Mais que o amor, me infundes a piedade.

E se é dado inda ouvir-te a quem ouvido
Tem sempre a tua voz e recordando
Anda sempre os teus actos commovido :

Fala-me ainda, archanjo venerando!
Fala-me ainda, e o novo bem trazido
Irei por sobre os homens derramando.

VOZ DA NOITE

Nestas doridas horas da calada
Da noite, inquieto meditando ainda
Um velho assumpto, escuto em voz maguada
Lá fóra um canto de ternura infinda.

Suspenso então: que lyra enamorada,
Que guzla ou harpa ou cythara bemvinda
Anjos vibram, que em tremula toada
A alma arrebata pela noite linda?

Indago. E presto a porta, embevecido,
Abro. Derramo na amplidão vasia
Os olhos meus e applico attento o ouvido...

Mas cessa o canto, e nos dormentes ares
Vejo apenas a lua, enorme e fria,
Calma, suspensa, dominando os mares.

COFRES PARTIDOS

A'MORTE DE GONÇALVES CRESPO

Onde não sei, mas li que uma princeza
Houve que certa vez, porque a ferira
Pesar estranho, contra o chão partira
Um raro cofre de oriental belleza;

E quando ao golpe o escrinio se entreabrira,
Como irisada lagrima reprêsa,
Fulge o diamante, a perola, a saphira,
O onix, o prasio, a pedraria accesa.

Como aquella princeza mysteriosa,
Tu, contra a pedra tumular e fria,
Vens de quebrar teu cofre côr de rosa...

Ah! quem ao collo as perolas mais puras
Te recolhera, no final do dia...
Doce musa gentil das *Miniaturas!*

NO MORE

Partiste! ao mar falei, que a ti te ouvia,
A praia interroguei, que a ti te amava,
A'luz do luar falei, que te encantava,
A tudo interroguei, que te queria.

Sem uma voz, o piano teu dormia,
E o espelho procurei a ver se dava
Inda um reflexo teu, — mas ermo estava...
De ti, nada que é teu, nada sabia!

Não me responde um écho do que existe,
Um som não me responde, interrogando
O amplo espaço idéal d'onde partiste;

Nem ao menos teu passo me falando!
Apenas — dor maior á dor mais triste,
Tu — viva na minh'alma e eu te buscando!

VISÃO DO TISICO

É sinuosa, horrenda e lugubre a subida;
Escorrega de sangue e lagrimas. O passo
Não tem som, não tem écho, e, alevantando o braço,
Toca-se a escuridão, como uma tenda erguida.

E o trajecto aborrece! e a vereda é comprida!
Quer-se o ar, quer-se a luz, deseja-se o mormaço,
Que o frio assombra e corta, enregelando o espaço...
E vê-se noite só, noite erma e indefinida!

E o alto, onde está elle! e o fim ? Subterraneo
Ouve-se alguem cavar... e nos passa no craneo,
Lá no fundo, um ar frio... E a luz, que é feito d'ella?

E agora esta mulher, que a rir nos acompanha!
E a ladeira infinita! e a lugubre montanha!
E o céu negro! e no céu nem sequer uma estrella!

O LEQUE

Era um leque real; obra de eximio artista,
Mimo, talvez, de um deus. A' sua estranha vista,
Deante da alma, irisado em pedras multicores,
Em crystaes, em rubins, em perolas, — acceso
Em estrellas, — abrindo as azas de ouro ao peso
De uma gruta de flores,

Errava esplendoroso um sonho; a phantasia,
Louca e lubrica, os céus e os mares investia
E, no sol e no azul das aguas, luminosa,
Como um passaro doudo, a um tempo revoando,
Vaga, incerta, febril, mergulhava cantando
As azas côr de rosa.

Era o leque, talvez, que os elfos agitavam
Nessa noite em que á lua errantes celebravam
As nupcias de Titania a loura; arrebatado
Fôra, talvez, ás mãos da Amphitrite marinha,
Quando as redeas de prata em largo mar sustinha
Ao plaustro illuminado.

Dormira um dia á flor do regaço tranquillo,
Do collo esculptural da *serpente do Nilo*,
De Cleopatra nua, — emquanto a aragem freme
Na auriphrygiata vela, e, á flauta que resoa,
Rasga um sulco no mar com a refulgente proa
A luxuosa trireme.

Na brilhante armação de nacar levantino
Desse leque o cinzel de um genio peregrino
Incrustara, arrojado, em scintillante estemma,
A alma inteira : o coral da illusão, a amethysta
Do sonho, a gloria, tudo, allucinando a vista,
Em radiante poema.

Via-se alli naquelle artistico relevo
A loucura; a paixão, no primitivo enlevo,
Abre o olhar de topazio, enfebrecida logo
Rutila em rubro mar de purpuras, abrasa,
Arde, queima, incendêa, alando á ponta da aza
Os seus rubins de fogo.

O amor chora e sorri, e a lagrima que escalda
E' um diamante suspenso ás mãos de uma esmeralda;
Logo a melancolia os olhos scismadores
Ergue; vê-se atravez de uma turqueza a magua;
Geme a saudade e aos pés de um branco pingo d'agua
Brota um mundo de flores

A pagina de seda aos olhos representa
Uma gruta. É na Grecia. Em vaga luz que augmenta,
Oriental, entre a rama implexa, destacando

O fundo, linha a linha, — uma estranha figura
Está, com pés de cabra, em meio da espessura
Dos myrthos retouçando.

Perto a lympha, — um pequeno e tremulo, arrufado
Fio de viva prata, em leito nacarado
De esparsas conchas. Talha o crystallino veio
Roseo pé, — é uma deusa. A corrente fendida
Docemente borbolha, em frouxa espuma erguida
E recurvado seio.

Flavo e crespo ondulando o rutilo cabello
Cae da nayade, — é bella! Esplendido modelo,
Attrae, fascina o collo, um marmore que cega,
E onde fresca resalta a graça primitiva
Que, com um raio de amor, a pedra inerte aviva
Da estatuaria grega.

Sente-se então no leque, ante a ideal pintura,
Um quê jámais expresso, uma ardente loucura...
Lume flagrante expira, absorto e deslumbrado,
O olhar; de chispa em chispa, o desejo incendido,
Como um facho, atravessa em musico alarido
O organismo extasiado...

Mas a um lado, afastando o virente embaraço
Dos canniços de ao pé, surge um versudo braço :
E eis a tremula voz de uma flauta argentina
Começa a despertar o silencio. Encantada,
Repete a gruta em peso a musical toada,
A estrophe crystallina.

Volve os olhos então a nayade medrosa :
— Que mavioso gemer, que musica amorosa
E' esta? Indaga... E nisto a fórma inteiramente
Surge de um velho deus, de Pan... Como um sorriso,
Fecha o quadro um olhar cubiçoso, indeciso,
E um gesto indifferente.

SEGUNDA PARTE

A' memoria de Arthur de Oliveira.

VIDA NOVA

Na vida que tenho agora
Faço canções vaporosas;
Inspira-me a luz da aurora,
Lê-me a bohemia das rosas.

O metro sae-me enfeitado
Da inspiração matutina,
Como de um berço encantado
O rosto de uma menina.

Do monte á sombra, dos valles
No seio campestre e amigo,
Deslembro passados males,
O triste viver antigo.

Ouço como a voz sincera
Das folhas, dos ramos, quando
Pergunto se a primavera
E' que anda ao longe cantando.

Logo bem cedo, mal saio
De casa a ver, em surpreza,
Do sol ao primeiro raio
As festas da natureza;

O madrigal, nos caminhos
Bordados de heras viçosas,
Salta entre o verde dos ninhos,
Canta entre as moitas das rosas.

Então, como o deus do Lacio,
Occulto-me entre as ramagens,
E leio uma ode de Horacio
Aos velhos troncos selvagens.

Tudo me arrouba, essa festa,
O bosque, a luz da manhan;
Deante de uma floresta
Sinto a minh'alma pagan.

Daqui ninguem mais me arranca;
Vou me sentindo mais forte;
O sol agoiros espanca...
Vivamos longe da morte.

Levante-se o corpo exangue!
Longe o terror, as paixões!
Borbulhe a estrophe do sangue
Na rigidez dos pulmões.

Ah! como é bom ter em frente
Da casa em que nós moramos
Um claro jardim florente,
Um verde mundo de ramos!

Cada uma daquellas flores,
Que vemos da porta aberta,
Entende das nossas dores,
Fala á noss'alma deserta,

BEIJA FLORES

Os beija-flores, em festa,
Com o sol, com a luz, com os rumores,
Saem da verde floresta,
Como um punhado de flores.

E, abrindo as azas formosas,
As azas auri-fulgentes,
Feitas de opalas ardentes
Com coloridos de rosas,

Os beija-flores, em bando,
Bohemios enfeitiçados,
Vão como beijos voando
Por sobre os virentes prados;

Sobem ás altas collinas,
Descem aos valles formosos
E espraiam-se após ruidosos
Pela extensão das campinas.

Depois, sussurrando á flux
Dos cactos ensanguentados,
Bailam nos prismas da luz,
De solto pollen dourados.

Ah! como a orchidea estremece
Ao ver que um delles, mais vivo,
Até seu germen lascivo
Mergulha, interna-se,desce...

E não haver uma rosa
De tantas, uma açucena,
Uma violeta piedosa,
Que quando a morte sem pena

Um destes seres fulmina,
Abra-se em férvido enleio,
Como a alma de uma menina,
Para guardal-o no seio!

AO AR LIVRE

Quando o poeta, alma a que a scisma
Nas azas conduz e leva
E em si mesma entra e se abysma,
Como uma estrella na treva;

Em sua noite fechada,
Em sua acerba tristeza,
Abre a janella dourada
Que deita p'ra a natureza;

Oh! nessa mãe piedosa
Tudo o recebe em carinhos,
Desde a relva onde haja a rosa
Até o musgo onde haja os ninhos.

A piedade Deus semeou-a
Da estrella ao verme; da altura
Ao baixo abysmo ha doçura,
Tudo ama, tudo perdoa.

Tudo, se ha mal que dementa,
Se ha dor que profunda cala,
Nos soccore e nos alenta,
Nos aconselha e nos fala.

O amor, que até os maus sublima,
Anda por tudo espalhado,
Brilha nos astros, lá em cima,
Canta nas aves do prado;

E o poeta escuta essa eterna,
Mysteriosa harmonia
Que enche de assombro a caverna,
E enche de raios o dia;

Escuta, e pasma, e caminha;
Da dor nem resta metade;
Su'alma é como a andorinha
Deante da claridade.

Depois, á estrophe incendida
Que ouve por tudo absorto,
Estrophe que diz — confôrto,
Diz — esperança, diz — vida;

Su'alma ardente encerrando
Toda extasiada num grito,
O poeta exclama, fitando
Não sei que luz do infinito :

« Salve, entre os anjos e as chammas
Que enchem as vagas alturas,
Tu, grande mãe, que nos amas
E as nossas feridas curas,

Quando um de nós, lancinado
Pelos espinhos da dor,
Cae soluçante e ajoelhado
Deante do teu amor! »

CONSELHO

Se te punge uma dor que dizes sem remedio,
Se a alma tens em tortura, em desespero, em tedio,
Se um peito aqui não vês que o teu pesar suspenda,
Que o teu genio console e a tua dor entenda,
Poeta! o bosque é largo e ao que o homen não cura,
Á tristeza, ás paixões, á magua, á desventura,
A natureza tem um allivio, por certo.
Entra pela floresta, a alma escruta ao deserto,
Fala ao ermo, ao silencio, ás arvores, a tudo,
Ás massas de granito, ás relvas de velludo,
Ás aguias da montanha, ás flores da planicie;
Ouve o insecto que zumbe e escuta á superficie
Dos rios a voz da agua, olha, contempla, abraça
A bauhinia oscillante e a liana que se enlaça
Ao tronco, e se tens somno ao tronco te recosta;
Dorme! accorda com o dia e sobe pela encosta
A' montanha, a que o sol primeiro a luz envia;
Interroga a montanha e entretem-te com o dia,
Vendo subir no ar os rolos multicores

Dos insectos da varzea, o halito das flores
Aspirando no vento errante das collinas,
Encarando a amplidão longinqua das campinas,
E á noite, ao soluçar de uma infinita lyra
Que anjos pulsam no espaço e em cada voz suspira,
Quando a prece, talvez, das cousas vae voando,
Resa, se tu tens crença, e adormece resando;
Emquando o azul floresce e as estrellas medrosas
Luzem alto, á feição de um branco mar de rosas,
Vem a lua tardia e illuminam-se os campos
A' phosphorea explosão dos soltos pyrilampos.

Vem! Na lizura humedecida e clara
Do espelho desta lympha aqui vizinha,
Verás que orgulho o meu por seres minha,
Vendo o teu rosto que me anima e sara.

Já dos brotos floraes, que inflado tinha,
Maio sacode a florescencia rara;
Palpita o bosque, e o sol, de linha em linha,
Serras e valles circumfuso aclara.

Vem! reaccendendo a luz etherea e pura
Do nosso amor, nesta estação dilecta
Desfolhemos as rosas da ventura;

Tudo te chama! e o deus que mais inquieta
Arco e carcaz na selva dependura,
De semicapros satyros repleta.

O RIO

Negro, putrido, estanque o rio immenso dorme,
Da floresta no chão sumindo as aguas,— onde
Como combusto espectro, o annoso tronco informe
Mira ao queimor do sol a retorcida fronde.

Como um berro de dor que á assolação responde,
Ruge sedento o leão na calmaria enorme,
E a voz longinqua e rude a gruta e a brenha esconde
E estanque, immoto e negro o rio immenso dorme.

Seccas folhas que o vento acarretara, a espatha,
O ramo, a flor sem vida, os despojos da matta
Juncam-lhe a face torva. Emtanto o sol a prumo

Arde sempre, o calor, a irradiação funesta
Tudo combure, abrasa... E, estanque no seu rumo,
Dorme esquecido o rio atravez da floresta.

AO SOM DA AVENA

Vem ! morre o sol no occaso
E a varzea, o campo immenso
É como um grande vaso
Todo incenso.
Em cada moita accorda
Um hymno e em cada escarpa,
Como, de corda em corda,
Canta um'harpa.

E cada folha espelha
Esse clarão ardente
Que as nuvens avermelha
Do occidente;
A luz subtil, esparsa,
O grande tanque inunda,
Onde o pescoço a garça
Molha e afunda.

Além, na serrania
Bate um reflexo louro;
Já vae fechando o dia
A aza de ouro...
Vem! morre o sol no occaso,
E o ar, o campo immenso
É como um grande vaso
Todo incenso

PESADELO

Serra escarpada, escura, inteiramente escura,
Pino da noite. A sós, por entre a ventania,
Num sinistro cavallo encruzo a immensa altura
E ouço rente ao cabello a chuva que assovia.

Treme convulsa ao vento a agreste ramaria,
Ronca o despenhadeiro, ulula a atra espessura,
E eu, tranzido de horror, toda a extensão sombria
Corto á escarpada serra, inteiramente escura.

Mas, de prompto, estacando á rubra luz de um raio,
Erriça-se o corcel, faltam-me os pés, eu caio...
Rólo no precipicio, — as mãos ensanguentando

Nas raizes, e emtôrno, em cada pedra bruta
Que me acompanha e ruge e em cada horrenda gruta
O rumor infernal do meu corpo escutando.

A TORRENTE

Da serra azul, onde a palmeira medra,
Onde paira a neblina, se deriva,
Entre abertos lisins de esconsa pedra,
Um fio de agua viva;
Exiguo e frouxo, palmo a palmo, avança
Pela escarpada; a folha, de passagem,
Leva, rodeia os troncos, não descansa
Não pára na viagem.
Ora entre os lichens verdes serpentêa,
Corre entre os fetos, geme na fragura,
Ora caminho aberto em livre areia
Acha, — avança, murmura,
Desce, depois mais volumoso, arreda
Quanto encontra e, augmentado em cada fragua,
Recúa e salta, erguendo em cada queda
O seu pennacho d'agua;
Com a chuva engrossa, rue no chão da gruta,
Cascata agora, — a penedia bronca

Mina-a em redor, desloca-a, immensa e bruta,
Leva-a, espumeja e ronca;
A tudo investe, abala, desimplanta,
Destróe, derruba, na evulsão crescente,
E ruge das quebradas na garganta
A impetuosa torrente.
Negra socava, tetrica, soturna,
Treme e retumba; as aguas passam; — tudo
Geme, — os ninhos, a flor, o antro, a furna,
Áquelle embate rudo.
No valle, emfim, torcendo a crystallina
Juba, se atira e em echos se propaga
A torrente caudal, e ora a campina
E as floresta alaga
Em rio audaz que as fertilisa e banha,
Calma agora volvendo as ondas fundas :
Pois, como a idéa, as aguas da montanha
Querem ser livres para ser fecundas.

MAGIA SELVAGEM

Com ledo rosto e coração festivo,
Seguindo o atalho do regato á beira,
Entro ás vezes na selva que peneira
Orvalho e sol, como um dourado crivo.

Fronte ensombrada, aspecto pensativo
De arvores mil, abobada altaneira
De entrançados festões, — estranho e vivo
Templo, arcadas de lucida madeira;

Passaros, flores, petalas ungidas
De orvalho, errantes plumas coloridas,
Rios, penhascos, sol esplendoroso,

Claros de céus radiando em flóreo prisma...
Tudo, ajoelhado e tremulo, me abysma,
Cego de assombro e extatico de goso.

FALANDO AO SOL

Cante a cigarra embora,
A prumo o sol fuzile;
Este pesar de agora
Não ha canto que o ponha mar em fóra
E nem ha luz que o exile.

Posso escutar, é certo,
A grande natureza,
Pois que a tenho tão perto;
Mas ah! sorrir-me, não, que n'alma aperto
Uma immensa tristeza!

O monte enorme cante,
E de ouro ajaezado,
Como o bronco elephante,
Da Asia pisando no areial sagrado,
Olhe o sol fulgurante;

O sol rubro scintille,
Cante a cigarra embora;
Este pesar de agora
Não ha canto que o ponha mar em fóra
E nem ha luz que o exile.

RAIOS DOURADOS

'Cae na fresca verdura
Onde se occulta a flor,
Raio da luz mais pura,
Raio de sol, que é como luz de amor;
E as petalas vermelhas
Dos calices suspensos
Vertem nuvens de incensos,
Entre um zumbir de innumeras abelhas.

Á magica influencia
Dos luminosos beijos,
Que doce transparencia
No azul! que festas! e no val que arpejos!
A vida se alevanta,
Accorda o mundo agora,
E a luz forte e sonora,
— Sorriso eterno — resplandece e canta.

E em sol tudo se embebe!
Zine a ardente cigarra,
E longe se percebe
Como um toque de estridula fanfarra;
A palmeira segreda...
E ao vento, em brando anceio,
Abre a espatha de seda,
Como uma virgem descobrindo o seio.

Encontradas se enlaçam
As multiplas lianas;
Insectos esvoaçam
Das bromelias nas verdes espadanas;
E o rio, que se tinge
De ouro, ao sol, que retrata,
Como um cinto de prata,
Róla entre as pedras e a floresta cinge.

Abre-se um beijo em tudo!
E a alma do grande amor,
Em mystico esplendor,
Da azul myosotis ao penhasco mudo,
Estremece e, divina,
Essa alma poderosa,
Atravez da campina,
Atravez da floresta rumorosa,

Coada em subtis lumes,
Solta, vaporisada
Em diversos perfumes,
Vae fecundando a cellula dourada,

Ao sopro creador,
Onde a vida se agita
E se move e palpita,
Sonhando o sol, a natureza, o amor!

AS BORBOLETAS

Nessas claras manhans de firmamento escampo,
De ar mais puro e de sol mais livremente aberto,
Qual mais linda, ellas vêm, ora atravez do campo
Ora em tremulo enxame atravez do deserto,

Como ao vento esparzido um punhado de flores,
Buscar ao pé do rio as boninas singellas,
E entrecruzar-se á luz com as variadas côres,
Brancas, verdes, azues, rajadas e amarellas.

Num sereno rumor indistincto, cortando
O ar de aromas que vêm das plantas saturado,
Vejo ás vezes passar o fugitivo bando,
Varzea ao longe, estendendo o vôo prolongado.

Umas rente lá vão á chromula das folhas,
Outras voam mais alto, entrefechando e abrindo
A aza, outras vão do rio acompanhando as bolhas,
A agua, a penna erradia e as espumas seguindo...

Té que em meio de um valle onde a corrente brame
E revolta borbolha e rodopia inquieta,
Em suspensa columna, o selvatico enxame
Baila e treme do sol á caricia secreta...

PARA UMA VIOLETA

O alexandrino, poeta,
De que outras vezes te vales,
Não cabe dentro do calix
De uma violeta.

Arreda esse metro austero
Dessa creança formosa;
É o mesmo que deitar Nero
Junto a uma rosa.

Toma uma quadra pequena,
Em redondilha menor,
Fresca, orvalhada, serena,
Como uma flor;

Á aurora o vivido lume
Pede, e a dourada alegria;
Anima-a, dá-lhe o perfume
Da luz do dia;

Dá-lhe no estro em que te abrazas
Um par de azas, mas subtis,
Mas de ouro e azul... dá-lhe as azas
Dos colibris;

E em seu calix delicado,
Vae com cuidado lançal-a,
Mas olha : todo o cuidado!
Pódes magual-a.

As flores, como as creanças,
É assim que tratar tu deves :
Vê que são cousas tão mansas,
Cousas tão leves!

Guarda os teus odios insanos,
Teus raios e combustões
Para os grandes, os tyrannos,
Para os leões!

As rimas fervendo em lava,
As settas da intrepidez
Reserva-as em tua aljava
Para outra vez.

TRECHO DE CARTA

Ora aqui me distraio,
Amigo; o pensamento,
A alma cantando espraio
Por este immenso e arqueado firmamento.
Comprehendo, afinal,
Que desta enfermidade
A causa principal
Era uma forte, uma cruel saudade!
Sim, saudade! infinita
Saudade! immorredoura
Saudade que me agita,
A rever inda o mesmo céu que doura
Este sol que o dourava
Ha dez annos! a flor
Que me desabrochava
No coração com o seu primeiro amor!

Aqui, scismando acaso
Muita vez, distrahido,
Pelas horas do occaso,

No entreseio do valle em que resido,
Vou muitas leguas fóra
Pelo passado, abranjo
A sua immensa aurora
De azas de ouro, e é como se algum anjo
Então por mim passasse
E um punhado de rosas
Docemente esfolhasse,
Fugindo após nas ondas luminosas...

Mas, embora a ferida
Funda ás vezes, a magua
De lembrar essa vida
Me traga os olhos mareados d'agua,
Outro sou, nem pudera
Durar sempre a tristeza,
Quando anda a primavera
Arrancando ao lethargo a natureza...
Tudo accorda! e, sorrindo,
Á sombra solaçosa
De altas ramas,—abrindo
A alma dos sonhos, a alma cor de rosa
A tudo,—a encordoada
Lyra acaso pulsando,
Vou na festa inspirada
Minha pallida estrophe entresachando...

. . . . . .

MANHAN DE CAÇA

I

COMITIVA

Atrelada a matilha e prompto o pagem,
Galgámos os corceis. Era já hora.
Destra comnosco a pallida senhora
Ganhou de um salto a sella de viagem.

Nunca aos meus olhos foi mais bella a aurora,
Nunca o céu foi melhor, mais branda a aragem,
Do que ao lado dessa branca imagem
Que ia comnosco pela estrada fóra.

Seu roupão roçagante, seus cabellos...
Rompendo as sombras nosso olhar luzia,
Eramos todos victimas de zelos...

E longe, ao dia em fogo, arfava o oriente...
Mas a nós que importava a luz do dia
Se a dama, a nossa luz, ia na frente!...

II

SOBRE A MONTANHA

Quando ás cimas da serra, precintada
De errantes faxas, de hibernaes neblinas,
Cheguei, ouvindo as trompas argentinas
Buzinando á matilha alvoroçada;

Meu cavallo, que as sofregas narinas
Dilata á luz da matinal jornada,
Longe avistando a estrella da alvorada,
Nitre bufando e sacudindo as crinas.

E eu fito absorto o quadro do levante:
Rompe-se a noite, o dia triumphante
Crava um raio dos montes na muralha;

E os touros mugem na campina fria,
E o vento, como o heróe de uma batalha,
Rufa nos valles o tambor do dia.

III

NO VALLE

Guapos, lestos, alegres caçadores,
Ao som de torsa trompa que esfusia,
O echo ouvindo á matilha que latia,
Num valle entrámos de ridentes flores.

Alli, junto á lascada penedia
Que o musgo ennastra de subtis lavores,
Ora os troncos revendo ora os verdores,
A todos prostra o sol do ardente dia.

Longe, entretanto, em solitaria gruta,
Inda um ladrido rapido se escuta...
Mas na dama arde a sêde da viagem;

E um da alegre, festiva companhia,
Serve á senhora um pouco de agua fria,
Dobrando a folha a um tinhorão selvagem.

IV

A VOLTA

Vamos de volta. Sofregos remate
Esperamos ao dia ardentemente;
Uns, que os corceis têm promptos, vão na frente,
Outros, que os têm cansados do combate,

Seguem atraz. Um destes, que altamente
Ouve a outro dizer que se precate,
Prompto vibrando rigido acicate,
Sangra as virilhas do cavallo ardente.

Pontes, barrancos, bronca penedia,
Vallos profundos, pantanos lodosos
Vencemos em alada tropelia;

Eis chegamos, emfim! Victoriosos
Os cavallos relincham de alegria...
E apeamo-nos todos venturosos.

O PHILOSOPHO

Este que a verde, flórida espessura
Vago enamora e tem a casa erguida
Sobre a montanha, como branca ermida,
É um philosopho triste e sem ventura.

Junto á porta, já velha e carcomida,
De uma tosca e singella architectura,
Sob o arvoredo extenso que murmura,
Vae-se-lhe em sonhos o melhor da vida.

Contam que, ainda moço e enamorado,
Dera o prónubo annel a uma judia,
E a deixara na noite do noivado...

Hoje, em calma e serena phantasia,
Vive, escutando o vento prolongado
Remecher na silvestre ramaria.

CONVALESCENÇA

Emfim, da côrte poenta e rumorosa
Deixas a vida pelo sol aldeão;
Vamos te possuir, pomba formosa,
Por todo este verão.

Graças ao clima deste céu brilhante
E ao ar ambiente desta estancia rude,
Voltarão ao teu pallido semblante
As rosas da saude.

Como de um doce fructo a purpurina
Metade, que a appetencia desafia,
Hei de vêr-te essa boca peregrina
Rosar-se dia a dia;

E o teu morbido olhar reaccendido
Em tanta luz verei, que o costumado
Passo levando ao palmeiral florido
E tendo-te ao meu lado,

Esquecerei que é o sol que vae dourando
A serra, ao longe, emquanto a alegre voz
Vão as primeiras aves despertando
Em de redor de nós.

Como o argenteo cordão das aguas da montanha
Vem da pedra que achou no caminho inclinada
Lavar todo o pendor e a lubrifica e banha,
Derramando-se nella em bava prateada;
Assim penso hão de ser meus beijos abrazados
Quando, depois de ao peito, estremecidamente,
Prender-te com calor nos braços arqueados,
Minha boca roçar sobre o teu labio ardente.
E como o rio vae, em musicos rumores,
Sobre o campo volvendo as aguas, abundante,
E, encontrando-se ao pé de uma balsa de flores,
Como que se demora e as lambe palpitante;
Eu, depois de oscular, em sofregos desejos,
Do teu nevado corpo as linhas uma a uma,
Eu sentirei maior a força dos meus beijos,
Tocando do teu seio a immaculada espuma;
E, á lubrica expansão do meu amor selvagem,
Hei de vêr-te vencida, extenuada, prêsa,
Como um lirio real que, em longinqua viagem,
Vae boiando ao sabor da fria correnteza.

VIAJANDO

Cedo, á hora em que ainda em floccos alvacentos
Erram no alto da serra as humidas neblinas,
Cortámos a galope a extensão das campinas,
Sentindo contra o rosto a aza fria dos ventos.

Nunca, desde que eu soube um ardego cavallo
Embridar e, vibrando a retininte espora,
Sangral-o na virilha e prompto arremessal-o,
Açodado e feroz, por uma estrada fóra,

Nunca mais bella vi romper a madrugada!
Que esplendor! que irial frocadura de chamma
De aureo agitado véu fluctuante se derrama
Do painel oriental na téla illuminada!

Companheira gentil da matutina viagem,
O rosto do chapéu na escumilha vélado,
Ella, de quando em vez chicoteando a ramagem
Que á geada pendera, a galope ao meu lado,

Deixava ondear ao vento, em frouxo desalinho,
O roupão, e entre o véu docemente me olhava...
E mais alta no espaço a estrella desmaiava,
E mais verde era o campo e múrmuro o caminho.

Inda agora, ao lembrar a luz daquelle dia,
Como que torno a ouvir esses mesmos rumores,
Cantos do despertar, orpheonica harmonia,
Azas que fremem no ar e sussurro nas flores...

Contorneando da serra as humidas vertentes,
Onde ha uma egreja antiga, abandonada agora
Num alto, — em claro aberto entre as ramas, a aurora
Vemos em toda a luz. Os cavallos ardentes

Voam fortes ainda, e as taboas engallando
Do pescoço, entram n'agua. E emquanto agora anciosos
Elles, á rédea lassa e a cabeça alongando,
Bebem do largo rio entre os vallões umbrosos :

Eu a espora e a polaina afivello; indolente,
Da sella sobre o assento ella concerta o véu...
E no escuro do rio um pedaço de céu
Fulge, abrindo um clarão na tremula corrente.

A PARTIDA

Elle deixava atraz tanta recordação!
E o pesar, a saudade até no proprio chão,
Debaixo dos seus pés, parece que gemia.
Levantava-se o sol, vinha rompendo o dia,
E o bosque, a selva, o campo, a pradaria em flor
Vestiam-se de luz, como um peito de amor;
Viu a serra , a collina, o monte agreste e rudo,
Toda a vegetação que as varzeas cobre, tudo :
Os rios onde a luz parecia nadar
De tão leve, tão solta! o firmamento, o ar,
Longe — as voltas da estrada, as tiras dos caminhos,
A assembléa do campo, as arvores, os ninhos,
Os passaros voando! Ainda além o casal,
As marrecas no pateo, as aves no pombal...
E viu mais, scintillando aos lucidos vapores,
Borboletas azues e de todas as côres
Errando pelo espaço, errando pelos céus,
Como lenços de longe a dizerem-lhe adeus!

SONETOS E POEMAS

(1883-1886)

A Minha Mãe.

PRIMEIRA PARTE

A GALERA DE CLEOPATRA

Rio abaixo lá vae, de prôa ao sol do Egypto,
A galera real. Cincoenta remos lestos
Impellem-na. O verão faz rutilar, aos estos
Da luz, de um céu de cobre o horizonte infinito.

Pesa, abafado e quente, o ar circumstante. Uns restos
De templo ora se vêm, lembrando extincto rito;
E inda um pylono erguido, uma sphinge em granito,
De empoeirado cariz e taciturnos gestos.

De quando em quando á flor do Nilo se destaca,
D'agua morna emergindo, a escama de um fakaka;
O ibis branco revôa entre os juncaes. Emtanto,

Numa sorte de *naos*, Cleopatra procura
Su'alma distrair, prestando ouvido ao canto
Que a escrava Charmion tristemente murmura.

A ESTATUA

Ás mãos o escopro, olhando o marmor : « Quero
— O estatuario disse — uma por uma
As perfeições que têm as fórmas de Hero
Talhar em pedra, que o ideal resuma. »

E rasga o Paros. Toda graça e esmero,
Eis se arredonda a fronte em nivea espuma;
Eis resalta o nariz de um talho austero;
Alça-se o cóllo, o seio se avoluma;

Alargam-se as espaduas; veia a veia
Mostram-se os braços... Cede a pedra ainda
A um golpe : e o ventre nitido se arquêa.

A curva, emfim, das pernas se accentua...
E eil-a acabada a estatua, heroica e linda,
Cópia divina da belleza nua.

VOX RERUM

Por toda a noite, inquietas despertando
Da lua ao casto beijo illuminado,
No alto paramo azul, de lado a lado,
Andaram as estrellas perguntando :

— Que ha na terra, lá embaixo?... Um som maguado
Vem as espheras mysticas entrando...
Trina que voz? que deus de enamorado
Vae da harpa curva os échos derramando? »

Ingenuos astros! digam de uma em uma
As ondas do oceano, a face calma
Diga dos lagos, diga a flor, a espuma,

Diga o rochedo, a folha, a ventania,
E as palmeiras, abrindo palma a palma,
De onde e por quem aquella voz se ouvia.

NOX

Chove, embrusca-se o tempo, e quando ao frio
Fuzil, trovão, nos concavos ribombas
Do céu, vejo passar, como num rio
Nadantes monstros, nuvens de ereas trombas.

Só, desta alcova, carcere sombrio,
Onde entre morte e amor, minh'alma, tombas,
Meu ser, meu coração, meus ais lhe envio,
Por céu de bronze solitarias pombas.

Não vêl-a, e o tempo ver, que mais redobra
Sombra e noite que envolve a natureza
Plena d'agua, de horror, de medo e espanto!

Abro a janella: e a escuridão que sobra
Das cousas me enche o peito de tristeza,
E em fina chuva os olhos meus de pranto.

MORTOS PARA SEMPRE

Só meu amor quizera permittido.
A. DE SOUZA DE MACEDO. — *Ulyssippo.*

I

'Stava a pensar ha pouco que ella vinha,
Como dissera; e, entrando em casa, ao braço
Do marido, — na escada, entre embaraço,
Dá-me, sorrindo, a tremula mãozinha.

Com as mais pessôas conversando, a linha
Ora vê do horizonte, ora o terraço...
E eu supponho, a lhe ouvir o som do passo,
Rehaver o tempo em que a julgava minha.

No quarto mesmo, onde medito e estudo,
Apraz-lhe entrar; depôis, á despedida,
Mal disfarça uma lagrima no adeus!

Vae-se. Abro o cofre da passada vida:
O mesmo é o seu retrato, e vejo em tudo
Seu nome escripto e os juramentos seus!

II

Tal suppuz, e ella quiz que se cumprisse,
Mas com a emenda de um mal que não tem cura...
Sim, no olhar o notei, talvez que o ouvisse
No riso mesmo e em sua voz tão pura.

Chegou... Longe daquella creatura
Que a punge e odeia, a antiga meninice
Avivara-lhe o rosto, e a formosura
Mais esplendia de seu todo. E disse...

Disse com os olhos humidos, da fala
Com as tremuras, com o gesto doloroso,
Disse tudo... E ao notar que estremecia

Todo o meu corpo em tremito nervoso,
Prudente e honesta, um dedo ao labio: — « Cala!
Cala! » — tambem, a estremecer, dizia.

III

Como uma sombra eterna que a piedade
Afigure, em meu quarto a imagem della
Ficou, dos zelos a infernal procella
Domando com a serena magestade.

Avulta, cresce e me domina aquella
Sombra, e a meu peito ouvindo a tempestade,
Com um olhar de ternura e de bondade
Acalma-a, como uma serena estrella.

É razão que eu me curve, e sonho a sonho
Os ares cerre, em que fundei no vento
O meu templo ideal que ora desaba...

Ouve, minh'alma, o estrépito medonho...
Ouve, e treme de ouvil-o, pensamento!
É teu mundo de amor que cedo acaba.

IV

Que me quer esta lagrima?... Chorei-as
Todas... Mas tu, ó lagrima querida,
Tu só ficaste, e vaes rolar sem vida,
Longe de suas mãos de finas veias!

Ella tambem, ó lagrima sentida!
Teve de pranto as palpebras tão cheias
Como de um lirio, em meio das areias,
A urna de orvalhos, de manhan pendida.

Mortos p'ra sempre!... Lagrima, seccaram
Tuas irmans! com ellas desparece,
E te apaga como ellas se apagaram!

Olha : á face que amei se eu te levasse
Num beijo extremo e te espalhado houvesse,
Tu gelaras... tão fria é sua face!

V

Mortos p'ra sempre!... Cala-te, e padece,
Coração! ella o quiz : padece, e cala...
Ella que honesta e pura te apparece,
E, um dedo ao labio, te aconselha e fala!

Como inda em vida arremessado á valla,
Que a dor no esquecimento te arremesse;
E seja a tua derradeira prece
Teu respeito em servil-a e em veneral-a.

Ella tambem, que a dor que te amortalha
A ambos colhe com o golpe, cae ferida
E o rosto a quentes lagrimas orvalha...

Mortos p'ra sempre!... O' sombra! escuridade!
Só, de teu seio, escutarei sem vida
O rouxinol da ultima saudade.

VI

Mortos p'ra sempre!... Branca, inanimada,
Tu cosida á mortalha escura e fria,
Inda no alvor de teu primeiro dia!
Eu — com vêr-te tão cedo amortalhada!

Mortos p'ra sempre! Um'hora de alvorada,
Um minuto de céu quem nos diria
Foi nosso amor nessa manhan sombria,
De receiosas lagrimas banhada!

Mortos, mortos p'ra sempre!... E has de em teu leito
Tremer, cuidando que da noite, fóra,
Chega um phantasma que te aperta ao peito...

E ao peito, ao peito eu, só, no meu jazigo,
Tu'alma pura apertarei — se um'hora
Posso na morte adormecer comtigo.

Á ENTRADA DA PRIMAVERA

Vem de onde estás! C'roaram-se as collinas,
Como noivas do sol, do sol com os lumes;
Ah! com as chuvas de ha pouco nem presumes
Que verdes que se alizam as campinas.

Revestem-se os outeiros de boninas,
Como outrora de acantho o altar dos numes;
Flóreas caçoulas partem-se em perfumes;
Já vão fugindo as ultimas neblinas.

É um toro verde o chão do valle. Ao brando
Mover da aragem dobram-se as palmeiras,
Como ancillas, os leques agitando.

Vem de onde estás, que em tudo vejo aqui
Teu nome escripto, e as aves que primeiras
Voaram já estão a perguntar por ti.

VASO GREGO

Esta de aureos relevos, trabalhada
De divas mãos, brilhante copa, um dia,
Já de aos deuses servir como cansada,
Vinda do Olympo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Teos que a suspendia
Então, e, ora repleta ora esvasada,
A taça amiga aos dedos seus tinia,
Toda de roxas petalas colmada.

Depois... Mas o lavor da taça admira,
Toca-a, e do ouvido approximando-a, ás bordas
Finas has de lhe ouvir, suave e doce,

Ignota voz, qual se da antiga lyra
Fôsse a encantada musica das cordas,
Qual se essa voz de Anacreonte fôsse.

AO LUAR DE VERONA

I

Desceu da escada o marmore polido
Porque, emfim, minha voz ouviu, a medo
Chamando-a, como um passaro perdido
Chama a outro da sombra do arvoredo.

Da lua o claro disco humedecido
Empinava no céu. Calado e quedo
Estava todo o jardim; sómente ouvido
Se fazia das auras o segredo.

Veiu. Assustada, pallida, distante,
Olhou-me e estremeceu, talvez no instante
Em que eu tambem, de longe, estremecia.

Ah! se um canto entre as ramas que oscillavam
Então se ouviu, não era a cotovia...
Eram dous corações que se apertavam.

II

Entrara. Inda supponho a portinhola
Ouvir nos quicios rapida impellida
Fechar-se. E nada mais! Da humedecida
Noite o aroma balsamico se evola.

Da casa o mudo aspecto me consola :
Muda como eu, parede a prumo erguida,
Como eu, sem conto estrellas, dolorida,
Estás a revêr de um céu que as desenrola.

Largas janellas, peitoris altivos,
Columnas da açotéa alevantada,
Como eu, quedaes lá em cima, pensativos.

Porta que ir a deixaste e m'a encobriste,
Tambem tu, qual me vês, estás fechada,
E immota, e muda, e solitaria, e triste!

GALATÉA

Foi, rompendo o myrtal de verde manto,
— Morria a tarde, além, tonitruosa,
Boreas soprava — que uma voz maviosa
Feriu-lhe o ouvido, em prolongado encanto.

Dizia a voz : — « O' deusa, ó cubiçosa
Alva espadua do marmore mais santo,
Não seres minha!... » E era mais doce o canto,
Quando de prompto a nympha, de amorosa,

Surge. E, com os beiços grossos applicados
Á flauta, um monstro vê cantando. Espreita...
Foge... E ao fugir com os passos apressados :

« Ah! que tão doce musica que escuto
Não coubesse a uma boca mais bem feita
Que a boca de um gigante horrendo e bruto! »

MANTO REAL

Da flava Ceres falta-te ao cabello
A côr que o della havia e os trigos doura;
Tens negra a trança e, deverei dizel-o?
Melhor te fica que se fôsse loura.

Crespa, enredada em serpes, tentadora,
Cheiro-a, louco, febril e ardendo em zelo;
E ella em meus labios, qual se a noite fôra,
Da volupia infernal me imprîme o sêllo.

Tóco-a, aperto-a, desato-a fio a fio,
Estendo-a nos meus hombros, véllo ondeante;
Tomo-lhe as pontas, o teu rosto espio:

E entre os claros da trama escura e bella,
Creio, vendo-te a luz do olhar radiante,
Ver a restea de fogo de uma estrella.

MAZEPPA

Á anca brutal do tartaro cavallo,
Vêde-o : lá vae na rapida corrida,
Em brusco solavanco e rude abalo,
Pelos campos da Ukrania, a toda a brida.

Corre, vôa o corcel! não ha domal-o!
E a campina, a floresta ennegrecida,
Cheia de lobos, e a corrente, e o vallo
Corta e cruza na sanha enfurecida.

Quantos, como o polaco, arrebatados
Leva o ginete audaz do pensamento
Á suarenta garupa pendurados!

E em vão forcejam por suster com os braços,
Entre o ar que assovia e o firmamento,
O incansavel corcel de alados passos!

A PONTE VERMELHA

Um passo além daquelle campo, ha um velho
Bosque : é de um lado a ponte. Entre as cantigas
Da agua, o rio, de baixo, as grossas vigas
Traz reflectidas no sombrio espelho.

Arcos eguaes de solido apparelho,
Curvos, como do tempo com as fadigas,
Com a larga oval e as resistentes ligas
Olhaes formam pintados de vermelho.

E a agua, á tarde, espumando em bolhas, toda
Da luz tinta e da côr que tem por cima,
A correr, a correr, fulgura e roda.

E a muda ponte espia ao longe, espia
Quem vem, que cavalleiro se approxima
Para transpôl-a no final do dia.

Que venha o inverno desflorindo a entrada
Destes campos, e a neve aos cerros monte;
Já me não dóe que em breve abandonada
Seja a planicie proxima, defronte.

Erme-se o valle, esfolhe-se a ramada,
Voluveis nimbos pairem no horizonte;
E dentre a opaca cerração reponte
Dubia e pallida a luz da madrugada.

Chegaste, és minha, abraço-te... Lá fóra
Que importa o inverno?... esqueço-o, e vou cantando,
Que a primavera nos teus olhos mora;

E ver-te é vêl-a que me vem trazida
Por dois sóes, das mãos leves derramando
A cornucopia de Achellous florida.

POBRE MÃE!

Olhos fitos na altura, — emquanto morre
A tarde, emquanto á flor do firmamento
Correm as nuvens, — como as nuvens, corre
Até junto de Deus teu pensamento.

Ao filho enfermo, nesse atroz momento,
Pedes que elle soccorra; e emquanto escorre
O pranto, da oração no exaltamento,
Mãe sublime, suppões que elle o soccorre.

Mas um grito de subito no centro
Ouves do coração presago. Anciando
Entras em casa. O filho está lá dentro

Morto, e ao beijal-o lhe ouves inda, ó louca!
De teu nome saudoso o rumor brando
Das derradeiras syllabas á boca.

VASO CHINEZ

Estranho mimo aquelle vaso! Vi-o,
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o marmor luzidio,
Entre um leque e o começo de um bordado.

Fino artista chinez, enamorado,
Nelle puzera o coração doentio
Em rubras flores de um subtil lavradô,
Na tinta ardente, de um calor sombrio.

Mas, talvez por contraste á desventura,
Lá se achava de um velho mandarim,
Posta em relevo, a singular figura;

Que arte em pintal-a! a gente acaso vendo-a,
Sentia um bem-estar com aquelle chim
De olhos cortados á feição de amendoa.

SYRINX

I

Pan não era por certo um deus tão lindo
Que merecesse nympha como aquella;
Fez mal em perseguil-a, e bem fez ella
Pedir a um côlmo encantamento infindo.

Só de vêl-o as oréadas, sorrindo,
— E destas uma só não foi tão bella
Como Syrinx,—armadas de cautela,
Prompto aos myrtaes botavam-se, fugindo.

E, pois, por tal cornipede devia
Gastar as ascuas de amoroso incendio?
Não!—E, a influxo das nayades, um dia,

Perseguida do deus, o movediço
Ladon procura, estende o corpo, estende-o...
E eil-a mudada em tremulo canniço.

II

Que se imagine como o deus ficara
Quando, crendo estreitar a nympha esperta
Que lhe fugia, apenas uma vara
Delgada e tenra contra o peito aperta.

Vendo-o nessa illusão, que assim lhe armara
Amor, da opposta margem descoberta,
Um risinho de escarneo, que o desperta,
Tiniu do rio na corrente clara.

Então, da planta virginal, no assomo
Da raiva, o caule fino o deus vergando,
Parte-o em varias porções, de gommo em gommo.

Taes partes junta; e, em musica linguagem,
Dos pastores com as vozes concertando,
Põe-se a soprar no calamo selvagem.

III

Da agreste canna á módula toada,
Da Arcadia pelos ingremes outeiros
Vinham descendo, em lepida manada,
Lestos, saltões, os satyros ligeiros.

E a flebil voz da flauta, soluçada
De ternuras, soava entre os olmeiros;
Já nas grutas as nayades em cada
Sôpro os echos lhe escutam derradeiros.

Hamadryadas louras palpitando
'Stão no liber das arvores; donosas
Napéas saltam do olivedo, em bando.

E prêsa á flauta a nympha que a origina,
Syrinx pura, as notas suspirosas
Derrama d'alma, á vibração divina.

A JANELLA E O SOL

— « Deixa-me entrar, — dizia o sol — Suspende
A cortina, soabre-te! Preciso
O iris tremulo ver que o sonho accende
Em seu dormido virginal sorriso.

Dá-me uma fresta só do paraiso
Vedado, se o ser nelle inteiro offende...
E eu, como o eunucho, extatico, indeciso,
Vêr-lhe-hei o rosto que na sombra esplende. »

E, fechando-se mais, zelosa e firme,
Respondia a janella : « Ah! que estouvado!
Eu deixar-te passar! eu, nescia, abrir-me!

E esta que dorme, sol, que não diria
Ao vêr-te o olhar por traz do cortinado,
E ao vêr-se a um tempo desnudada e fria? !— »

LENDO OS ANTIGOS

Vamos reler Theocrito, senhora,
Ou, se lhe apraz, de Teos o citharedo;
Olhe a verdura aqui deste arvoredo
Á beira d'agua... E o sol que desce agora.

Lecio, o pastor, nesta collina mora,
Onde as cabras ordenha. Este silvedo
Retem de Umbrano á flauta a voz canora,
Guarda este arbusto a Tityro o segredo.

Esta agua... Olhe, porém, como é tão pura
Esta agua! O chão de nitidas areias,
Plano, egualado, limpido fulgura;

E a onda é tão clara que, entreabrindo o louro
Cabello, em grupo as tremulas sereias
Vêm-se lá em baixo neste fundo de ouro.

TITANIA

Titania, ao lado o rei que os elfos manda, assoma
Na floresta encantada, á luz da lua. — « Abri-vos,
Ramos verdes! de flor de penetrante aroma,
Móveis, arcuaes festões, vendo-a passar, cobri-vos!

Em alas, troncos mil de viridente coma,
Onde em fôfo aranhol de abrocadados crivos
Brilha o orvalho que a luz das finas pedras toma...
Eis Titania! de pé, meus válidos captivos! »

Tal a voz de Oberon vae proclamando, e em cheio
Da trompa, que da cinta elle suspende e emboca,
Esfusia, e desperta o grande bosque, em meio

Da noite; emquanto a lua enorme esplende, e a gruta
Longe as lettras do canto apaixonado avóca,
Abre o ouvido de pedra, e attentamente escuta.

SÓ

Tal como douda garça, aos mares! Uma véla!
Uma véla! e é partir. Affronta o horror das vagas
Negras se a noite as cobre e as incha o vento, ás pragas
E ao clarão e estridor do raio e da procella.

Nem todo o equoreo abysmo, entre as equoreas fragas
Ruindo, urrante e estouraz, com a espuma á fauce e aquella
Luz dos ruivos fuzis como serpentes nella,
Póde o inferno egualar que em teu silencio esmagas.

Rompe, atira-te ao pégo, a escuridão profaça
De a venceres no horror que no teu peito engrossas;
Talha os ventos, o oceano, as ondas sulca, e passa...

Talvez longe, entre o sol de estranho clima, ao fundo
Do horizonte, ha um deserto em que dormir tu possas,
Sem o incommodo olhar dos homens e do mundo.

DE VOLTA DO CIRCO

Scisma ao triclinio a bella que da Achaia
Veiu á lucta assistir de homens e feras,
E como traz do olhar no céu, que esmaia,
Outro céu, outro sol, outras espheras.

Que ha por que triste seja a loura Aglaia?
Córados vinhos golfam das crateras,
Luzem taças no ar, e a mesa espraia
Rubro mar de licor, e festões de heras.

Embalde! embalde no ar se entrechocando,
Tinintes copas cruzam-se festivas...
Pensa Aglaia em Leucipo : a arena entrando,

Como era bello! os braços nus, pendente
A espada, o pique posto ás mãos argivas...
Era o sol dos athletas do Oriente!

EMFIM!

Emfim... Nas verdes pendulas ramadas
Cantae, passaros! vinde ouvil-o! rosas,
Abri-vos! lirios, rescendei! medrosas
Myosotis e acacias perfumadas,

Prestae-me ouvido! Saibam-n'o as cheirosas
Balsas e as leiras flóridas plantadas;
Aves e flores, flores e alvoradas,
Alvoradas e estrellas luminosas

Saibam-n'o agora! os céus e a esphera toda
Saibam-n'o agora! Emfim, sua mão de leve...
Borboletas, que pressa! andaes-me em roda!

Auras, silencio! Émfim, sua mãozinha,
Sua mão de jaspe, sua mão de neve,
Sua alva mão pude apertar na minha!

EMENTARIO

FRAGMENTOS

Perdut'ho quel, che ritrovar non spero
Dal Borea all'Austro, o dal mar Indo al Mauro.
PETRARCA.

I

Austero e frio, entrara no aposento
O medico : — « É preciso o seu cabello
Cortem. » — Dissera. E eu vi, — nem sei dizêl-o!
Cair-lhe a trança nesse atroz momento.

Agora mais faminto, mais violento
Crescia o mal. Da morte o escuro sêllo
Já sobre a fronte lhe notava, e ao vêl-o,
Dor a dor me estalava o pensamento.

O olhar prêso no meu, no ethereo fundo
De seu olhar um anjo me acenava,
Como a dizer : — « Já basta deste mundo! »

Com um sorriso no labio, ella morria...
E o anjo lá estava : em seu olhar, me olhava,
E em sua boca, em seu sorrir, sorria.

II

Ó minha Laura, quem do livro aberto
Em que liamos ambos, os amados
Olhos teus afastou, para fechados
Serem no somno de uma noite, incerto!?

Quem dentre os niveos dedos delicados
Em que o trazias, lendo-o de mim perto,
O poema arrancou que eu vi coberto
De tantos soes que tinha, imaginados?!

Doce leitura! negra pausa infinda...
Como que por encanto ainda hoje eu creio
Ver aberto esse livro e lêl-o ainda;

E em cada folha em que meus olhos ponho
Palpita o nosso amor com o mesmo anceio,
E as nossas illusões com o mesmo sonho.

III

Disse ao poeta a saudade : « Ao mundo ascende
Dos soes, por lá, das azas minhas, vêl-a... »
E o poeta subiu de estrella a estrella,
Subiu. Chamou debalde. Alonga, estende

Os olhos... O ar sómente apalpa. Emprende
Maior passo. Mais sobe. Em luz mais bella
Arde o espaço. Mais sobe. E em toda aquella
Altura apenas o silencio o entende.

Como a infinita serra, — a grito e grito,
Olhando acima e atraz, trepa o infinito...
Estende a mão, procura... estende a mão,

Procura... estende a mão, procura... E lucta
Debalde, e fala, mas sómente escuta
O rolar das estrellas na amplidão.

IV

Por ventura uma vez acaso ouviste,
Á noite, a voz das velhas cartas, quando,
Papeis antigos remexendo e olhando,
No recesso dos intimos boliste?...

Eu conheço essa voz, sei que ella existe.
De antigas lettras desbotado bando.
Tenho ouvido falar, se vou pensando,
Vendo-as á luz, apaixonado e 'riste.

Daqui rompe do irmão que se desvela
O conselho; entre mostras de piedade
Nesta linha ha uma lagrima; naquella

De amigo ausente inda a expressão conforta;
Nesta — arrasam-se os olhos de saudade —
Vejo as lettras finaes da amante morta.

V

Vês com as arcadas negras suspendida
No ar esta ponte immensa, — o céu de um lado,
A terra do outro, e o espaço illimitado?
Seu nome queres tu? chama-lhe — vida.

Vê como horrenda é toda, e alta e comprida!
Faz medo... — E onde termina? — Onde acabado
É tudo e novamente começado :
No mysterio, na treva indefinida...

— E esses vultos que a estão, mudos, subindo?
— Sombras. — E esse atro uivar medonho, e grito?
— Dores. — E acima é o céu que está fulgindo?

— É o céu — E, para em salvo atravessar
Esta ponte e ir lá ter, que necessito?
— Amar, amar, eternamente amar.

ULTIMA DEUSA

Foram-se os deuses, foram-se, em verdade;
Mas das deusas alguma existe, alguma
Que tem teu ar, a tua magestade,
Teu porte e aspecto, que és tu mesma, em summa.

Ao vêr-te com esse andar de divindade,
Como cercada de invisivel bruma,
A gente á crença antiga se acostuma,
E do Olympo se lembra com saudade.

De lá trouxeste o olhar sereno e garço,
O alvo cóllo onde, em quedas de ouro tinto,
Rutilo róla o teu cabello esparso...

Pisas alheia terra... Essa tristeza
Que possues é de estatua que ora extincto
Sente o culto da fórma e da belleza.

FIM DE UM CONTO

...E por alli nos fomos... — proseguia
O ancião — Lucia, mais pallida do medo
Da noite, as mãos tomando-me — em segredo,
Baixo, uma prece, tremula dizia.

Alta era a serra e ingreme; sombria
A scena a taes deshoras. O arvoredo
Crescido e espesso, estava mudo e quedo.....
Nem uma aragem de redor se ouvia.

De repente, meu Deus! ouço naquella
Noite o ouvido ferir-me um som medonho....
Róla um corpo na escarpa : o vulto é della!

Acompanha-me ainda esta saudade....
Dorme no abysmo o meu primeiro sonho...
Dos outros não me lembro nesta edade.

UNICA

Estás a ler o meu livro, e é bem que exprimas
Certo pezar. Nem uma vez, nem uma
O teu nome estas paginas perfuma!
E outros ha ahi por titulos e rimas.

« Quem são essas que vêm de estranhos climas,
De edades mortas, da salgada espuma
Do mar, da Grecia além, do sonho, em summa,
Que mais que a mim tens celebrado e estimas? »

Dirás. E o livro, se meu ser traslada,
Se o fiz de modo tal que me traduza,
Contas dará de quanto em si contém;

Saberá responder que és sempre amada,
Que nelle estás, pois foste a sua musa,
E essas mulheres só de ti provêm.

SEGUNDA PARTE

A ARVORE

I

Entre verdes festões e entrelaçadas fitas
De mil varios cipós de espiras infinitas,
Mil orchideas em flor, mil flores, — sobranceira,
Forte, erecta, na altura a basta fronde abrindo,
C'roada do ouro do sol, aos ventos sacudíndo
A gloriosa cimeira;

A arvore, abrigo e pouzo á aguia real, sorria.
Dez leguas de redor o bosque inteiro via,
E os campos longe, e o val, e os montes longe, tudo;
Nuvens cortando o ar, e passaros cortando
As nuvens, e alto o sol, na alta esphera radiando,
Como fulgente escudo.

Ampli-ondeante a rainha o manto seu na altura
Abria. Coube ao tempo a rigida armadura
Vestir-lhe. A intacta fronte, era um cocar guerreiro
Que a cingia, e o tufão que o diga se era forte,
Quando o intentou dobrar; que o diga o irado norte
Com o seu tropel inteiro.

Passaram sem feril-a, esbravejando ás soltas,
Ventos e temporaes; e das nuvens revoltas
Alumiou-a, á luz do raio, a tempestade;
Mas, chegando a manhan, lá estava, altiva e bella,
Incolume, a cantar, zombando da procella,
A aria da liberdade.

Vinham então grasnar em seu negro fastigio
Os bravos corvos do alto e ouviam-se em remigio
Grandes aguias a luz cruzando, tenebrosas;
Emquanto, de echo em echo, um berro immenso atroava
A selva, e o touro a ouvil-o, hispido o pello, arruava
Nas planicies umbrosas.

E que uberrimo seio a toda vida aberto
Era o seu! Quanto amor á sombra do deserto,
Quanto! quando, o raizame ao solo preso, as cimas
Dava esta arvore á luz, e o orvalho brando, ao vento,
Via-se a gottejar, de momento em momento,
Das ramagens opimas!

Giganta e mãe, alteando os hombros, quanta vida
No ar não fez florescer dos flancos seus nascida!
Quando a versuda copa ás virações estranhas
Entregava, aspirando o puro ambiente, a quanto
Ser não nutriu, fecunda, agarrado ao seu manto
Ou ás suas entranhas!

Ia-lhe caule acima, em longos cirros, toda
A hera da floresta, os vegetaes em roda
Deixando, a ver mais alto o céu, mais livre agora;

E o lichen verde, o musgo, o feto, as capillarias,
As gynandrias gentis, epiphytas, e as várias
Bromelias cor da aurora.

De seus braços em volta — enroscadas serpentes,
Leves, a suspender as maranhas virentes,
As bauhinias em flor alastravam; abriam
Os cyclanthos, e ao lado, acompanhando os liames
Das bignonias, ao sol, em tremulos enxames,
As abelhas zumbiam.

Filiforme, oscillando, ao pincaro suspensa,
A trama dos cipós se desatava immensa;
Em seu cóllo, não raro, a cobra a fulva escama,
Com os estos do verão, fez esmaiar, — emquanto
Tardo passaro estivo, em suspiroso canto,
Voava de rama em rama.

Não raro, em bando inquieto, as variegadas plumas
Viram aves, talvez, alli crescer. E algumas,
Talvez, entre a expansão trichotoma e sadia
Desses ramos, á sombra, o ninho penduraram,
E, primeiras da selva, as azas levantaram
Para saudar o dia.

Mais que um seio de amor, um tecto de piedade
Foi est'arvore. Ao vento, á chuva, á tempestade
Fugindo, brenha a brenha, e de terror vencido,
Não raro o tigre um pouzo aqui teve seguro,
Emquanto atroava o raio, em firmamento escuro,
O espaço ennoitecido.

Não raro o val soturno a corça e o leão transpondo,
Quando o incendio estouraz ao longe em rouco estrondo,
De raiva inflado, a um sopro, aleava as furias, vieram;
E, afuzilando o olhar, o pello hirsuto, á mingua
D'agua, o orvalho estival caido aqui, com a lingua
Nestas folhas beberam.

Não raro! E quanta vez de extincta raça, á aragem
Matinal, não se ouviu do rito a voz selvagem
Saudando o sol aqui, sob esta arcada! E, á lua,
Á noite, quanta vez, na aura vernal trazido,
Não se veiu perder de estranha dansa o ruido
Nesta folhagem nua!

E era grande! e era bella est'arvore assombrosa!
Tudo a amava, e ella, altiva, ella, entre a luz, gloriosa,
Lançava aos céus robusta a sua fronte, em festa;
E immenso canto echoava aos pés da soberana...
Mas... Como a palpitar do cacto agreste á liana,
Não tremeu a floresta!

II

... Entrara a selva um dia um homem. Sopesava
Tersa afiada segure. Em torno a vista crava,
A arvore vê. Levanta o truculento olhar..
Toma-lhe a altura enorme aos ramos, a espessura
Ao tronco. E o ferro, audaz, de solida armadura,
Faz sinistro vibrar.

Mas nem sequer um ramo estremeceu. Violento
De novo no ar voltêa o tetrico instrumento,
E sôa o golpe. Ainda um ramo nem sequer
Estremeceu. Resiste a casca espessa, o escudo
Da corcha. P'ra fendêl-a, ao braço heroico e rudo
Mais esforço é mister.

Pois novo esforço. Gyra a arma assassina ao pulso
E lá vae, lá bateu, que é força entrar. Convulso
O homem de novo ás mãos sacode-a.-Inda outra vez
Sacode-a. O aço lampeja, e do cortante gume
A furia estona o tronco. E ha, talvez, um queixume
No madeiro, talvez...

Mais outro esforço. No ar, como mandrão guerreiro,
Zune o ferro, e feriu precipite, certeiro :
A casca espicaçou-se em laminas subtis...
Correu longo tremor o caule informe, erguido,
E, subterraneo, ouviu-se o echo de um gemido
Na alastrada raiz.

Outro golpe, outro abalo. Em finas lascas vôa
Picada a casca, e da arma ao rudo embate echôa
A solidão. Pergunta espavorida a flor
Á ave : — Que voz é esta? — E o tigre, a furna entrando :
— De onde parte este grito? — E os rufos leões, parando :
— Quem faz este rumor?

E é da ruina estupenda o lugubre alarido
De montanha em montanha e bosque em bosque ouvido.
Tudo, da grimpa excelsa ou da planura, o val

E o rio, o cedro e a rocha, o enho e a palmeira, pondo
O olhar nos céus, escuta aquelle excidio hediondo
E crime sem egual!

A grande arvore cae! A ramaria forte
Treme em cima, dansando uma dansa de morte.
Rompeu-lhe o alburno agora e vae-lhe ao coração
O atro golpe. Uma a uma as fibras rangem; fala,
Ringe, arqueja o madeiro, e, pouco a pouco, estala,
Á mortal vibração.

A grande arvore cae! Já se lhe inclina e verga
A fronte, e aos pés, a gruta, — o seu sepulcro, enxerga!
Astros, sol, amplidão, espheras de ouro, céus
Nuvens, sopros do mar, e passaros da aurora:
A grande arvore cae! mandae-lhe em pranto agora
O vosso ultimo adeus!

A grande arvore cae! Como entre o firmamento
E o mar alto, a viajar um grande mastro ao vento
Oscilla: oscilla assim seu corpo immenso no ar.
Elos, cirros, cipós, que o seguraes, deixae-o!
Rompeu-se-lhe a medulla, e já rechina o raio...
Não o ouvis estalar?!

A grande arvore cae! Com os ramos seus robustos
Ide envoltos na queda, ó vós que a amaes, arbustos;
Segui-a ao somno extremo, ó corvos, vós que a amaes!
Ouvi! cede-lhe o cerne ao ferro que o retalha...
Cosei-lhe em flor e em luz esplendida mortalha,
Florestas tropicaes!

E caiu! rudemente e com ella rodaram
Ruindo os cedros na gruta, e os montes estrondearam...
Rasgou-se ao bosque o tecto, a tunica se abriu;
E a ave, e a fera, e o insecto, e o proprio homem, tranzido
De horror, tudo fugiu de prompto, espavorido,
Quando a arvore caiu!

E da ruina estupenda o lugubre alarido
Foi de ermo em ermo e foi de bosque em bosque ouvido;
Tudo, da grimpa excelsa ou da planura, o val
E o rio, o cedro e a rocha, o enho e a palmeira, pondo
O olhar nos céus, tremeu áquelle excidio hediondo
E crime sem egual!

O ANACHORETA

Foi com surpreza e espanto, em erma e atra espessura,
Que Rudhra, o sabio, o grande, o anachoreta indiano,
Rudhra que tem no olhar o brilho sobrehumano
Do incansavel labor da penitencia obscura;
Foi, com surpreza e espanto e num delirio vago,
Que uma vez do luar que limpido nascia
Estas cousas ouviu, na floresta sombria,
Ditas distinctamente ao loto azul de um lago :

« Vem! — falava o luar — descerra uma por uma
As petalas azues!
Dou-te um lago de espuma
Onde melhor fluctues!
Vem! como a Apsara é minha, a tu'alma desata,
E sobe entre desmaios!
Dou-te alvissima prata...
A prata de meus raios!
Dou-te o leque de luz com que me vês no oriente,
Dou-te o cofre de opalas
Que entórno em meu crescente
Pelas eternas salas!

Dou-te a nuvem, a estrella, espiritos, chimeras...
A luz, o orvalho dou-te,
E a lyra das espheras,
E os incensos da noute!
Vem, adorado ser, tu das alturas digno!
Rompe a brutal materia,
E deste áquelle signo
Eleva-te, alma etherea! »

Tal, com surpreza e espanto, em erma e atra espessura,
Certa noite ouviu Rudhra, o anachoreta indiano,
Rudhra que tem no olhar o brilho sobrehumano
Do incansavel labor da penitencia obscura.

BORBOLETA AZUL

I

Supponho que era abril
O mez, mas pouco importa, talvez maio
Ou mesmo junho fôsse...
Nunca por céu de anil
O sol na fulva lagrima de um raio
Vi desmaiar mais doce.

Só, como a penna vae
No ar, só, como a nuvem no horizonte,
Eu caminhava. Tudo,
Uma folha que cae,
Uma ave que esvoaça, a agua do monte,
O monte, o grande e mudo
Deserto, tudo a mim
Me assusta. E eu caminhava. Agreste e feio
Era o sitio. E, avançando,
Por distrahir-me, emfim,
Ia uma a uma, como a tudo alheio,
As arvores contando.

Tomava-me o pavor
Dessa hora, alli, só, acompanhado
Só de meus pensamentos...
Ao minimo rumor
Cria ouvir um phantasma, e o bosque, ao lado,
Povoar-se de lamentos.
Rédea sôlta, ao vagar
Do cavallo, assim posto, em quanta havia
Arvore alli em roda
Attentava, E, ao passar
Por tudo, a tudo triste em roda via
Pela planicie toda.

E creio que era abril
O mez! mas pouco importa, talvez maio
Ou mesmo junho fôsse...
Nunca por céu de anil
O sol na fulva lagrima de um raio
Vi desmaiar mais doce!

II

Quando da serra, além, sobre a campina
Era a sombra maior, e além da serra
Mais abrazado o céu, — volto o cavallo;
Faço-o pisar do rio a areia fina,
E assim vou através do longo vallo,
Mal sentindo a meus pés falar a terra.

Corre direito ao bosque o rio. Inclina
Sobre elle os verdes callejados braços
Uma arvore, de pé nas rotas fraguas;
A espaços uma rama peregrina
Oscilla ao vento, vae com o vento; a espaços
Vem á face tristissima das aguas.

E eu, derramando os olhos sobre aquillo,
Seguindo o aereo brando movimento
Daquella rama na corrente, inquieta,
Scismava. Quando pelo azul tranquillo,
Pelo calido azul do firmamento,
Vejo vir uma grande borboleta.

Nos canniços, ao pé, de pluma em pluma,
Pairou. Susteve as azas leves. Logo
Em direcção ao sol partiu. Morria
A tarde. Em fogo as nuvens, uma a uma,
Avançavam do occaso; e o céu de fogo
Valles, montes de purpura cobria.

III

A borboleta azul que segue fóra
Pelo ar, não sei bem...
Della, talvez, me fala, onde ella mora
Talvez mora tambem.

Talvez de seu cabello em leve adejo
Voasse, como uma flor,

Como o laço de fita com que a vejo,
Azul, da mesma cor.

Ella, formosa e timida violeta
Mal desbrochada á luz,
Ella ao céu ama e ama a borboleta...
Ambos são tão azues!

IV

Vejo a casa, afinal, onde ella mora,
Ella que o amor apenas
Mal conhece da flor, da luz, da aurora,
Das aves, das phalenas;

Ella que á minha dor se abriu acaso,
Como um bom firmamento,
E cuja mão, se a beijo, é como um vaso
Onde me dessedento.

Certo esperara todo aquelle dia...
Achei-a anciosa, e ao vêl-a,
E ao vêr-me, eu vi: de pranto um bago havia
Em seu olhar de estrella.

Lançou-me do pescoço em volta os braços,
Deu-me a boquinha breve,
Depois, lesta, tornando atraz dois passos
Rapida, em gyro leve,

Fugiu. Tornou. Trazia á trança loura
Um laço azul, o amado
Laço da côr do céu, que a sobredoura
De um reflexo sagrado.

— « Fico melhor assim, não acha, com esta
Fita azul? » E sorria...
Morrera o sol, calara-se a floresta,
Apagara-se o dia.

V

Sobre-manhan parti. Molhava a neve
Os flancos da montanha. No arvoredo
Proximo, as pennas a ensaiar de leve,
Um passaro, em segredo,
Trinava. O som das aguas derivadas
Da serra o chão da gruta, lento e lento,
Ia accordando. As folhas orvalhadas
Palpitavam com o vento.
Uma faxa de fogo no levante
Subia. E a estrella d'alva, immensa e bella,
Tauxiava o plano da cerulea téla,
Como um grande diamante.

VI

Com a buzina de caça pendurada
Á cinta, quanta vez do excelso tope
De um monte, emquanto, ao longe, o pó da estrada
Um cavallo a galope
Batia, quanta vez não vi distante
O fumo de seu tecto, em baixo erguido,
Como um lenço acenar-me! E a vista errante
Quanta vez, commovido,
Não fiz pousar na copa verde, escura
Do seu telhado, emquanto ao sol de estio
Voava um pombo nos ares, á procura
De outro pombo erradio!

VII

Leva á casa gentil, e era tão perto!
Um plano desegual:
Sinuoso trilho na collina aberto.
Aqui do cipoal
A laçaria: a flórida latada
Ora vae, ora vém,
Baila com o vento em trepidante escada.
Torsos troncos além;

Uma flor escarlate ao pé de um ninho...
Do sassafraz o olor
Rescende, e borda as margens do caminho
A madresilva em flor.
Filipendulas mil de cima a baixo
Serpenteam subtis;
Canta e alardêa um passaro o pennacho
De abrazado matiz.
Resplende o sol. Abre-se um cacto. A aragem
Vem mais fresca do sul...
E em tudo, aerea, trefega, selvagem,
Paira uma grande borboleta azul.

VIII

A borboleta azul do matto, que ora
Vôa aqui, ora além,
Della talvez me fala, onde ella mora
Talvez mora tambem.

Talvez de seu cabello, em leve adejo,
Voasse, como uma flor,
Como o laço de fita com que a vejo,
Azul, da mesma cor.

Ella, formosa e timida violeta,
Mal desbrochada á luz,
Ella ao céu ama e ama a borboleta...
Ambos são tão azues!

IX

Viera outubro. Que magua
Em tudo! A agua não corre; em vão procura
A arvore triste com a ramada escura
Os rios, faltos d'agua.
Seccaram-se as correntes;
Aos pés do caminhante
A areia range, iriante,
Em reflexos ardentes.
Viera outubro, viera.
O sol jámais tão forte
Illuminara a esphera.
Desfloriam-se os valles,
Já golpeados de morte.
Do pequenino calix
Ás arqueadas umbellas
Passava o estrago. E, á luz do meio dia,
O vento os campos aridos enchia
De folhas amarellas.

X

Consta que ella, uma tarde, em que radiante
Das nuvens de ouro a abobada se erguia,
Os braços nus para a amplidão distante,
Em faltas de azas, tremulos abria.

É que, aos raios do sol bailando inquietas,
Suspensas no ar, em dansa vaporosa,
Um vago bando azul de borboletas
Vira passar na tarde luminosa.

XI

Desde esse dia nunca mais puderam
Meus olhos vêl-a. É bem provavel voasse!...
Della não soube e as flores não souberam.
A casa ahi está, porém, qual se a habitasse
Ainda. E, abrindo a livre ponta da aza,
Leve, erradia, exul,
Em torno á velha casa
Paira uma grande borboleta azul.

MARMORE

Deixa-me extravagar, serena estatua.
És minha.
O esculptor te depoz nos braços meus, rainha
De marmor; quando um dia o Paros trabalhava,
Eu no lavor da pedra o seu cinzel guiava.
Eu era o sonho, eu era a idéa, elle esculpia
O que eu d'alma arrancava, o muito que eu sentia
De amor, de lucta e febre e estos de loucura
E paixão. Fez-se a estatua. Em finissima alvura
O seio ergueu-se, o cóllo, a fronte, o rosto. E eu, mudo
E extatico, osculei-lhe a fronte, o cóllo, tudo!
A estatua é minha! a estatua entre os meus braços prendo!
Beijo-a, com o bafo a aqueço, as palpebras lhe accendo
Com o meu olhar; ao peito as veias rasgo, e cheias
Torno-as do sangue meu, tomado ás minhas veias;
E ella vive! ella anceia e treme! ella palpita!
Move os olhos de pedra! a mão levanta e agita,
E accorda! accorda e vê-me... E ao vêr-me, oh! desventura!
Eil-a pedra outra vez, insensivel e dura!
Eil-a estatua outra vez, sílenciosa, fria!

Insano extravagar! insana phantasia!

AS TRES FORMIGAS

Movendo os pés côr de braza
Foram as tres, com cautela,
Subindo o muro da casa
De dona Estella.

— Arriba! diz a primeira.
— Mais de vagar... diz com siso
Segunda. Diz a terceira :
— Sei onde piso.

Noite fechada, propicia
Á idéa, ao plano que as leva...
Nem de uma briza a caricia!
Silencio e treva!

De prompto um grillo de um canto :
— Onde ides, minhas amigas?
E um calafrio de espanto
Nas tres formigas.

Ah!... Mas um rosto apparece
Em cima, numa janella...
— É ella? — O rosto parece
De dona Estella!

Tri... tri... entre as azas geme
O grillo. E pernalta aranha
Na trama de ouro em que treme
Quasi o apanha.

E agora se atemorisam
As tres. É tudo embaraços!
E a cal sómente que pisam
Lhes ouve os passos.

E uma após outra se encaram
Tremendo; ora hesitam, ora
Conversam baixinho. param
Por mais de uma hora.

Logo como que fracassa
O muro a um trovão que as gela...
Descêra brusca a vidraça
De dona Estella

— Melhor é voltarmos, loz,
Uma aconselha, em segredo;
Outra abre os olhos de fogo.
E é toda medo.

Terceira chora, encolhida :
— Tão alto! já estou cansada!
Meus Deus, nossa pobre vida
Não vale nada.

Mas sobem, que é necessario
Subir. Jesus, o bemquisto,
Subiu tambem seu calvario,
E elle era o Christo!

— Janella, emfim! num alento
Exclama a que mais anhela
Primeira ser no aposento
De dona Estella.

— Por esta frincha... — Por esta...
— Melhor... — Entremos. — Avante!
E uma olha, analysa a fresta,
E rompe adeante.

Seguem-n'a as duas. Estreito
É o trilho. Vão. Tal num berro
Vae por um tunnel direito
Um trem de ferro.

Eil-as estão da outra banda,
Na alcova. E olham em roda,
Á luz da lampada, branda,
A alcova toda.

E vêm, por entre os adornos
De um leito elegante, a bella
Fronte, o perfil, os contornos
De dona Estella.

Azul celeste á parede
Sobre o papel que a reveste...
E é toda a camara, vêde :
Azul celeste!

Tenda de neve — a cortina;
Dois bustos, um ramilhete
Além; descalça botina
Sobre o tapete.

Num quadro de luzidio
Ebano, um vulto guerreiro :
Perfil severo e sombrio
De cavalheiro

De Hespanha; olhar atrevido,
Espada á cinta, e escarcella...
— É com certeza o marido
De dona Estella.

E o espelho... como scintilla!
Parece de um lago a nua
Face que leve se anila
Com a luz da lua.

No toucador como esparsa
Ha tanta cousa! um diadema,
Alvas pennugens de garça...
Todo um poema!

E um vaso com a mais festiva
Das rosas! — Meu Deus, acaso
Ha rosa tambem que viva
Dentro de um vaso? !

E á flor o assalto preparam
As tres formigas... Ai! della,
A flor, que os labios beijaram
De dona Estella!

Descem o muro. Profundo
Silencio. Tudo parece
A miniatura de um mundo
Que se amortece.

Sobem aos moveis. No tecto
Nem sombra de aza perdida
Do mais pequenino insecto...
Tudo sem vida!

Chegam á rosa. Que altivo
Seio encarnado! Que encanto
Nesse encarnado lascivo
Que tem no manto!

E uma se adeanta animosa,
Mais esta após, mais aquella...
Ai! rosa, querida rosa
De dona Estella!

Correm-lhe as petalas. Uma
Desce-lhe ao póllen que toma;
Da boca aos pés se perfuma
Com seu aroma.

Enchem-se de ouro, que é de ouro
Su'alma. Sedas desatam
Que a prendem. Vida, thesouro,
Tudo arrebatam.

E da assombrosa riqueza
Vendo-se alfim carregadas
E mais do que da ardua empreza
Recompensadas,

Lá vão a fugir, com o geito
Do que em roubar se desvela...
Mas nisto estremece o leito
De dona Estella.

É dia. A dona da alcova
Já está de pé : e, anciosa,
Porque mau sonho remova,
Vae ver a rosa.

Toma-a do vaso ás mãozinhas;
Mas, ao beijal-a, a senhora
Descobre as tres formiguinhas,
E... sopra-as fóra.

— Ah! que tufão repentino!
As tres, no ar, na anciedade
Da queda, exclamam sem tino...
— Que tempestade!

Longe, bem longe, erradias,
Cahiram. Nem se mexeram
De espanto quasi dois dias...
Depois morreram.

Eis das formigas o caso.
A rosa... fale por ella
Outra que é nova no vaso
De dona Estella.

VERTUMNO

I

. . . . . .

E, crendo achal-a, a sombra fugidía
O intricado rompeu da matta escura,
Quasi ao momento do expirar do dia.

— « Dize, dize onde estás! » — Pela espessura
Chama, e ao tecto de bosque o olhar levanta,
Attentando nos arcos da verdura,

Mas verdura sem flor, que a toda planta
O botão tenro e como aberto a medo
Nos quentes estos o verão quebranta.

Os desfloridos braços do arvoredo,
Que encruzados lá em cima o vento agita
Falam de um dia que morreu bem cedo.

Ora em nastros não mais a parasita
Verde ás columnas vegetaes se enrola
E o corpo elando os pincaros enfita.

O estragoso calor que tudo assola
Mal do cacto silvestre abrir consente
Á cardea flor a timida corolla.

De eiva tocado, ao ramo seu pendente,
Todo fructo arregôa, e assim responde
De um ar que é todo fogo ao peso ardente.

— « Dize, dize onde estás! » — E as grutas — onde,
Onde estás! — com os seus echos repetiram,
Mas não falaram do logar que a esconde.

E, errando acaso o peregrino, viram
De repente seus olhos que acabava
A selva, á luz que subito sentiram.

Uma larga planicie o sol dourava,
Mas tão triste que n'alma ao caminhante
Com vêl-a a sua dor se accrescentava.

— « Dize, dize onde estás! A cada instante
Chamo-te, e ao menos nem signal descubro
Que na areia imprimiu teu passo errante.

Na ausencia tua tudo morre! outubro,
— Quente mez que aborreço, — ás mãos voltêa
Na cresta ás folhas o seu facho rubro.

E eu, que a teu braço a cornucopia cheia
Te vi vasando o flórido thesouro,
Com que dor vejo a terra ardente e feia,

Longe da luz de tuas horas de ouro! »

II

Disse, e olhou de redor. Distante, ás vivas
Luzes da tarde, interrogando o vento,
Balançam-se as palmeiras pensativas.

Todo o céu, todo o azul do firmamento
Está cheio da magua e da tristeza
Que a alma lhe traça nesse atroz momento.

No ar, no monte, no valle e na deveza
Como que um'harpa estranha e dolorosa
Chora e parte-se ás mãos da natureza

E elle a vista, de lagrima saudosa
Toda embebida, em frente ao sol que expira,
Sumiu nos ermos da amplidão radiosa.

— «Dize, dize onde estás! » Fala e suspira,
E ás nuvens longe mede as soltas alas
Que ao céu varrem a limpida saphira;

Umas de ouro e carmim, outras de opalas
E prata... E a alma anciosa e entristecida
Cá do exilio da terra a interrogal-as!

— « Dize, dize onde estás! Que despedida
Foi a tua que assim que te partiste
Vi que estes campos desertara a vida!?

Cae morta a flor que com um sorriso abriste,
Murcha-se o ramo, secca-se a corrente
Onde molha o arvoredo a sombra triste.

Té do campo a verdura, — e isto consente
Teu amor! — onde meiga adormecias,
Torra e cresta o verão com o raio ardente.

Se tornassem comtigo aquelles dias!
Se volvesses!... Mas vejo que interrogo
Um vão phantasma nestas nuvens frias! »

E das nuvens, maguada, a vista logo
Soltou-se, entre o crepusculo que vinha,
Como um peplum, velando o céu de fogo.

Era a hora em que ao valle se encaminha
A noite, pelo pincaro do monte;
Vôa á face dos lagos a andorinha...

Uma faxa de luz da serra á fronte
— Sol das almas lhe chamam— apparece,
Mas logo esmaia, e é trevas o horizonte.

E a alma das cousas, o sussurro, a prece
De tudo á estrella que nasceu primeira
Como que ascende e procurar parece.

E n'agua morta, do regato á beira,
As desfolhadas arvores se encaram...
E á voz, que ha pouco á natureza inteira

Falava, as nuvens tremulas quedaram;
E longe, como um rancho de captivas
Que, olhando em roda, sem dormir ficaram,

Balançam-se as palmeiras pensativas.

PER TENEBRAS

I

Era um caminho estreito
E escuro, nessa escura
Noite, á beira do mar. O vulto e aspeito
Do mar bem se não via,
Que era todo espessura...
Rumor d'aguas sómente o espaço enchia.

Eu, não sei como, andava
Nesse logar medonho
A taes horas. A fronte me alagava
Suor frio, o cabello
Tinha-o, como num sonho,
Eriçado de negro pesadelo.

Alli, voejando ás tontas,
Como stryge agoireira,
Paira o medo, o terror. Com as altas pontas
Os penedos, dispostos
Junto á podre albufeira,
N'agua se vêm com os achumbados rostos.

Coalhado do negrume
Da noite, anceia o espaço;
Alli não cala incerto escasso lume
De estrella. A infectos miasmas,
Porém, sente-se o passo,
Como o passo indeciso dos phantasmas.

Rofas moles de troncos
Pavorosas se arquêam
Deste lado; daquelle hartos e broncos
Penhascaes; as soturnas
Cavas grutas vozêam
No echo abafado das equoreas furnas.

E a tremer nesse estreito
Caminho, pela escura
Noite, escura e agitada, eu ia. O aspeito
Do mar bem se não via,
Que era todo espessura...
Rumor d'aguas sómente o espaço enchia.

Soavam surdos na treva
Os meus passos e, incerto,
Como quem sente que um phantasma leva
Traz si, olhava, o ouvido
Aguçando, e mais perto
Cria escutar um sepulcral gemido.

Certo, me acompanhavam
Outras sombras, e em lento
Gyro, á laia de espectros, se arrastavam!

Sim, com um rouco e profundo,
Um sinistro lamento
Surdem das trevas em que a vista afundo.

E todas vieram, vieram,
Vieram! todas em ronda
Lugubre e extensa me encararam, e eram
Tão de horrores, que eu ante
Aquella turba hedionda
Não fui mais que uma estatua nesse instante.

Quedei-me, em pedra immota
Vi-me; temporas, pulsos
Sem vida, o olhar sem luz, a mente idiota...
E a legião sombria
Dos espectros convulsos,
Deante de mim, da escuridão rompia.

Todas as minhas dores
Vieram; todas em grita
Surda e horrente, com multiplos clamores,
Ao meu lado passaram,
E da noite maldicta
Com os soluços as trevas abalaram.

Vós tambem, sonhos torvos,
Tambem vós me seguistes,
E, quaes rodam do céu num ponto os corvos,
Vós, revoltos, em bando,
Ieis, negros e tristes,
Floccos de fumo — em torno a mim rodando.

Viestes, males contidos
No coração, sepultos
No coração, no coração soffridos!
E, arremedando as furias
No sanhudo dos vultos,
Viestes, raivas, e coleras, e injurias!

Tambem alli te achavas,
Olhar de odios gratuitos,
Boca da inveja sordida, que bavas
Tudo e estragas, e damnas:
Zombaria, que a muitos
Com o teu disfarce calculado enganas!

Nem tu mesma faltaste,
Traição fria e engenhosa,
Que na sombra teus golpes estudaste;
E uma vez, muda e calma,
Insperada e enganosa,
Hervado ferro me embebeste n'alma!

Todos viestes. E o medo
Num frio intenso e agudo
Corre-me as carnes. E, impassivel, quedo,
Semianime, exsangue,
Petrificado, mudo,
Reprêsa a voz, incerto o olhar, o sangue

Gelado, hirtos na testa
Os cabellos, — em roda
Eu via erguer-se da espectral floresta

As mil fórmas, ao vento
Que passava; e ella toda
Gemia agora um sepulcral lamento.

II

Pouco a pouco, porém,
Como quem sae de um fojo infecto e os ares
Livremente respira;
Como o que á tona vem
De um rio, altêa o corpo, erra os olhares,
Move dos braços, se desprende e tira
Das aguas : pouco a pouco
Accórdo, tórno em mim, com a vista, inquieto,
O ermo, as sombras inquiro...
O mar violento e rouco
Geme ainda; na noite ha o mesmo aspecto,
E um suspiro se escuto é meu suspiro.

Córava a escuridão
Não sei que luz nesse momento : um fraco
Ponto de ouro em começo,
Depois, quasi um clarão;
Depois, o céu, todo o horizonte espesso,
Toda a nevoa das fórmas, todo o opaco
Das cousas se alongava,
Se despartia, dava entrada áquella
Luz indecisa; o espaço,
Turvo que era, alli estava

Claro agora a se abrir, em largo traço,
Sulcado á viva refulgencia della.

III

Era o dia! era o sol! Ascende a luz, palpita,
Com as azas a roçar a abobada infinita.
Treme a noite, e é assim como um grande reposteiro
Que ondula de alto a baixo e se desdobra inteiro;
Mar de fogo e rubins, levanta-se a alvorada,
Entra pela amplidão, alaga-a, e despenhada
De cima, em rios cobre a terra inteira. Agora
Nem uma sombra mais, um pesadelo! A aurora
Dissolveu-os! O mar a musica sombria
Adoça, ouvindo ao longe as cytharas do dia.
No ar a est'hora, talvez, um anjo passa, aberta
A aza, e annunciando a manhan que desperta.
Sus, minh'alma! E eu revia o sitio em que tamanho
Horror me salteara : o trilho estreito e estranho,
O ermo, os pedrouços mil do sitio, informes, tudo,
Oceano, agua, albufeira, abysmo immenso e rudo;
E ora, attento, no chão buscava vêr se um traço
Espectral descobria ou signal de algum passo.
Tudo a luz dissipou, varreu, levou radiosa!
Nem um vestigio mais dessa noite assombrosa!
E quando a fronte ergui, todo o oriente, em fogo
Vivo a arder, se mostrava. O sol nascente logo
Surgiu e ao seu clarão suavissimo, indeciso,
Inundava-me o rosto o primeiro sorriso.

A LAGARTA

I

Ser lagarta, em verdade,
É uma cousa bem triste!
O asco provoca, enoja... Ah! só por crueldade,
Ou brinco, ou raiva ultriz de alguma divindade
Este animal existe.

Zeus, que no Olympo excelle,
Toma de um touro, um dia,
A fórma, e arrasta Europa, e a longe praia a impelle:
Mas fôsse Europa flor, e da lagarta a pelle
Zeus acaso enfiaria?

Não! de escrupulos presa,
Ao vêl-o assim, fugira
Ao seu lesmoso labio a agenoria princeza;
E, alvo lirio real, a estremecer, surpresa,
Toda se retrahira.

E quem ha que se agrade
De um ente assim? resiste
Quem ao vêl-o? e se o viu, quem é que tem piedade
De animal tão ruim? Ser lagarta, em verdade,
É uma cousa bem triste.

II

De uma eu sei, entretanto,
Que cheguei a estimar
Por ser tão desgraçada!
Tive-a hospedada a um canto
Do pequeno jardim;
Era toda riscada
De um traço côr de mar
E um traço carmezim.

III

Dava-lhe a custo a sombra escassa e pequenina
De um galhinho sem vida um pé de cazuarina.
Batia-lhe de chapa o sol no dorso, forte,
Vergastava-a de rijo o vendaval do norte;
Subia acima o ramo, abaixo vinha, á vasca
Do vento. E o pobre ser, seguro sempre á casca,
Lesmava-a toda. Emfim, mais forte a aragem brinca

Á noite, assopra, zune, e o debil galho estrinca,
Estala, e dentre os mais andando á roda, o aparta.

Veiu com elle ao chão a misera lagarta.

IV

E affirmo-o, podeis crêl-o, eu vi-o! em toda aquella
Selvazinha gentil de arbustos pequeninos,
Onde a abelha sussurra e o grillo tagarela,
E azoinam da cigarra os tiples argentinos;

Não houve um seio só de acantho ou margarida
Que se quizesse abrir piedoso ao somnolento
Animal que á procura entre elles foi de vida,
E entre elles foi cair porque o mandara o vento.

Torceu-se então na sombra ao ser abjecto a immunda
Boca, e emquanto ao redor é tudo em paz dormido
E um penetrante aroma a noite incensa e inunda,
Estas vozes lhe ouvi, á feição de um gemido :

V

« Cansei-me, em vão, pedindo! A's rosas de ostro embalde
Falei e aos gyrasóes de grande c'rôa jalde :
Não quizeram me ouvir gyrasóes e rosaes.

Beijei supplicemente os pés dos vegetaes;
Ninguem me quiz, ninguem! Passei como mendiga,
Implorando a chorar um pouzo e estancia amiga...
Tudo em vão, porque a tudo o nojo inspiro, o horror!
Treme a folha ao sentir-me e treme ao vêr-me a flor.
E aqui estou, fria, exhausta, exposta ao vento enorme,
Sósinha, sem dormir, e vendo um céu que dorme!
Noite, oh! sê testemunha, eterno e mudo espião,
De minha dor sem nome e desta ingratidão! »

VI

Disse e pensou na morte. E com o mortal excidio
Pensou tudo acabar... E pensou no suicidio.
Ia-se a pouco e pouco adelgaçando o véu
Da noite. A estrella d'alva illuminava o céu.

Fez o tumulo em vida e sepultou-se nelle.
Ides ver que a maguava a sua propria pelle.

VII

Claro rompia o sol no céu do oriente. Á grande
Natureza, que em tudo a sua força expande,
Doeu-lhe que, sendo abril na terra alegre e farta,
Jazesse alli dormindo a misera lagarta;
E, então, porque, talvez, entre emplumado bando,

Visse uma borboleta isolada pairando,
Toma o leve casulo, arranca á morte a vida;
Sopra a negra materia informe, envilecida,
Anima-a! Uma aza faz e faz após outra aza,
Leves, pervias á luz, e as prende, ajusta e casa;
Depois entre-sorrindo e nellas pondo a vista,
Como em rapto genial trabalha a mão do artista,
Rabisca-lhes por cima um desenho chinez...
A chrysalida, então, abriu-se desta vez,
E da lagarta que era eis surge a borboleta.

Pasma, olhou de redor, e, assim como uma setta,
Rompeu livre o azul...

VIII

O azul rompeu do espaço.
Poz-se a voar, a voar, sem tregua, sem cansaço,
Té que descendo os pés, que eram dois aureos fios
De aranha, em frente a um lago, entre uns ramos sombrios
Pouzou. Reviu-se n'agua. A alegria nas azas
Scintillava-lhe assim como os rubins em brazas
Numa corôa. A luz cantava em torno, ao vêl-a
No lago a se mirar como uma linda estrella.
Do pollen seu na côr, que embalde o Ticiano
Sonhara, o ádyto escuro, o impenetrado arcano
'Stava da tinta ideal que, em sol delida, a immensa
'Sphera tinge de azul, de ignotas mãos suspensa.
Os perfumes que então das urnas de ouro, em vago

Bando, a aurora deixara esparsos sobre o lago,
Viéram, marchando no ar, invisiveis, saudal-a.
Já se ouvia no bosque aos passaros a fala,
A manhan na amplidão voava, desenrolando
O seu césto de fogo.
E ella, as azas vibrando,
Voou tambem na amplidão.

IX

O meu jardim agora.
Podeis florir, cecens e cravos côr da aurora!
Fugiu com a noite, foi com a noite e o vento aquelle
Incubo hediondo e vil de ascosa e immunda pelle.
Cravos da côr do sol, cecens, flori, radiosas!
Enxambre a luz do oriente a tunica das rosas.
Sus, camelias! Mas eis, trêfega, alvoroçada,
A nossa borboleta. Inquieta e desejada,
Vae por tudo vibrando as suas azas loucas;
E foi lagarta! e andou cuspida de mil bocas!
E foi monstro! e rojou de ventre como as feras!
E irritava o gramado, e nauseava as heras!
Eil-a, que garbo agora! Eil-a, a ostentar as côres
Das azas com que passa entre as ruidosas flores.
Tudo a procura e quer e é um longo anceio mudo.
E, vêde-a, a vingativa! um beijo cede a tudo!
Mas quem póde exclamar, ao vêl-a assim tão bella :
— Ella é minha! se o ar, se todo o espaço é della!
Ama, vôa, revôa, agora beija, agora

Foge, volta de novo, e beija, e vae-se embora.
E é em vão que a roseira inunda-se de aroma,
Em vão a flor do sol aos raios de ouro agoma,
A açucena na alvura em vão su'alma ostenta,
Em vão para attrahil-a o cravo se ensanguenta,
A papoula flammeja. Ella é a Mimi leviana :
Ama, e treme, e delira, e vôa, e foge, e engana.
Sabei, lirios, sabei, dahlias, sabei, vós, quantas
A amaes, sabei, jasmins, sabei, cheirosas plantas,
Myosotis côr do céu, pasmae com o caso incrivel!
Sabei todas que vós combateis o impossivel
Querendo possuil-a! Ó macias alfombras!
Ó tufos de verdura! Ó verdura das sombras!
Ó camelias sem côr! Ó lirios côr de opalas!
Ó crystaes das manhans! manhans de eternas galas!
Ninhos! sons! harmonia e sol! e firmamento!
Ella não será vossa! em vão é o vosso intento!
Pois um unico amor, uma paixão estranha
Domina-a :
A trama de ouro e o fulvo olhar da aranha.

A ENCHENTE

Foi sobre o pôr do sol que a agua, espumando, ás roncas,
Começou de crescer : pelas fragosas voltas
Das vertentes a uivar; pelo pendor, ás soltas,
Das pedras a mugir; pelos algares, broncas
Socavas, barrocaes, fojos, cavernas, o ermo
Zoando, com o propagar dos echos seus sem termo,

Descia. Em plumbeo céu, ennovelladas no alto
As nuvens que arrastara o temporal se arqueavam,
E inda, de quando em quando, ao raio, que de assalto
Rompe-as, em fundo de ouro o seio ethereo cavam,
Onde, ferindo a vista, os subitos coriscos
Se encruzilham febris, serpentejando em riscos.

Doce raio de sol, dentre o bulcão sombrio,
Como que a medo escapo, ia aquecendo o monte;
E era assim, na amplidão, como luzente fio
De ouro á terra estendido através do horizonte;
Doce raio de luz depois da chuva! o dia
Espreitava por elle a enchente que subia.

Toda a inculta extensão dos campos, pouco a pouco,
A agua enchia e alagava. O que era um rio echôa,
E é mar, e engrossa, e altêa, e ferve, e espuma, e, rouco,
Morde as margens, empóla, empina-se, acachôa,
Bolha, brama, e, á feição de indomito cavallo,
Roto o freio, lá vae, — salta de vallo em vallo;

Vôa, impellindo em furia o peso d'agua, ás mattas
Que ora o vendo a raivar, tão fero e desabrido,
Falam; — « De onde é que vens que o manto, a uivar, desatas
E ruges, tu que outrora em somno azul dormido,
Com as collinas em roda, — escravas tuas — leve
Beijava-as, de teu leito entre os lençóes de neve?! »

E a agua desce : as rechans, as fertiles planuras
Incha, faz apaúlar-se; entre o raizame adunco
Dos grossos vegetaes se infiltra, nas escuras
Charnecas e marneis os lirios sorve, o junco
Dobra, arrasta, ao covil surprende a fera, ao ninho
Baixo arranca os frouxeis e assusta o passarinho.

Embalado lá vae sobre a corrente agora
Um tronco; em vão luctou, rijo madeiro oppondo
A' enxurrada brutal que, na evulsão sonora,
Come ao rochedo os pés e, a minal-o em redondo,
Fal-o pender, até que a um movimento de ira
Mais forte o desimplanta e monte abaixo o atira.

Sôa o valle. Da enchente a boca informe avança ;
Róe aqui já do campo os altos; o arvoredo
Ameaça, abarca, aperta; esta ramada, a França

Deste arbusto alcançou, subindo-se a um penedo,
E esfolhou-a, e bramiu; mais alto sobe, e inunda,
Torce-se toda, e bófa, e espadana e redunda.

Velha humilde choupana, onde estancara a sêde
Viajor que um dia inteiro o sol queimara, — o seio
Despovoado apresenta, ermo e soturno; e, vêde:
Lympha escassa que aos pés lhe andou serpeando, em meio
Da varzea, eis que se entona agora e a forte vaga
Arrebenta-lhe á porta, e pouco a pouco a esmaga.

De seu tecto de colmo aburacado a pomba
A aza abriu, demandando um céu melhor. Vacilla,
Mal sustida, a parede, e balouça-se, e tomba,
E esbrôa-se na queda a avermelhada argilla.
Fica o esqueleto só, de pé, sinistramente,
Combatido ainda assim da alluvião crescente.

E a agua desce : hora a hora, eil-a a brotar a serra;
Brota-a o charco, o sapal, a estrada, a penedia,
A campina, a deveza, os borraçaes, a terra
Toda; e avoluma a enchente, e temerosa amplia
O corpo, e immensa espraia em tudo, e se derrama,
E tudo atrôa, e espuma, e ferve, e ronca, e brama.

Da assomada do monte olha-a o coqueiro, ao vento
Dando os leques; o corvo altivolo, surprezo,
Olha-a de cima, do ar, revoando; o firmamento
Olha-se nella; o sol, por breve instante, o pêso
Das nuvens afastando, olha-a tambem e a umbella
De ouro lá embaixo vê a reflectir-se nella.

Veiu a noite depois e, calma, debruçada,
Olhou-a do alto; olhou-a, entre o espesso negrume,
A estrella, a repontar no transparente lume;
Emquanto do Levante á vaporosa entrada,
Nua e clara assomando, a lua enorme e estranha
Espiava, erguendo o rosto acima da montanha.

A CRUZ DA MONTANHA

I

No alto da serra inculta, onde a virente copa
Torce o vento á araucaria, e o temporal galopa,
Despertando, ao troar das musicas nocturnas
Que arrasta, a escuridão das covas e das furnas :
A deshoras quem cruza o valle immenso em baixo
Vê, se acaso ergue a vista, o como arder de um facho.
É uma estrella? Não sabe. Um fogo fatuo? um duende?
Um phantasma? E aturada e permanente esplende
A luz por entre o horror da negridão da noite.

II

Mas a chuva nem sempre, o temporal, o açoite
Do vento na alta serra as arvores abala;
Muita vez rompe a lua, entre a nevoa resvala
Niveo o globo lá em cima, ao longo das vertentes
Coando em frouxo chover as lagrimas luzentes.

Então brando rumor, — a voz da natureza
Na secreta volupia, — uma quasi tristeza
E goso, em tudo accorda. O pinheiral suspira,
E ouve-se em cada gruta a voz de ignota lyra.

III

Outras vezes é o céu só com as estrellas, cheio
Dellas de pólo a pólo, e precintado ao meio
Da alva faxa que estende a Via Lactea enorme.
Tudo sonha e repousa. E a serrania dorme
Sob esse escuro azul de um céu que tem por cima.

IV

A taes horas não sei que novo brilho anima
A luz que medo trouxe a quem passou distante
Na planicie. Lá está, por noite assim, radiante
Como a estrella da tarde. Esta, entretanto, a porta
Do poente entrou de ha muito, e é desmaiada, é morta.

V

Não, — das cimas da serra, ó arvores, contae-o!
Não é de um astro a luz, não é da estrella o raio

Esse ignoto clarão. Elle illumina um'alma.
Lá se agita uma sombra. A movediça palma
Não é do coqueiral, quando a baloiça o vento
E della extrae com o sopro um musico lamento.
E essa harmonia?... Acaso o mesmo vento accorda
Som tão doce?!... Silencio!... É de uma guzla a corda.
Alguem canta. Abre a noite o ouvido attento. A escarpa
Escuta. A humanas mãos despedaça-se um'harpa
Lá em cima, e o estranho accorde, a melodia estranha
Flue num rio de prata através da montanha.

VI

Mas que acerbo soffrer, que subita agonia
Estas notas traspassa e inverte esta harmonia?!
Vamos, galguemos o alto á serra alpestre e informe!
Lá na soidão sem termo ha um desespero enorme,
Soffre alguem, pena alguem... Humana voz me fala...
Um grito de paixão naquella altura estala!

VII

Dorme seu grande somno a natureza inteira.
Tardo o passo, anhelando, a ingreme ladeira
Subo. Que escuridão, que mar de espessa treva
Róla a meus pés em baixo, entre meus pés se eleva!
Ondas negras que vêm de amplo diluvio escuro!

A uma parte e outra parte a sombra altêa um muro
E me opprime. Entretanto a escarpa vingo, o rosto
Vólto ao despenhadeiro, ao abysmo transposto...
Inda um passo, e descubro a luz que me ha tentado.

VIII

Entre o implexo palmar ha um tecto levantado.
É um palacio. Porém sómente uma janella
Aberta cede á noite um resplendor de estrella,
Luz sonora, — que vem nella arrastado um hymmo.
Triste e vasto... É o gemer, é o grito de um destino
Doloroso. Lá dentro uma mulher ao piano
Canta, ensinando á noite o que é o lamento humano
E o instrumento febril onde os seus dedos correm,
Onde dos olhos seus as lagrimas escorrem,
Geme, como se um cysne, em magico transporte,
Dentro delle soltasse o seu canto de morte.

IX

Tem vinte annos. É bella. O canto entristecido
Sôa mais alto agora, é mais alto o gemido.
O arquejante instrumento um novo carme accorda,
E da aberta janella a musica transborda
Dentro da noite. Á luz, dir-se-hia que o hymno immenso
Entre fumea espiral, como a espiral do incenso,

Subia, e em cada volta em que se ennovellava
No ar, sentada uma queixa e uma lagrima estava.
Mas plangeu subitaneo o piano gemebundo
Outro carme. É a saudade ardente que, este mundo
Deixando, a alma comsigo ao tumulo transporta :
« Adeus, tudo que amei! » E o canto a face morta,
As mãos postas, o tronco inerte, inteiriçado,
Lembra do extremo instante... Um novo tom maguado :
É a canção dos que á terra a superficie fria
Correm buscando sempre a sombra fugidia
Que partiu : « Onde estás!? » — E em cada accento o piano
Grita, chama, interroga, e se espedaça insano.

E o instrumento febril onde os seus dedos correm,
Onde dos olhos seus as lagrimas escorrem,
Geme, como se um cysne, em magico transporte,
Dentro delle soltasse o seu canto de morte.

X

Sob a janella, só, por entre o movediço
Palmeiral, ha uma cruz de marmore massiço.
Guarda um tumulo, em chão de saudades coberto,
E a que furtiva a luz em seu brilhar incerto
Vem beijar e trazer a alma sonora e os prantos
Dessa que dentro rompe em lagrimas e cantos.

XI

E ella cantava sempre. Os passaros dormidos
Estremecem no bosque. E o bosque é todo ouvidos.
A agua os pés de alabastro apressa na corrente
Para ouvil-a, e deslisa, e corre mansamente.
Mudo, em extasi, o espesso e tremulo arvoredo
Inclina a fronte, escuta, e é pensativo e quedo.
Vem dos covis sahindo a procissão tardia
Das sombras, e a bailar trepidamente espia
De longe, o ventre escuro a rastos. As inquietas
Azas colhe o lampyrio; o somno as borboletas
Interrompem, vergando ao pequenino galho
A flor que o calix volta, e donde cae o orvalho.
Folha a folha, aza a aza, espuma a espuma, o fio
D'agua, o insecto, o palmar, em silencio sombrio,
Suspendem-se, e mais livre a musica desata
Sobre tal quietação as estrophes de prata...
E o instrumento febril onde os seus dedos correm,
Onde dos olhos seus as lagrimas escorrem,
Geme, como se um cysne, em magico transporte,
Dentro delle soltasse o seu canto de morte.

XII

Traduz o piano agora um desespero immenso.
Como que em cada nota ha um coração suspenso

Que exulcerado passa e vae sangrando. Ao brado
Da dor, violento grito, estremece o teclado,
Tine e vae estalar. É que a loucura, — gemea
Do amor incontentado, — irrompeu na blasphemia.
Mas num surdo — perdão — a furia se amortece,
E a alma arrependida e supplice apparece...

XIII

Pela janella aberta, em jorros a harmonia
Golfava, enchendo a noite. Emquanto no abandono,
Qual se o morto folgasse em seu ultimo somno,
A cruz, braços ao ar, na sombra estremecia.

VERSOS E RIMAS

(1887-1894)

A Raymundo Corrêa
e Valentim Magalhães.

ENTHUSIASMO E TERNURA

Não são outros os ingredientes que entram na composição do livro que o mavioso poeta Alberto de Oliveira offerece aos seus patricios.

Lyrico entre os nossos melhores lyricos, todavia a sua musa distingue-se por alguma cousa que nos outros não se assignala de modo tão pronunciado: a ternura, unida ao mais vivo enthusiasmo erotico.

Já houve quem pretendesse capitular o lyrismo, da mesma maneira que o mysticismo, na classe das enfermidades psychicas. Acaso o lyrismo, pergunta um critico hoje em muita voga, será, igual á perola, — uma secreção de natureza morbida? Acho, como rhetorica, a imagem bella; mas como sciencia, deploravel. Da theoria lombrosiana é talvez esta a proposição de que mais se ha de rir a critica futura. E porque não será o genio antes o producto da accumulação ou da concentração de esforço,

numa raça, num individuo? Penso que o diamante, expressão do fogo plutonico, caracterisaria melhor a imagem do producto da arte genial.

Em summa, que é isso que a antiguidade chamava enthusiasmo, inspiração, e nós hoje denominamos uma disposição phisio-psychica em erethismo? Um estado proximo da desordem, da decomposição, da epilepsia larvada? Uma extravagancia do seculo, é o que isso é; porque o mesmo se poderia dizer do systema planetario, que já foi nebulosa, apezar do que a sciencia assignala como leis ineluctaveis de equilibrio. Caricaturas scientificas!

Diderot dizia que o genio agitava-se-lhe no cerebro toda vez que os cabellos da parte central e superior do craeno se erguiam, como quando o acommettia o medo. Os poetas da antiguidade grega, na ausencia de conhecimentos analyticos, attribuiam esse phenomeno á invasão de um Deus, e inventaram as pythonisas. Suggestão de um deus ou desordem de loucura, o facto nem por isso para nós outros deixa de ser muito normal; e Pindaro e Anacreonte apparecem-nos tão tranquillos, na sua producção, como as arvores raras que dão fructos mais raros. Não são enfermos.

Um livro como o que agora offerece o poeta Alberto de Oliveira aos seus apreciadores não é um vomito de hysterismo orgiatico; esse livro é um

perfume e que está trahindo a cada instante as harmonias do talento e o *conjungo* da natureza.

Neste momento abrindo eu por acaso o album de phototipias do afamado John Stoddart, caem meus olhos sobre a grande estatua de bronze do Buddha de Kamakura, no Japão, em cujo collo avisto tres inglezes contemplativos. Ora, a phisionomia desse Buddha colossal é tão serena, cheia de ternura, e de bondade, e tão celestial, que ninguem se exhimirá a um movimento comprehensivo do *porque* a religião de Çakia Muni, a par da de Christo, poude captivar as almas de tantos milhões de homens. Então, o lyrismo de um povo reunido em torno de uma crença, a poesia collectiva de uma raça, impulsionada pelo surto da legenda de um santo, e a coordenação sympathica de uma superior religião surgem no meu espirito de modo irrefragavel e no feitio do instincto de conservação das sociedades elevadas. Esse lyrismo gigantesco que por certo não é o lyrismo dos poetas brazileiros, leva-me, todavia, a cogitar em uma de suas mais bellas fragmentações : — o *Nirvana do amor*, esse minusculo buddhismo, cujo centro é a mulher, e de que o coração e o sentimento formam a caçoula hieratica e o perfume ritual.

Alberto de Oliveira pertence ao collegio sacerdotal dos cultores dessa religião.

Não é aqui o momento de analysar o que se

passa no cerebro dos poetas desta casta, quando os invade o vulto de uma *dona*, e essa *dona* se transfigura, ao calor do sentimento, no typo de Laura ou na angelitude de Beatriz. Basta dizer que todos elles partem de uma illusão antropomorphica, em virtude da qual a mulher amada assume os aspectos e a essencia da propria natureza. Si, comtudo, os poetas assim arcabouçados são tropicaes, e a sensualidade acompanha um pouco esse processo de transfiguração, então resurgem os verdadeiros eroticos, e o lyrismo quente do primitivo brahamane ou do poeta dos *Canticós dos Canticos* explode glorioso e illuminado em versos fluentes e melodiosos.

Junte-se agora a essas qualidades geraes um temperamento ironico e impulsivo e ter-se-á um poeta da feição de Olavo Bilac, que morde e dilacera o proprio objecto de seu culto. Ao contrario disto, porém, imagine-se um genio doce, brando, terno, desdobrando-se atravez de uma gaze de melancholia tão transparente como a téla de Arachnè, e se encontrará o autor deste livro, delicioso e cheio de modestia.

A sua Julieta não é descendente dos Montechi; mas nem por isso elle, o poeta incorruptivel, deixa de atirar-lhe perenemente a phrase de Romeu:

— . . . . . : *thy gratious self.*
Which is the god of my idotatry.

Todo seu fetichismo erotico estereotypa-se nessa poesia intitulada *A Camisa de Olga*, na qual o poeta em cuja pupilla dançam a lagrima de prazer e a febre do desejo, não resiste á tentação de palpar os encantos femininos, e, na delicadeza de sua ternura mystica, encarrega o vento desse inicio de profanação.

« Deixa cuidosa mão que a ensaboara
De Olga a camisa ao sol, rendada e clara,
Clara de modo tal que o vento em breve
De longe a vê, de longe corre, e ancioso
A beijal-a se atreve.

Dá-me teu cheiro, linho delicioso!
Diz, e dizendo fortemente a aspira,
— Deixa envolver-me inteiro
Na cava do decote, onde — que cheiro!
Bate seu seio e virginal suspira. »

Esse deslise, entretanto, não tarda corrigir-se, e nos ultimos versos o poeta reprehende a indiscripção e o proprio excesso, observando —

» Que aquella mesma falta de respeito
Que é nos homens um pessimo defeito.
Tambem no vento muita vez existe... »

Dirá se não tenho razão quem percorrer o livro, e se Alberto de Oliveira na sua ternura velada, ora

pela lagrima doce da saudade, ora pela gracil audacia do amor, não incide perfeitamente naquelle celebre conceito de Horacio acerca da ternura virgiliana — *molle atque facetum carminis genus.*

T. A. Araripe Junior.

Riachuelo, 27 de Janeiro de 1895.

NOVA DIANA

Laura, uma vez, do claro banho a lympha
Deixando — espelho da belleza sua,
Como as nymphas pagans, soberba nympha,
Entrou no bosque inteiramente nua.

Lêra que assim, num tempo já distante,
Erravam pelo matto as deusas bellas,
E desse dia na manhan brilhante
Quiz — nua — ter alguma cousa dellas.

E havia em tudo naquella hora, em tudo,
N'agua, na sombra, na folhagem fria,
Na flor, nas plantas, no rochedo mudo
Uns como visos de mythologia.

E plantas, agua, flor, verde folhagem,
Vendo-a surgir, como se ao tempo fôra
Em que de Diana lhes sorria a imagem,
Julgaram-na a formosa caçadora.

O mesmo porte! o mesmo gesto lindo!
A mesma cabelleira ondeiante e flava!
Á mão, sómente, curvo e ao sol luzindo,
O arco de tensa corda lhe faltava.

— É ella mesma! um sussurro se derrama —
O arco que importa! vamos festejal-a! —
E corre a espial-a o passaro da rama,
E a agua de pés de prata corre a espial-a.

Alvoroça-se o bosque, e em borborinho
Continuo e vario palpitante sôa,
E em cada moita garganteia um ninho,
De cada ninho sae um'aza e vôa.

E tudo canta! accordam de repente
Todas as cousas que em repouso estavam,
E cantam! cantam, como antigamente,
Nos bons tempos da Héllade, cantavam.

E ella, esplendendo em toda a formosura,
Nua lá vae!... Lasciva e meiga, a espaços,
A liana em flor estreita-lhe a cintura,
Cinge-lhe as fórmas num milhão do abraços.

E de subito o sol por uma aberta
Surge, e espalha dos raios o thesouro;
E ella apparece ao sol toda coberta,
Toda coberta de seus raios de ouro.

Illumina-se o quadro. Como um bando
De servas, a seus pés as sombras descem,
Depois vão se afastando, se afastando...
E de rastos no chão desapparecem.

E ora em pleno esplendor que mais semelha
Leve tunica, lubrico arrepio
Corre-lhe as carnes, como uma scentelha,
Como o tremito lubrico de um rio.

As aves, que dois fructos suppuzeram
Serem-lhe as pomas, de uma tez mimosa,
Ás pomas virginaes picar-lhe vieram
Com o roseo bico os bicos cor de rosa.

E ouviu-se ao bosque, e decoral-a aprouve
A mim, que a alma das cousas sondo attento,
Esta canção que ainda hoje acaso se ouve
No murmurio das arvores ao vento :

— « Gloria á eterna belleza! eil-a que volta
Com o mesmo viço, a mesma mocidade!
Traz inda ao hombro a cabelleira solta,
Como a vi noutra edade.

Sua doce presença a tudo anima,
Levanta os velhos, magicos ardores
Verte-lhes n'alma, e o azul se cobre, em cima,
De astros e o chão de flores.

Circule a seiva como uma corrente
Em meus troncos, meus rios se avolumem
E, crespos a rolar de novamente,
De novamente espumem;

Surjam, cresçam, levantem-se em meu seio
Monstros e vegetaes; meus largos hombros
Rinjam, dos vendavaes que vão sem freio
Lutando com os assombros!

Subam ao sol meus cedros! entrem brutos
Os meus pés pela terra, e esta cabeça,
Curva inda ha pouco, toda flor e fructos,
Aos astros appareça!

Gloria á eterna belleza! eil-a que volta,
E vem com ella a extincta mocidade!
Traz inda ao hombro a cabelleira solta
Como a vi noutra edade! »

ASPIRAÇAO

Ser palmeira! existir num pincaro azulado,
Vendo as nuvens mais perto e as estrellas em bando;
Dar ao sopro do mar o seio perfumado,
Ora os leques abrindo, ora os leques fechando;

Só de meu cimo, só de meu throno, os rumores
Do dia ouvir, nascendo o primeiro arrebol,
E no azul dialogar com o espirito das flores
Que invisivel ascende e vae falar ao sol;

Sentir romper do valle e a meus pés, rumorosa,
Dilatar-se e cantar a alma sonora e quente
Das arvores que em flor abre a manhan cheirosa,
Dos rios onde luz todo o esplendor do oriente;

E, juntando a essa voz o glorioso murmurio
De minha fronde e abrindo ao largo espaço os véus,
Ir com ella através do horizonte purpureo
E penetrar nos céus;

Ser palmeira, depois de homem ter sido! est'alma
Que vibra em mim, sentir que novamente vibra,
E eu a espalmo a tremer nas folhas, palma a palma,
E a distendo a subir num caule, fibra a fibra;

E á noite, emquanto o luar sobre os meus leques treme
E estranho sentimento, ou pena ou magua ou dó,
Tudo tem e, na sombra, ora ou soluça ou geme,
E, como um pavilhão, vélo lá em cima eu só;

Que bom dizer então bem alto ao firmamento
O que outrora jámais — homem — dizer não pude,
Da menor sensação ao maximo tormento
Quanto passa através minha existencia rude!

E, esfolhando-me ao vento, indomita e selvagem,
Quando aos arrancos vem bufando o temporal,
— Poeta — bramir então á nocturna bafagem
Meu canto triumphal!

E isto que aqui não digo então dizer : — que te amo,
Mãe natureza! mas de modo tal que o entendas,
Como entendes a voz do passaro no ramo
E o echo que tem no oceano as borrascas tremendas;

E pedir que, ou no sol, a cuja luz referves,
Ou no verme do chão ou na flor que sorri,
Mais tarde, em qualquer tempo, a minh'alma conserves,
Para que eternamente eu me lembre de ti.

. . . . . .

ESSENCIA DAS COUSAS

(E. DE LA BARRA)

Essa lagrima pura que alumia
Teus olhos, donde vem,
Mundos de sentimento e de poesia
Em seu crystal contém;
Mas quando, como o orvalho se evapora,
Esse crystal se esvae,
A alma que nelle mora
Onde vae?

O suspiro que, ephemero, de leve
A' flor do labio teu,
Escapando-se, agita, morre em breve,
Morre... apenas nasceu!
Mas a essencia de amor, de onde, no gyro
Momentaneo, elle sae,
A alma desse suspiro
Onde vae?

De teus olhos a luz, a viva e inquieta
E meiga luz que dão,
Poderá se apagar na mais completa
E feia escuridão...
Mas o amor que, entre raios, a atravessa,
O iman com que attrahe,
A alma dos olhos, essa
Onde vae?

O beijo que me déste apaixonada,
Mal no labio o senti,
Fugiu-me... Mas a essencia delicada
Desse beijo está aqui...
Tenho-a no coração que ella me impelle,
No coração que a trahe...
Essa essencia... Com elle
Onde vae?

A CAMISA DE OLGA

Deixa cuidosa mão que a ensaboara
De Olga a camisa ao sol, rendada e clara,
Clara de modo tal que o vento em breve
De longe a vê, de longe corre e, ancioso,
A beijal-a se atreve.

Dá-me teu cheiro, linho delicioso!
— Diz, e dizendo fortemente a aspira,
Deixa envolver-me inteiro
Na cava do decote, onde — que cheiro!
Bate seu peito e virginal suspira.

Mas a camisa : — larga-me! lhe fala,
Retrahe-se toda e a alma gemente exhala :
— Só, qual me vejo, della assim vasia,
O impeto brutal soffro a este vento;
Se ella estivesse aqui neste momento
E eu a vestisse, elle que não faria!

Coube-me a vez de reparar o quanto
Lubrica a natureza a tudo empresta ·
Essa força fatal que póde tanto
E por beijos brutaes se manifesta;

Coube-me a vez de vir notar, e triste,
Que aquella mesma falta de respeito
Que é nos homens um pessimo defeito,
Tambem no vento muita vez existe,..

ENTRADA DE UM LIVRO

Fala a poesia aqui : — Quando cruel desgosto
Vos haja de turbar a placidez do rosto,
Lêde-me e esquecereis todo o pesar que houverdes;
Como deante do sol rasgam-se os campos verdes
Em mil flores, em mil canções, e, ao contemplal-os,
Quem accorda esqueceu de subito os abalos
De noite mal dormida : aqui se estrece e apaga
Das tristezas da vida a atra, a continua vaga.
Aqui do puro amor brilha o sereno lume.
Da alma que em flôr palpita a poesia é o perfume.
Aspirae-o! E a existencia, em luz mais bella accêsa,
Ha de alongar-se e entrar por toda a natureza.
E, como ave que o pó das azas sacudindo,
Tonta de luz, lá vae flechando o espaço infindo,
A vossa alma, a cantar, angustias e pesares
Esquecendo, ha de entrar pelos serenos ares,
Serena, onde, á feição de rutilas capellas,
Arde o festão de fogo eterno das estrellas.

RECONDITO

Penna imprestavel, quebra-te! adormece
Lyra inutil, a um canto! Arte divina,
Arte do verso, eu te dispenso agora;
Nada exprimes de nós quando a alma cresce,
Como o oceano revolto, á dor que a mina,
Á augustia que a solapa e que a devora.

Em momentos como este, quem pudera,
Como o braço de Prospero por cima
Da tormenta, serena e semi-nua
Sua musa invocar para, severa,
Domar-lhe o genio, sujeitando á rima
O cháos em que fluctua?

Em momentos como este, não, não podes,
Lyra fragil, abrir teu peito de ouro
Para a angustia dizer que nos invade;
As syllabas cantantes que sacodes,
Como perolas sobre o sorvedouro,
Cahem frias demais na tempestade.

Em momentos como este, baldo intento
É crer uma arte exista que conduza
Fóra da dor o espirito abatido,
Como crêr haja um magico instrumento
Que o coração chagado nos traduza,
Gemido por gemido.

Em momentos como este, aras sagradas
Da poesia, meu templo e meu asylo,
Que valeis? Essa imagem fria e calma
Que eu contemplo, a rezar, de mãos alçadas,
Tem calmo o aspecto, tem o olhar tranquillo
E eu tenho o inferno a palpitar-me n'alma.

Em momentos como este, é só comsigo
Fechado, como em lugubre enxovia,
Que o coração se quer, de quando em quando
Revolvendo-se e a ver, como um castigo,
Que se vae elle mesmo, dia a dia,
Na dor se devorando.

Em momentos como este... Ah! não presumas
Possas dar no sorrir, com que me affagas,
Um balsamo á ferida que alimento...
Não, minha dor não é como as espumas
Que o vento conglomera á flor das vagas
E á flor das vagas lá se vão com o vento.

Deixa-me! A alma que, ha pouco, a um gesto apenas
Humilhavas aos pés, te desconhece,
Nada responde ao teu olhar afflicto,

E afasta-se, assim como, as negras pennas
Tintas de sangue, uma aguia a um cerro desce
E, inda livre ao morrer, morre num grito.

Deixa-me! amo estar só... Quando a procella
Abre o manto de bronze e em negro rôlo
Estruge o oceano e o vento irrita os ares,
Quem se lembra de ir dar á pobre véla,
Rôta e á mercê das ondas, um consolo
Pela noite dos mares?

EPITHALAMION

Desta paixão — flor que um momento o calix
Abriu meiga e murchou — nada me resta,
Nada — nem a saudade!
Porque lembrar aquellas fórmas brancas,
Aquelle todo de mulher formosa,
Os olhos cor da noite — e eram tão humidos!
Os labios cor da aurora — e eram tão doces!
Se tudo isso passou, se ella, a perjura,
Já não póde ser minha?!
Morrei na arca do peito, ancias ardentes,
Ardente desejar! fugi, suspiros!
Cala-te, coração! tudo está findo!
Da insensata paixão nada me resta,
Nada, nem a saudade!

No emtanto, as minhas lagrimas rebentam!
E eu que inda ha pouco, como um cofre inutil,
Deixara o coração vasio della,
Della, da sua imagem fementida,
Contradictorio agora,

Na alma saudosa novamente a vejo,
Todo estremeço, afflijo-me, e sabendo
Quanto custa a profundo sentimento,
Pesar de todo o esforço da vontade,
Arrancar as raizes,
De mais em mais me sinto desgraçado!
Oh! quantas noites não terei sósinho,
Como o patriarcha biblico, na sombra
De luctar com o meu anjo! Quantas horas,
Ou nas praias do mar ou no fastigio
Dos montes, como as feras, vagabundo,
Ululare meu cantico sombrio,
Té que me vôem d'alma
Uma por uma todas as lembranças
Que á perjura se prendem! — tal um vaso
Aberto, a pouco e pouco, se esvasia
Do perfume que encerra, — tal o cimo
De alpestre serrania, a lento e lento
Da nevoa que o cobriu se despe, e torna,
Qual era, á luz do sol, humido e verde.

Dorme, emtanto, tranquilla,
Dorme, e esquece... não, hei de eu ser por certo
Quem perturbe o teu somno! Inda offendido,
Inda esmagado nos meus brios de homem,
Doer-me-ia saber que por momento
O mais leve pesar viera maguar-te
Em tua felicidade.

O teu dia melhor festivo rompe.
Em flores e canções o azul desata-se,

E pelas mãos de amigas,
Crôam-te os anjos, trefegos sorrindo,
Com a grinalda de noiva.
Mais um momento : e ao som de ledas musicas,
Arfando ao sôpro tepido da noite,
Sobre a tua cabeça e a delle, — ai! como
As paginas de um livro — hão de cerrar-se
Mysteriosas do frouxo cortinado
As paginas de neve...
E... Mas dorme tranquilla, esquece... dorme!
Eu não serei jámais a sombra odienta
Que em teu sonho atravesse, e vá turbar-te
Em tua felicidade!

A TAÇA DE HAFIZ

Na aurea taça em que bebia
Hafiz, o poeta do Irão,
Viu que do vinho se erguia
Certa vez uma visão.

Muitas sonhara, nenhuma,
Porém, assim, tão formosa;
Veste alvas roupas de espuma
E altea-se vaporosa.

Como aos reflexos de um mundo
Vago, de um sonho através,
Pousa da taça no fundo
A ponta esguia dos pés.

Do ardente vinho no afôgo,
Sentindo-lhe inda os resabios,
Hafiz, com os labios em fogo,
Toca-lhe o fogo dos labios.

E bebe. E, á visão attento,
Ouve elle, entretanto, alli :
— « Eu chamo-me esquecimento,
E em tua taça nasci.

Sou eu que ás almas afflictas,
Da dor no carcer medonho,
Aceno com as infinitas
Regiões aereas do sonho.

A vida é um bocejo eterno.
Quem a comprehende sou eu ;
Ás paredes desse inferno
Rasgo uma porta p'ra o céu.

Vem! a espiral de vapores
Que a mim me enlaça, te enlaça;
Sobe! cingida de flôres
A fronte e em punho essa taça!

A embriaguez é remedio
Aos que alma enfarada têm
Dos baços dias do tedio.
Hafiz, inda um beijo. Vem! »

E á mão Hafiz, como louco,
A taça de novo erguia...
Mas — dura o vinho tão pouco!
A taça estava vazia.

A VINGANÇA DA PORTA

Era um habito antigo que elle tinha :
Entrar dando com a porta nos batentes.
— Que te fez essa porta? a mulher vinha
E interrogava. Elle, cerrando os dentes :

Nada! traze o jantar. — Mas á noitinha
Calmava-se; feliz, os innocentes
Olhos revê da filha e a cabecinha
Lhe affaga, a rir, com as rudes mãos trementes.

Uma vez, ao tornar á casa, quando
Erguia a aldraba, o coração lhe fala :
Entra mais devagar... — Pára, hesitando...

Nisso nos gonzos range a velha porta,
Ri-se, escancara-se. E elle vê na sala
A mulher como douda e a filha morta.

A ALMA E O SOL

« Vem! — pela aberta janella
A mim, que enfermo me achava,
Dizia o sol — alma escrava,
Vem ser mais livre e mais bella!

Deixa esse fardo que, ás cegas,
E de demencia em demencia,
Pela inutil existencia
Inutilmente carregas.

Ascende á luz menos baça
Do que essa que te alumia;
No esplendor do eterno dia
De azas abertas esvoaça.

Vem! Do carcere em que prêsa
Em vão te debates, rôto
O grilhão, contempla o ignoto,
Contempla a eterna belleza!

Paira na vaga que as penas
Dilue e o espirito apura,
— Cysne de immácula alvura
Em tanque de aguas serenas.

Sóbe ás espheras que, em brando
Offêgo, no ar transparente
Se embalam perpetuamente,
Perpetuamente cantando.

Attinge ás claras paragens
Onde aos que amaste e não crêste
Ver mais, num nimbo celeste,
Vérás as santas imagens.

Vem! Que receio te atterra?
Que ancia rebelde te invade?
A carne vil, sem saudade,
Deixa a alguns palmos de terra!

E, já de teu corpo os liames
Desfeitos, de horror tranzida,
Contempla a imagem da vida
Em teus despojos infames.

Vem! mais amada e mais bella
Serás... » O sol proseguia.
Eu, farto do que lhe ouvia,
Mandei fechar a janella.

O SONHO DE BERTHA

I

Soltando o cabello de ouro
Ao deitar-se, ondeiante e farto,
Viu Bertha lhe entrar no quarto
Um besouro.

— Já agora, exclamara ella,
Não me levanto, é capricho,
Para mostrar a este bicho
A janella;

Nem da toalha um açoite
Farei contra este besouro;
E sem mais, senhor agouro,
Boa noite!

Despiu-se. Nevada e lisa,
Quente inda de sua pelle,
Tirou mesmo deante delle
A camisa.

Sobre o leito em que deitada
'Stá, volta-se offegante
Bertha insomme, a a cada instante,
De assustada.

Pobre Bertha! emfim, succumbe,
Desmaia... Entretanto, ás voltas,
O besouro, de azas soltas,
Zumbe, zumbe...

II

O que Bertha no seu sonho
Viu, ainda hoje, se o refere,
Negro horror á alma suggere,
De medonho.

Viu nos braços, feio e rudo,
Tomal-a, e a que em vão se escapa,
Um vulto, de negra capa
De velludo.

E ao passo que a prende e aperta
Em seus braços, lhe ouve : — Ágora
Eis-te, emfim, com quem te adora,
Minha Bertha!

E collar-lhe ao seio, — abjectos,
Viu-lhe os bigodes compridos,
Muito duros, parecidos
Com uns espetos.

Ao pé delles, que afastava
Com as mãos ambas como louca,
Um buraco feito boca
Resmungava.

Quiz gritar, quiz pela santa
Chamar a quem sempre resa;
Mas a voz ficou-lhe prêsa
Na garganta;

Quiz fugir... Um movimento
Ao pobre corpo captivo
Imprimiu, rapido, vivo,
Num momento...

Accordou. Clara e modesta,
Pairava na alcova linda
Uma restea de luz vinda
De uma fresta.

E erguendo-se, em vago anceio,
Achou Bertha, espavorida,
Um besouro, já sem vida,
Junto ao seio.

A UM AMIGO

Não te deixes levar sem mais nem menos
Dos olhos de Leonor;
Delles te espia Venus,
Te espia amor.

Olhos, amigo, como aquelles, teme-os,
Teme-os, sim, porque são
Os dois formosos gemeos
Da seducção.

Vi-os, sei que perigo ha nelles; força
É que o saibas tambem,
E que tu'alma eu torça,
Se te convém.

Leme fiel sou eu, que de taes olhos
Vendo-te approximar,
Brado : — Foge aos escolhos
Daquelle mar!

Seja em bem da amizade que nos prende
O que eu te digo. Em mim
O immenso mal aprende
De olhos assim.

Dois, que eram duas limpidas estrellas,
— E de uma languidez,
De um fogo como o dellas!
Vi uma vez.

Vi-os, e sabe toda a gente, amigo,
O que me aconteceu;
Parecia um castigo
Do proprio céu!

Mira-te em mim, como em perfeito espelho,
E, se acaso te apraz,
Seguindo o meu conselho,
Dá um passo atraz.

Foge a esses olhos de clarão perverso,
Tanto e de modo tal
Que mal dizer meu verso
Lhes sabe o mal.

Foge, que é tempo ainda á tua cura,
Aos olhos de Leonor...
Ha nelles a loucura
E não o amor.

METEMPSYCHOSE

Calmo, quando a hora chegue em que eu te córte
Da vida o fio, espero — um bello dia
Ouvi que a natureza me dizia —
Espero passarás o umbral da morte.

E como sei que em magico transporte
Amas da selva a musica sombria,
Farei gemer tu'alma á ventania,
Num cedro altivo ou num pinheiro forte.

E eu respondi-lhe : — Sim, terei coragem!
Graças ao que me dizes, resoluto,
Da morte affrontarei sereno a imagem.

Mas com que fim casar, deusa severa,
Essa nota tristìssima de lucto
Com este esplendido azul de primavera?..

JOIA PERDIDA

A UM POETA OBSCURO

Succedeu certo dia
Que, indo a escada descer, leve tropeço
Deu Helena, e do annel que á mão trazia,
Nisso e como de subito escapou-se
E, fôsse como fôsse,
Alli mesmo perdeu-se a pedra de mais preço.

Era um brilhante, raro
Niveo pingo de luz, chispa tremente
Feita crystal e que ao thesouro avaro
A terra recolhera e em cujo lume
O longinquo queixume
Como havia, talvez, de sua patria ausente.

— Não o dera por nada!
Hei de achal-o! — exclamara a moça inquieta;
E, degráu por degráu, revista a escada :

Curva-se, espreita, apalpa, olha, examina,
Zanga-se, desatina,
Torna a curvar-se e o afan de novamente enceta...

Por esse tempo, a linda,
A clara pedra, posta em liberdade,
Folgava : — « Emfim, meu captiveiro finda!
Basta já de, obrigada e a um dedo prêsa,
Como lagrima accesa,
Andar daqui p'ra alli, tonta de claridade!

Antes que ella me aviste,
É já prompto rolar escada abaixo,
E ir a luz sepultar dos olhos, triste,
Numa fresta qualquer!... Eia! » — Em seguida
Foi-se a joia perdida,
Rolou, sumiu-se, como um pequenino facho.

Sob uma taboa, ao fundo
Da soleira da porta, hoje scintilla
Na viva luz, longe do olhar do mundo;
Tem a sombra em redor, tem o deserto
E a noite, — mas por certo
Crê-se e é feliz, assim, obscura... mas tranquilla.

PAGANISMO

Lembra-me ainda : o bosque era tão verde, a areia
Tão fina, e em torno a voz das arvores. Ninguem.
Ninguem. E emquanto ao pé cantava uma sereia
N'agua, n'agua ambos nós cantavamos tambem.

Nús, descalços, com os pés da lympha sobre a veia,
Todo o rio, que o céu no vitreo olhar retém,
Corriamos, á luz de que se veste e arreia
O bosque, e a mais o amor levava-nos além.

E a agua nos festejava os corpos e dizia :
— « Voae, nadae dentro em mim! quero o vosso calor!
A agua eu sou do deserto, eternamente fria! »

E Hermia, emquanto por cima a liana aberta em flôr
C'roava-a, do rio azul nas duas mãos bebia
E dava-me a beber do rio azul do amor.

EXTREMA VERBA

Quero-te aqui, minha sómente! Os braços
Meus e o collo e a cabeça e a boca e o rosto!
Tu matarás todo o infernal desgosto,
Toda a amargura que me segue os passos.

Seja dia ao nascer, seja sol posto,
Ou chova ou torrem calidos mormaços,
Tu me serás repouso aos membros lassos,
Minha sómente, meu marmoreo encosto...

Em ti, como num céu que é meu agora,
As azas canse o espirito suspenso,
Sacie-se o ideal que me devora.

Vamos : dos seios mostra-me o thesouro,
Solta os cabellos e que eu morra, o incenso,
Bebado, haurindo dessa nuvem de ouro.

ANGELA

Já no inverno da vida entrado havia
E della se dizia nessa edade
Que era a mesma alma indifferente e fria,

A mesma da primeira mocidade;
Nunca de amor batera aquelle peito,
Nunca os olhos lhe enchera uma saudade...

Tinham por ella especie de respeito,
Mesmo no tempo em que era moça e bella,
Por seu olhar á luz divina afeito.

Em seu quarto, á feição de estreita cella,
— Unico ser em vida que adorava, —
Um Christo havia sobre a cruz singella.

Nada essa vida angelica turbava;
Nunca a paixão, que mesmo ao forte humilha,
Pôde vencêl-a, impetuosa e brava;

Isenta do erro, que é commum partilha,
Ascendia a sua alma, oh quem a visse!
Dos puros céus á illuminada trilha.

E as rugas já primeiras da velhice
Lhe iam sulcando o rosto dolorido,
Sem que o seu seio uma só vez bolisse...

Sem que ninguem jámais tivesse ouvido
Áquella boca um nome apaixonado,
Áquelle peito a nota de um gemido!

E em seu ermo retiro socegado,
— Eterno e branco lirio — ella sorria,
Longe do mundo, longe do peccado.

Era sublime assim. Porém um dia
A luz do amor feriu-a em seu degredo,
Por influxo de incognita magia.

Talvez, passando as contas em segredo,
Uma, do tenue fio desgarrada,
Foi-lhe no seio se occultar a medo;

Talvez, por frincha exigua e delicada
Em seu triste aposento alguem coasse
O extenso raio dessa luz dourada...

O certo é que ella amou, como se amasse
Aos seus vinte annos, e o rubor do pejo
Pela primeira vez lhe tinge a face;

Pulsa-lhe a carne ao sopro do desejo,
E pela vez primeira se lhe cresta
O labio, em febre, appetecendo um beijo...

Assim na aldeia um templo, onde não resta
Nem mais culto, nem fé, nem celebrante,
Accorda um dia, por manhan de festa;

Cobre-se o altar de flores, resoante
O orgão desperta e, aos ventos matutinos,
Ouve surprêso o camponez distante
Na velha torre o bimbalhar dos sinos.

GENUFLEXA

NO ALBUM DA EXMª. SRA. D ADELAIDE AMOEDO

Este livro é um altar. Ajoelha-te, minh'alma;
Uma santa aqui está, fronte serena e calma,
Todo o bem no sorrir, no olhar toda a bondade...
Dê-lhe outro nome alguem, eu chamo-lhe amizade.

Seja a tua oração breve, porém, sincera.
— Aqui ha um canto azul de céu de primavera,
Paz, affecto, ideal, doçuras infinitas.
Ajoelha-te a resar, alma que em mim palpitas!

Resa. Tens de chorar os olhos teus vermelhos?
Um consolo aqui está. Minh'alma, já, de joelhos!
A aza, de espinho máu, por tanto descaminho,
Tens em sangue? Aqui ha quem te arranque esse espinho.

Resa. Horrivel visão que gela e terrifica
— A morte — em sonhos vês? Alma, ajoelhada fica!
Eil-a, a vida aqui está, nem dores ha que a vençam;
Toda ella é um sorrir, sob infinita bençam.

De joelhos, como está, a alma tudo esqueceu,
Maguas, desillusões de ideaes que viu cahidos;
E, abafando em si mesma o echo de seus gemidos,
Ouve, entrando este livro, os canticos do céu.

A PORTA FLORIDA

Vivia alli — mas não cansadas arvores
Tinha, como estas, o logar — vivia
A flôr mais pura desta redondeza;
E aquella porta para a natureza,
Cheia de festas e canções, se abria.

Era no tempo em que as abelhas celeres,
Tomam dos bosques o florido atalho,
E, humidos inda, nas manhans cheirosas,
Os rebentos dos lirios e das rosas
Pendem pesados de neblina e orvalho.

Na aerea ronda as borboletas vividas,
Cujo enxame irisado os ares corta,
Vinham bailando, cada qual mais linda,
Da agua das folhas salpicadas inda,
E entravam soltas por aquella porta.

E a aragem tepida, o fragrante anhelito
Das sebes vinha e da floresta inteira
O aroma, desde o penetrante extracto
Com que os ares perfuma a flôr do cacto,
Á essencia virginal da laranjeira.

Tambem dos rios a canção perpetua
Alli se ouvia, e a ella de mistura
Todas as vozes com que a selva canta
E em espirito surge e se levanta,
Saudando o sol na embriaguez da altura.

Mas uma noite — como accorde magico,
Soava no bosque estranha serenata —
Da lua um raio clareou ligeiro,
Transluziu o perfil de um cavalleiro
Negro, montado num corcel de prata.

E assim da lua disse o raio : — Move-te,
Abre-te, amiga! quem te fala agora
É a voz do amor! — E, quando assim falava,
Nos batentes á porta despertava
Ao retinir de acicalada espora.

Depois... a lua branqueava o pincaro
Das serranias. E no occaso a lua
Caiu serena. — Como uma neblina,
Ao pé da porta a alvinente clina
Desenrolada de um corcel fluctua.

Depois... aromas, borboletas, musica
E o sol, e os astros da azulada esphera,
Vieram de novo, e para longe voaram,
Para longe, que embalde procuraram
O espirito gentil da primavera.

E desde então, — transluza a aurora fusca,
Ou caia a noite, — como cousa morta
Que alli ficasse, no adormecimento
Dos pêrros gonzos, resumungando ao vento,
Apodrece esquecida aquella porta.

BORBOLETA MORTA

A UMA SENHORA QUE SE LEMBROU DE ENVIAR-ME UMA BORBOLETA AZUL

I

Abrindo as azas, — leve phantasia
Da primavera quando despontava,
Sonho dos campos, — ao nascer do dia
De trecho em trecho a borboleta voava.

Voava. — « Que tanta flor! vamos ás flores!
Quanto raio de sol! como isto agrada!
E abelhas a zumbir! e multicores
Rosarios d'agua a sacudir a geada!

Ramos verdes! rosaes de ardentes rosas!
Lirios de prata! moitas de violetas!
E eu, toda azul, nas ondas luminosas
Voando — inveja das outras borboletas! »

Ia e vinha, pairava no ar, arfando,
Descia ás flores e, num torvelinho
De petalas e pollen doidejando,
Riçava as azas como um passarinho.

E voava. Os vossos olhos, entretanto,
Viam-na, e quando junto da janella
Passava acaso, enchendo-se de espanto :
— « Lá vae! » — disseram, todos presos nella.

« Lá vae! tão grande! tão azul! tão linda!
Apanhemol-a! » — Assim foi que a tivestes;
E, vendo que ella batalhava ainda,
Dilacerando as pequeninas vestes,

Mão barbara e cruel, mão feminina,
De atro estylete segurando na haste,
Como quem vibra a lamina assassina,
O peito, sem piedade, lhe varaste.

II

E ella aqui está, morta, no extremo alento,
— Phantasma azul de uma illusão da aurora;
As duas azas, que do firmamento
Mostrava á luz, exanimes agora.

Como num extasi ante o céu sereno
A alma do infante : jaz-lhe o corpo frio,
Como a dormir, de seu caixão pequeno
No fôfo leito de algodão macio.

E, sem saber que ella aqui dorme, e um poeta
Véla-lhe o somno e scisma a contemplal-a,
Em seu tumulo, pobre borboleta!
O vento e as flores não virão choral-a.

Não sabereis, raios de sol, o caso
Triste de vossa misera phalena
Que, como a essencia na prisão de um vaso,
Mão feminina encarcerou sem pena.

Em vão dos campos sobre a mesa flórea,
Dos claros rios sobre o vitreo manto,
Indagareis da dolorosa historia,
Raios de sol, raios que a amaveis tanto!

Em vão tambem, rosas sanguineas, quando
Romperdes frescas nas manhans cheirosas,
Acenareis com um movimento brando,
Suppondo vel-a sobre as outras rosas.

Ella parou na subita carreira,
Cansou no espaço.., não! quando fugia,
Mão gentil, mas cruel, mas traiçoeira,
Vibrou-lhe o golpe que a matar devia.

Ella está morta; guarda esquife estreito
Seu cadaver de virgem dolorida;
A aguda ponta que lhe vara o peito,
Como um punhal, mostra-lhe o fim da vida.

Ella aqui está, morta, no extremo alento,
— Phantasma azul de uma illusão da aurora;
As duas azas, que do firmamento
Mostrava á luz, exanimes agora.

III

Maldicta a mão que na maior loucura
Imploramos um dia e, se mais grata,
Como num calix, serve a desventura,
Serve o veneno... e as borboletas mata.

Mata-as com a mesma sem piedade como
As illusões que mais na vida amamos,
Matando o coração, que arido pomo
Lembra, esquecido entre esfolhados ramos.

Mão de mulher! mixtura extravagante
De velludo, de rosas e de espinhos,
Concha em que o amor nasceu, taça brilhante
De helleboro, de fel e de carinhos!

Deus ao fazêl-a, na divina graça
De que a cercara, pôz um beijo eterno,
Mas fazendo-a para iman da desgraça,
Juntou-lhe após uma porção de inferno.

Esse calor que lhe sentis, se a toca
Vosso labio, a juncção negra revela;
Raro a parte de Deus vos chega á boca,
Quando a mulher sobre ser moça é bella.

Esta deve esplender de tal maneira
Na formosura que encaral-a fôra
Ser victima do assombro, na cegueira
De estar a vêl-a tão encantadora.

Por isso a mão, cujo rosado vivo
Provoca os beijos, na maldade innata
Treme-lhe um dia e, a um gesto convulsivo,
Péga de um lenço e as borboletas mata.

IV

Beijo, entretanto, a mão que amaldiçôo,
Porque, sustando a trêfega doudice
Do insecto azul no palpitante vôo,
O seu cadaver quiz que eu possuisse.

Negou-se á aragem, que lh'o supplicava,
Dál-o, e ao sol que o pedia, e á natureza
Que p'ra enterral-o os cirios preparava,
Do orvalho erguendo a pedraria accêsa.

Em caixa de setim com laivos de ouro
Pôl-o cuidosa, e, na paixão secreta
Do seu desejo, quiz que este thesouro
Viesse a guardal-o um coração de poeta.

— « Que elle, entre as illusões mortas, occulte.
Esta morta illusão, e a mesma campa
Que as mais sepulta a misera sepulte. »
Disse, ao cofre gentil cerrando a tampa.

E adivinhou que sobre o corpo inerme
Que me enviava no gracioso empenho,
Eu deixara das palpebras correr-me
A mais pura das lagrimas que tenho.

Porque é um culto p'ra mim, do pingo d'agua
Á estrella de ouro que no espaço vemos,
Tudo o que soffre, e cujo amor ou magua
Nós nesta vida nunca entenderemos.

O SONHO DE TITANIA

Lá vae, pé ante pé, de folha em folha, o alado,
O aereo Puck, o trasgo, o genio endemoniado.
Vêde-o : não é mais leve, assim qual vae, tão leve,
A plumula que o vento acaricia, a neve
Que se equilibra no ar em flocculos. Cautela,
Silencio, auras subtis! dorme Titania, a bella!
Deixae-a assim, qual é, no somno ameno e brando,
Dos tomilhos do bosque ao lado repousando;
Lidou tanto, através de valles e de outeiros
Tanto cansou, correndo, os zephyros fragueiros,
Tanto a si se cansou tambem, que á pobresinha
Necessario é dormir. Dorme, bella rainha!
Pé ante pé, de folha em folha, no entretanto,
O elfo lá vae. Não sôa em de redor um canto,
Não trina um'ave, um sopro em de redor não passa,
Uma aza em de redor sequer se agita e esvoaça.
Calma estranha, mudez. O elfo lá vae. Que aereo
Pisa! que aereo o passo adeanta! Que mysterio
É esse que se vae passar alli?... Cautela,
Silencio, auras subtis! dorme Titania, a bella,
Dorme. E o elfo lá vae : um passo ainda e a alcança,

Curva-se e de uma flor que leva, sem tardança,
Cauteloso lhe abrindo as palpebras, instilla
Uma gotta, que obtem do succo, na pupilla.
Fal-o e parte.
Vingado em seu despeito insano
'Stá dos genios do espaço o excelso soberano,
Folga o altivo Oberon. Titania, a encantadora,
(Auras, podeis falar, ella desperta agora!)
Titania, a loura, accorda e, horror! da estranha planta
Graças ao succo estranho, ao poder que a quebranta,
Olha em roda e atro amor domina-a num momento,
Vendo, pasma a encaral-a, a face de um jumento.
Beijos que ella lhe dá, num sofrego carinho,
Flores de que lhe adorna o tumido focinho,
Confissões que lhe faz, vozes que lhe murmura,
Os pellos a alizar-lhe á tesa orelha escura,
Tudo á verdade induz de que um momento chega
Em que ao monstro mais vil o ser melhor se entrega,
Para os olhos, mais tarde, ao que sonhou volvendo,
Fitar com asco e pavor seu pesadelo horrendo.

O CYSNE

(SULLY PRUD'HOMME)

Calmo, do espelho azul d'agua profunda e calma
Á face, errando, os pés, languido, o cysne espalma
E deslisa. Da neve os raros floccos brancos
Lembra o fino frouxel que lhe amacia os flancos;
Linea véla parece a aza que encurva e brande,
Esbelto, e ora retrahe, ora sacode e expande.
Entre as nymphéas indo, o alvo pescoço apruma,
Colhe-o após, some-o n'agua, estende-o sobre a espuma,
Curva-o molle e gracioso, e amphora antiga imita.
Dos pinheiros ao longo, onde o silencio habita
E a paz e a sombra, vae; rastejando na esteira
Que atraz fica, semelha intonsa cabelleira
A basta hervagem fresca a palpitar. A gruta,
Que a alma attrahe do poeta e a voz da tarde escuta,
Praz-lhe e a fonte que além flue, regorgita e bolha.
Vendo-as, lento se arrasta. Ás vezes uma folha
Leve cahe do salgueiro e, em sua quéda, leve
Roça-lhe, muda sombra, as plumas cor de neve.

Caminha agora ao largo : o implexo da ramagem
Deixa e a parte procura onde o esplendor selvagem
Diz melhor com o brilhar d'agua anilada e pura...
Do lago é a parte mais azul que elle procura;
E lá vae... a scismar sobre as ondas serenas,
Entrega á luz do sol a brancura das pennas.
Depois, quando, em redor, confundem-se — cahindo
A noite, — do amplo lago as margens, e no infindo
Horizonte ha sómente um ponto avermelhado;
Quando tudo quedou, quando no illimitado
Do céu paira da lua o globo enorme e albente,
E a luciola esplende o olhar phosphorecente,
E nem o menor sopro o debil junco embala :
O cysne, sob a luz dessa noite de opala,
Em seu lago sombrio, emfim, descansa; e, acaso
Visto de alguem, assim, lembra de prata um vaso...
Põe sob a aza a cabeça, os olhos somnolentos
Fecha, e dorme, feliz, entre dois firmamentos.

NOITE DE CHUVA

Lá fóra — estou sósinho e penso em ti — lá fora
Deve chover, pois ouço de hora em hora
O vento a zunir,
E entre o assovio da nortada,
Aos pingos a agua na calçada
A cahir.....

Gottas d'agua, sois vós que ás penas sem remedio,
Nas noites sem amor, vindes falar, sómente,
Soluçando ao cahir o estribilho do tedio!

Uma a uma rolaes, e á leve quéda vossa
Retrahe-se o coração, e as azas tristemente
O anjo do desalento em nossa fronte roça.

Gottas d'agua, cahi!... embalae-me a saudade,
Embalae-me a tristeza em que a alma se me fecha,
E esta angustia sem nome, e esta immensa anciedade!

— Se estivesses aqui! se minha mão na tua
Eu pudesse aquecer, que me importava a queixa
Das gottas a cahir na calçada da rua!...

Mas não virás! Rebenta o temporal lá fóra!
Ouço os trovões, ouço mais forte agora
O vento a zunir
E entre o assovio da nortada,
Aos jorros a agua na calçada
A cahir.

Que noite! e não virás! Ao confuso lamento,
Ao comprido chorar monotono das aguas,
Que inercia! que torpor! e que aborrecimento!

Como que a um pesadelo, horrendo e máu, succumbo,
Sentindo no meu peito a alma cheia de maguas
A arrastar um grilhão num carcere de chumbo.

Não virás! não virás!... O temporal, no emtanto,
Vae-se, aos ribombos no ar, vae-se o trovão medonho,
Cahe dos telhados, frouxo, o derradeiro pranto...

Mas que leve rumor escuto! Se os seus passos
Fôssem! Se, de repente, assim como num sonho,
Ella viesse! e a sorrir cahisse nos meus braços!...

Mas não!... O que produz esse rumor lá fóra,
É, mais fraco, nas arvores, agora,
O vento a fugir,
É, na canção surda e maguada,
Aos pingos a agua na calçada
A cahir...

BILHETE

Ha mais de um mez tenciono ir visitar-te. A viagem
Attrahe-me : que prazer um cavallo soltar
Desta áquella paragem,
Sentindo contra o rosto, em frescas ondas, o ar!

Penso como lá fóra os campos e as collinas,
Sob os primeiros sóes da primavera em flôr,
Não se hão de salpicar de pequenas boninas...
Tudo á volta de abril deve cantar de amor.

E tu, com que feição, destes céus temperada,
Não me virás falar, leda, risonha e san,
Quando eu subir a escada
De teu lindo chalet que abre á luz da manhan!

Como e com que meiguice has de sorrir, formosa,
Ao te dizer, assim como o fiz a outra vez,
Que, embora roube o tempo a uma vida afanosa,
Pretendo estar comtigo um mez inteiro, um mez!

Voltarão para mim de novo as alegrias
Que a teu lado gosei e nunca mais suppuz
Viessem com aquelles dias,
Que outros não vi jamais cheios de tanta luz!

Ora, estou resolvido a ir vêr-te, emfim. Pudéra!
Abafa o tedio aqui e é demais o calor!
Lá fóra ensombra o valle um céu de primavera,
Tudo á volta de abril anda a cantar de amor.

OS DE HONTEM

Houve um tempo em que — o sol apparecia —
Sob um céu todo anil elles passavam,
Passavam rindo, como a luz do dia,
Cantando, como os passaros cantavam.

Esta mesma vertigem que inda agora
Nos impelle ao prazer, ao sonho infindo,
É que os levava, em tão formosa aurora,
Entre raios de sol, cantando e rindo.

Seus nomes inda falam desses annos,
Gravados sobre as arvores que os viram,
Cujos ramos, — assim como de enganos
Se despiram seus peitos — se despiram.

Inda os passos as grutas ensombradas,
Das palmeiras aos frescos rumorejos,
Lhes repetem, assim como as risadas
E o estalido frenetico dos beijos.

E dos córregos múrmuros, cantantes,
Sobre as aguas, nos ares e entre as flores,
Inda se ouvem as syllabas errantes
Dos dialogos febris desses amores.

Bellos tempos! que céu! que matutinas
Leves auras! que canticos e festas!
Que toque de esmeralda nas campinas!
Que frescura de folhas nas florestas!

E que azul! e que esplendidas paragens!
Que redobres, que musica nos ninhos!
Quanto crivo de luz pelas ramagens!
Quanto calix de flor pelos caminhos!

E elles e ellas, ao sol que apparecia,
Na manhan fresca e limpida, passavam,
Passavam rindo, como a luz do dia,
Cantando, como os passaros cantavam.

Hoje — e ainda talvez na estrada amiga
Paira o pó levantado por seu passo! —
Vêde-os : já desfallecem de fadiga!
Vêde-os : velhos e exhaustos de cansaço!

Hoje (Dae que eu deplore e que lamente
Que tudo que é belleza e mocidade
Venha a acabar por essa repellente
E fria imagem da provecta edade!)

Hoje de uma o cabello, que da escura
Noite a cor possuiu, neve se torna,
E nem mais de uma flor — e que fartura
Dellas trouxe comsigo! — ora se adorna.

De outra o turgido seio levantado,
E que a ponta de um dedo nem de leve
Ousou tocar em seu candor sagrado,
Murchou sem vida, como um fructo á neve.

Hoje deste nos passos se adivinha
(E que firme que andava e que altaneiro!)
O cansaço que aos poucos, linha a linha,
O busto inclina, dobra o corpo inteiro.

Hoje esta, horas extinctas relembrando
Em que moça se viu e amada e bella,
Lucta com a natureza, a arte obrigando
A dar-lhe as graças que roubara aquella;

Hoje... (Dae que eu deplore e que lamente
Que tudo que é belleza e mocidade
Venha a acabar por essa repellente
E fria imagem da provecta edade!)

Hoje deste nas rugas, que do rosto
A fórma alteram, que pesar se nota,
Que sarcasmo as contrae! que atro desgosto
Nellas resumbra de uma dor ignota!

Desta a boca febril, canora e doce,
Com seus jaspes eguaes, claros e lizos,
Escreveu, no silencio em que encerrou-se,
O epitaphio dos beijos e dos risos.

Nesta... tudo morreu! com a lenta e lenta
Acção do tempo as graças se apagaram...
Como duas estrellas na tormenta,
Os olhos tão sómente se salvaram.

E assim todos! a nuvem vaporosa
Em que iam juntos, em que a rir viveram,
Fugiu-lhes com o seu sonho cor de rosa...
Accordaram na terra... e envelheceram!

E ahi vae vivendo, num pesar profundo,
Da vida os restos máus, tão mal vividos,
Esta centena mais que conta o mundo
De desgostosos e de aborrecidos.

RÊDE SELVAGEM

Entre duas palmeiras se embalança
A leve rêde em que, sem vida agora,
Jaz o corpo da misera creança.

A mãe cabocla, do romper da aurora
A' noite, desolada, ao pé lhe vela,
Cobre-o das folhas da taioba e chora.

Sobre elle o sassafraz verte a singella
Fragrancia e os pequiás sobre elle, ao vento,
A copa inclinam, múrmura, amarella.

Por entre os tinhorões sôa o lamento
Do rio, como uma oração sentida...
Esplende o sol no claro firmamento.

E junto ao berço que alli está sem vida
Alardêa seus dons, rindo e cantando,
A alma da selva, próspera e florida.

E a mãe, as negras moscas enxotando
Que tontas zumbem, cujo enxame passa
Sobre o franzino corpo miserando,

Chora. Mas o gemido, o pranto espaça...
Perto, na rósea chamma matutina,
Esvoaça um beija-flor, esvoaça, esvoaça..

Como se fôsse um'alma pequenina

DEPOIS DA MORTE

Da morte os mudos penetraes entrando,
(Ouvi a alguem que o meu pensar vertia)
Em que me hei de tornar, não me tornando
Mais á mesma existencia e ao mesmo dia?

Seja perola ou musgo, ai! miserando!
Arvore seja de ramagem fria,
Comtanto que esse olhar que me alumia
Proximo o sinta, á minha dor falando.

Seja o ar que ella aspira; eterno a vêl-a,
Todo a queimar-me na saudade ardente,
Tendo-a tão longe, seja a luz da estrella!

Mas meu desejo, meu maior desejo
E' ser a agua de um lago transparente
Para a sombra beber-lhe beijo a beijo...

UM CADAVER DE EBRIO

— É um ebrio! — Assim se diz daquelle que inda ha pouco
Alli cahiu. Que importa!
Ebrio ou não, alma forte ou cerebro de louco,
Ora é uma cousa morta.

Para fóra da estrada alguem que atravessava,
Pegando-lhe de um pé, lembrou-se de o levar,
E o deixou, pouco além, num chão de urtiga brava
E entre umas hervas más que existem no logar.

Assim visto acolá, das plantas que se enfloram
Cercado o molle corpo, entre ellas estendido,
Dissereis, a pensar em cousas que se foram,
Um fauno adormecido.

Dentre os braços, que ao longo inertes se inteiriçam,
E as costellas, o matto em verdes tufos sáe;
Dois lirios, a seus pés, num pouco d'agua, viçam:
Por seu ventre uma lesma arrastando-se vae.

Curva a cabeça, vêm-se os olhos que a pupilla
Baça mostram, sem lume, em de redor olhando;
Deformou-se-lhe a boca; hirta avança a maxilla,
O queixo repuxando.

Uma abelha, que alli voava de folha em folha,
Sobre o labio pousou-lhe e, num subtil rumor,
Colheu avida aos pés a derradeira bolha
De um vomito, suppondo o nectar de uma flor.

Dos ramos através filtra-se a luz radiante
Do sol. Confuso no ar um borborinho sôa:
É das moscas o bando, o enxame sussurrante
Que já vem, que revôa...

E, resupina, alli, numa terra fecunda,
De onde, fresca e vivaz, brota a vegetação,
Tarda na phase extrema, aquella cousa immunda
Vae pouco a pouco entrando em decomposição.

E do seio da terra um formidavel canto,
Indefinivel, sahe, de voz ampla e sombria,
E enche a tudo o terror, tudo se enche de espanto
Com a assombrosa harmonia:

— « Eis-te em nova existencia, um novo mundo habitas,
Alma que encarcerei numa prisão atroz!
Paira agora da luz nas ondas infinitas,
Ouve aos orbes de fogo a sempiterna voz!

Vae! remonta-te além, sóbe á azulada esphera,
Vinga os ermos azues das plagas luminosas,
E da estrella mais pura anima a primavera,
Transformando-te em rosas.

E tu, parte brutal de extincta creatura,
Desagrega-te, soffre a acção de meu poder;
Sem que nada de ti se perca, outra feitura
De ora em deante serás, outra fórma, outro ser.

Pelo universo eterno é lei que em movimento
Vás eterna; por isso, ó massa informe, cede!
Apressa-te, quebrando o negro encantamento
Que de evolver te impede.

Apodrece, fermenta, esfaze-te, que estanque
Puz de ha muito em teu seio a corrente vital,
E sem sangue, e sem alma agora és como um tanque
Infecto ou como o chão podre de um pantanal.

Dissolve-te! As manhans são sêccas e é preciso
Que eu o rocio lhes dê com mão jamais avara;
Vem ser agua do céu, vem chorar no sorriso
Da madrugada clara!

Apodrece de vez! volta do ser humano
Ao que eras, outro estado, esparsa, vem gosar;
Dás p'ra as chuvas que em março hão de cair no oceano,
Dás p'ra as flores que em junho a terra hão de enfeitar.

Vem! E sabe que a voz que em teus ouvidos cala
É a mesma que governa
A tudo. Carne vil, escuta: quem te fala
É a natureza eterna! »

POR AMOR DE UMA LAGRIMA

(1895)

A Affonso Celso Junior.

POR AMOR DE UMA LAGRIMA

I

Sob as copadas arvores me assento
E a fumar passo o dia.
Sussurra a voz do vento
Na ramaria.

As folhas verdes agitadas se olham
Com um modo singular,
E algumas que se esfolham
Vém me falar.

E o vento passa. E as folhas, descobrindo
O meu grande tormento,
Afastam-se, fugindo
Com o vento.

II

Dêm-me estas velhas arvores alento
E ensinem-me a viver,
Ensinem-me a viver sem o tormento
Do pensamento...

Ó arvores, dizei : que hei de fazer
Para essa imagem perfida esquecer?

III

Que desgraçados amores
Os meus amores!.. Porém,
Esta lembrança a que vem?
'Stamos no meio das flores.

Nasce a manhan, o sol nasce...
Ah! que figura faço eu,
Sósinho, deante do céu,
Com estas lagrimas na face!

IV

Porque, se te esqueci, sonho comtigo?
E, se tambem me esqueces,
Porque, sorrindo-me e com rosto amigo,
Em sonhos me appareces?

V

Portas de ouro e marfim dos sonhos meus, cuidado!
Não a deixeis entrar!
Cerrae-vos, que dormir preciso, socegado,
Longe de seu olhar!

A noite é quente. No ar ha uma volupia estranha.
Exhala o activo aroma o cacto da montanha.

Das viraçÕes ao leve e perfumado açoite,
Une-se insecto a insecto... Oh! tentaçÕes da noite!

Se ella vem! se através das cousas se insinúa,
Neste silencio, sob o resplendor da lua....

Portas de ouro e marfim dos sonhos meus, cuidado!
Não a deixeis entrar!
Cerrae-vos, que dormir preciso, socegado,
Longe de seu olhar!

VI

Tu para mim estás morta.
Que importa que o coração
Proteste, diga que não,
Que te ama ainda! que importa!
Tu para mim estás morta!

Mal abafando um lamento,
Eu mesmo a cova te abri
E ao fundo lá te desci...
Gemem cyprestes ao vento,
E dormes no esquecimento...

Olho-te como a um phantasma;
Vejo-te os labios em flor,
E o seio anceando de amor;
Mas nada me enthusiasma.
Olho-te como a um phantasma.

Sombra de um tumulo vinda
Eis tudo o que agora és...
E já rojei a teus pés
E ardi na paixão infinda...
E eras tão linda! tão linda!

Tu para mim estás morta.
Que importa que o coração
Proteste, diga que não,
Que te ama ainda! que importa!
Tu para mim estás morta.

VII

Eras a nuvem que me transportava
Da terra ao céu, nuvem rosada e linda;
Eras a estrella que me alumiava
O caminho da vida... Oh! dor infinda!
A nuvem se desfez, levou-a o vento,
A estrella se apagou no firmamento!

VIII

Meu coração, se os olhos tentadores
Tu me volvias, era como aquella
Do ipé dos morros arvore amarella,
Carregada de passaros e flores.

Brando sussurro, como o de uma prece,
Sôa... Anima-se a copa illuminada;
E a arvore, toda amor, no chão plantada,
Das raizes ás folhas estremece...

IX

A maior aspiração
Que eu tinha na minha vida
Era ver a tua mão
Unida á minha, para sempre unida...
A tua mão!
Nem quero me lembrar como formosa
Era essa leve petala de rosa!

X

Hão de dizer de ti : — Coitada!
Pobre mulher!
De mim — perverso! hão de dizer...

Mas, minha extincta bem-amada,
O que entre nós se deu... socega,
Nunca a razão
Ha de saber a gente cega...
Basta que a saiba o coração.

XI

Costumava procurar-te
Quando — alma da dor escrava,
Em tudo o que me cercava
Não via consolação;
Mas depois de vêr-te, os olhos
Ficavam-me cheios d'agua,
Sentia não sei que magua...
Porque te buscava então?

XII

Custou-me tanto esquecêl-a,
Mas esqueci-a, esqueci-a!
Todo o dia a pensar nella,
Em minha imaginação,
Julgava que enlouquecesse;
E ao meu coração dizia
Todo o dia :
— Acalma-te, coração!

O coração satisfeito,
Como se nada tivesse,
Volta á vida no meu peito
E palpita, alegre e são;
Mas eu em suas pancadas
Ouço ás vezes, contrafeito,

Umas queixas abafadas
E surda lamentação...

Não te entendo, coração!

XIII

Disseram-me que choraste
E iam me dar a razão,
Quando a porta do salão
Se abriu e subito entraste.

Disfarçando o que sentias,
Chegaste, bondoso o olhar,
E eu vi, eu pude notar
Que uma lagrima trazias.

Inda uma lagrima, presa
Ao canto dos olhos teus,
Como uma estrella nos céus,
Equilibrava-se accesa.

De deixar-te tão sentida
Talvez que tivesse dó,
E, pobre lagrima! só,
Alli ficara escondida.

E scintillava e tremia,
E tremia... e a scintillar
E a tremer, sempre a me olhar,
Parece que me dizia :

— « Tem pena della! serena
A sua pobre razão!
Eu vim de seu coração...
Tem pena della, tem pena! »

XIV

Razão de sobra me assiste
P'ra aborrecer-te hoje em dia;
Mas essa lagrima triste...
Ah! se não fôsse essa lagrima,
Quanto te aborreceria!

A offensa que me fizeste
Esquecer quem poderia?
Que punhalada me déste!
Ah! se não fôsse essa lagrima,
Eu não te perdoaria!

O odio ferve-me n'alma
E irrompe em surda agonia,
Irrompe e ruge... e se acalma...
Ah! se não fôsse essa lagrima,
Cem annos te odiaria!

XV

Tenho enfermo o coração.
Ninguem ao seu lado. Apenas
Fala-lhe, augmentando as penas,
De quando em quando, a razão:

— « Pobre louco, soffre agora
Por tão insensato amor! »
O coração ouve e chora,
Estorcendo-se de dor.

— « Dize : de que te valeu
Rebelde e orgulhoso seres!
Vê lá o que são mulheres!
Quem as comprehende sou eu!
Pobre louco, soffre agora,
Por tão insensato amor! »
O coração ouve e chora,
Estorcendo-se de dor...

E, estorcendo-se de dor,
O coração adormece;
E ella em sonhos apparece
E jura-lhe o mesmo amor.

XVI

Ah! meu amor, meu amor!
Já te suppunha desfeito,
Que horror!
E inda te sinto no peito!
Vou novamente luctar
Contra ti, de qualquer modo;
Ou te matarei de todo
Ou bem tu me has de matar!

Que lucta vae ser travada!
Como o lenhador que investe
A uma arvore immensa e agreste,
Secularmente enraizada :
Tenho, estranho lenhador,
De tambem deitar por terra
O mal que meu peito encerra...
Meu amor, meu pobre amor!

Hei de vencer ou morrer!
Vencer, sim! hei de, supponho,
Vencer!
Os sonhos, sonho por sonho,
E illusão por illusão
As illusões que alimento
E ajudam o soffrimento,
Matarei no coração.

E no coração não ha de
Ficar do antigo desejo
Nada, nem mesmo um lampejo,
Uma réstea de saudade!
Será seu interior
O interior de casa morta :
Pesadas trancas á porta...
Tudo morto meu amor!

Ah! meu amor, meu amor!
Já te suppunha desfeito,
Que horror!
E inda te sinto no peito!

Vou novamente luctar
Contra ti, de qualquer modo;
Ou te matarei de todo,
Ou bem tu me has de matar!

XVII

Enganas-te, se crês que em raiva chóro,
Que, aos céus os braços tremulos alçando,
Conto daqui tua perversidade;
Que daqui, destes ermos onde moro,
Colerico, quem foste recordando,
Meus prantos a engulir, vingança brade.

Não! a indignação minha é já passada;
Durou pouco, desfez-se ao mesmo instante
Em que teu mudo padecer senti...
Para me desarmar a alma irritada
Foi bastante uma lagrima, bastante
O pingo d'agua que em teus olhos vi.

Descansa, pois, fica tranquilla e calma.
Nenhum máu sentimento me consome,
Nenhum rancor meu coração abriga;
Serena teu espirito. Em minh'alma
Se não ha bençãos p'ra louvar teu nome,
Odios tambem não ha com que o maldiga.

Esquece-me (outro tanto não te importe
Possa eu fazer) Tudo entre nós é findo,

Tudo, menos em mim não sei que magua...
Deixa que a soffra, deixa que a supporte,
Vendo, vendo de novo, reluzindo
Nos olhos teus aquelle pingo d'agua.

XVIII

Esqueci tudo. Dize-me, entretanto :
Viste céu mais azul que aquelle céu?
Oh! que noite! por entre as ramarias
Do jardim verde, sob o leve manto
Tu me sorrias...
Porque lembrar esse sorriso teu!

Foi essa a noite em que ambos nos jurámos
Eterno amor. Á ponta de teu véu
Vinham brincar as auras fugidias;
Ouviam-nos de cima os altos ramos...
E tu mentias,
Tu mentias, olhando aquelle céu!

XIX

Não dirá minha boca
(Odeio queixas e ais)
Não dirá minha boca
Jámais
O que entre nós se deu!
Foi uma historia louca

O que entre nós se deu...
Cala-te, minha boca!
Tudo, ó cabeça louca!
Morreu!

XX

Tudo, tudo acabado,
Como um fatal noivado!
Tudo afinal desfeito...
E inda bem!
Nem mesmo uma saudade
O coração me invade;
Nem um pesar ao peito
Me vem!

Que horrivel pesadelo,
Após sonho tão bello!
Mas tudo evaporou-se
Prestes no ar!
Tudo acabado, tudo!
E tanto amei, comtudo!
E era um prazer tão doce
Amar!

XXI

Entre nós ambos tudo está desfeito.
A causa... no meu peito
Cale-se o coração.

Não tiveste razão... Mas tambem dizes
Que eu não tive razão...

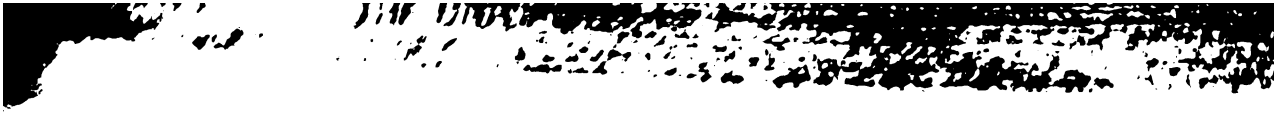
Que infelizes que somos! que infelizes!

XXII

Amámo-nos um dia,
Um só, na vida! Amámo-nos : nascia
A manhan fulgurante;
Amámo-nos : brilhava no levante
O sol; na plaga infinda
O sol brilhava : amámo-nos ainda;
Cahia o sol no oceano :
Ardia em nós o mesmo affecto insano;
Mas veiu a noite e, unidos
Nossos rostos, os braços enlaçados,
Num longo e ultimo abraço confundidos,
Morremos abraçados!

LIVRO DE EMMA

(1892-1897)



INTRODUCÇÃO

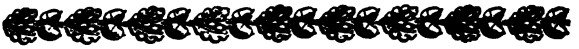
OBERON.

Fetch me that flower; the herb I show'd thee once:
The juice of it on sleeping eye-lids laid,
Will make or man or woman madly dote
Upon the next live creature that it sees.
Fetch me this herb: and be thou here again,
Ere the leviathan can swim a league.

PUCK.

I'll put a girdle round about the earth
In forty minutes.

(W. SHAKSPERE — *Midsummer night's dream.* Act II).



Vou dizer, nas palavras mais breves, claras e sinceras que me sejam possiveis, as impressões em mim produzidas pela meditada leitura deste novo volume de Alberto de Oliveira.

Chamarei assim, leitor, a tua attenção para certos pontos. Combinarás com os meus os teus juizos. Resultará dahi poderes saborear de modo mais completo a obra do poeta.

Começo declarando que reputo o *Livro de Emma* o melhor dos até hoje publicados pelo autor.

Porque? Attende e verás.

Notam-se neste as mesmas qualidades dos quatro anteriores, *Canções Romanticas*, *Meridionaes*, *Sonetos e Poemas*, *Versos e Rimas*. Consistem, em resumo, taes qualidades, — que a critica idonea assignalou em tempo e conferiram a Alberto de Oliveira eminente logar na litteratura patria, — no seguinte, quanto ao fundo : fidalguia e delicadeza de sentimentos; doçura e melancolia na naneira

de considerar as cousas; amor á natureza e verdade em descrevel-a; original engenho em tirar effeitos poeticos de scenas e objectos vulgares. Enthusiasmo erotico e ternura, — eis os traços dominantes, no opinar de Araripe Junior.

No tocante á forma : correcção extrema de linguagem e de metrificação; riqueza de vocabulario; sobriedade, graça, colorido.

No *Livro de Emma* ha tudo isto, em subido gráo, menos enthusiasmo erotico, pois é casto e puro da primeira á ultima linha. Accrescem, porém, valiosos predicados, que passo a enumerar.

— *Unidade de concepção.* Não é uma collecção de poesias avulsas, fragmentada em assumptos multiplos, reunida á lei da phantasia. Pertence ao genero do *Intermezzo* de Heine, ou, melhor, ao da *Vita Nuova* de Dante.

As quarenta e tres composições de que se forma obedecem a uma ideia commum, subordinam-se a um plano predeterminado, constituem um todo homogeneo, sendo cada uma dellas um episodio, concatenado aos mais, do entrecho geral, — entrecho vago e subtil, mas facilmente apprehensivel. E'simples esse entrecho, como todas as cousas verdadeiramente bellas e grandes. Trata-se de uma visão de amor, joven, meiga e linda mulher, idealmente adorada, que a morte de subito arrebatou.

A sorpreza, a saudade, o desconforto, as desillu-

sões, os mil sentimentos e sensações oriundos da desgraça, os aspectos que assumem os céus e a terra encarados atravez esses prismas, fornecem, em habil gradação, o assumpto de cada poesia. Paira sobre tudo a imagem suavemente triste da morta, para a qual cada verso disfere um suspiro ou emitte tenue espiral de perfume.

No *Corvo* de Edgar Pöe, a ave sinistra pousa sobre o busto de Pallas, proferindo incessante o fatidico : *never more*.

Aquí, uma rôla alvissima, emblematica, magoada, deslisa, em vôos remontados e lentos, de blandicia infinita, melancolia indizivel e commovedor encanto, sobre o marmore das estrophes, projectando sempre nellas a leve sombra mysteriosa. E'um delicioso *leitmotiv*, carinhosa e magistralmente desenvolvido.

Por conseguinte, o *Livro de Emma* sobreleva as antecedentes publicações de Alberto de Oliveira, pois é un genuino poema, na accepção elevada e hodierna da designação, um trabalho de folego, synthetico, sábia e inspiradamente concebido e executado, — filho, em summa, de um artista chegado á plenitude da sua força creadora.

— *Sentimento*. Nas poesias precedentes de Alberto, observa-se muita emoção, sem o que elle não seria o poeta consagrado que é. Mas uma emoção concentrada, reservada, contida. Nunca

uma explosão, — a violencia, o desespero. Recordavam ás vezes taes poesias as camelias brancas, soberbamente formosas, impeccaveis, de uma symetria absoluta nas petalas, mas frias e sem olor. Influencia talvez da escola parnasiana.

No *Livro de Emma*, não. Nada de penumbra, ou meia tinta. O sentimento vibra e transborda. O coração não murmura phrases veladas, escolhidas e discretas. Fala alto, brada, expande-se livre, porque soffre. Dahi tornarem-se os versos palpitantes, serem mais communicativos, inspirarem maior sympathia. Quem os percorre não se limita a admiral-os. Solta de momento a momento a exclamação de Desdemona, ouvindo os labores e infortunios de Othelo : *T' was pitiful, 't was wondrous pitiful!*

E termina a leitura dando a penas tão tocantes o *world of sighs* de que falava o mouro perante Brabantio e o Duque de Veneza.

— *Espontaneidade.* Queixavam-se alguns de que Alberto de Oliveira ia ficando um tanto amaneirado. Já no emprego constante de expressões archaicas, já na calculada construcção quinhentista das phrases, já nos frequentes *enjambements*, já nas assiduas mostras de erudição, e no luxo de referencias mythologicas, de ordinario só accessiveis aos mandarins das lettras, parecia Alberto pender para o rebuscamento. Apenas uma tendencia, pro-

veniente —, quem sabe? — do demasiado esmero em limar o que escrevia. Tendencia infeliz, entretanto, com a qual se affligiam os seus amigos e admiradores. Vão elles agora regozijar-se, tranquillisar-se de todo. No *Livro de Emma* não se lhes deparará o minimo artificio ou affectação. A dor não anda á cata de formulas á moda, não segue os preceitos desta ou daquella escola, não se demora a talhar periodos em mirabolantes facetas. Saltam, fluem indepententes e francas as suas manifestações. Impressiona no *Livro de Emma* uma naturalidade, uma singeleza, uma frescura sem par, e, consequentemente, nobre eloquencia e calor. Muitas das actuaes poesias hão de ficar populares, repetidas de cór pelas almas simples. Encontra-se aqui o Alberto de Oliveira das *Canções Romanticas*, com os sonhos, as chimeras, a candura da adolescencia, apurados pela experiencia da vida. E privilegiados aquelles que podem na idade madura sentir e falar como na juventude!

Conheço Alberto dessa epoca, ha uns 22 annos. Atravez as vicissitudes de tão longo e agitado periodo, sempre o estimei, tributando ininterrupta homenagem ao seu estro. Sempre me distinguiu elle com sympathica benevolencia.

Trouxe-me, ha dias, o manuscripto do *Livro de Emma*. Leu-m'o. A leitura commoveu-me. Achei o poema digno do maior encomio. Pediu-me então

algumas linhas de prefacio. Recusei-me, allegando, sem falsa modestia, obvias razões. Acquiesci, emfim, ante gentilissima e generosa insistencia.

Julgas que fiz mal, leitor? Pois concordo comtigo. Seria bem dispensavel esta pratica, embora adrede curta, no limiar do *Livro de Emma*. Mas que queres?

Cedi ao movimento instinctivo de quem grava rapidamente o seu nome na face de um monumento.

AFFONSO CELSO.

Villa Petiote — Petropolis, 18 de Maio de 1898.

ALVORADA

No espaço Oberon, sobre um throno de nuvens. olha o Oriente.

OS GENIOS DO ORVALHO

São horas de descer ao calice das flores!
Gottas de orvalho, do ar, diamantes multicores,
Cahi!
A madrugada ahi vem! As petalas, formosas,
Dos puniceos botões, enamoradas rosas,
Abri!

OBERON.

Robim! Robim!

ROBIM.

Que ordena o meu senhor?

OBERON.

O espaço,
Olha, branquêa além... Como um reflexo de aço

Em polida armadura, o oriente, ao longe, inteiro,
Num vago estremecer, abre o clarão primeiro.
Meia hora, se tanto, e o sol terá mostrado
Á ourela da montanha o disco avermelhado;
Antes, porém, que o faça, isto é, com a brevidade
Maxima, partirás.

ROBIM.

Serena magestade,
Bello e altivo Oberon, mandae, que eu vos prometto
Nada me egualará no rapido trajecto;
Num abrir e fechar de olhos, esteja ao fundo
Do mar, transponha mesmo os terminos do mundo,
O que ordenardes traga, aqui trarei.

OBERON.

Escuta!

A ESTRELLA D'ALVA.

Lá vem o dia! Ao sol que me deseja
Em vão me esquivo! já me alcança e beija,
Já me cega com o vivido esplendor
De seu olhar a luz formosa e pura,
E eu desmaio na altura,
Morta de amor.

ROBIM.

É Vesper! partes são com o amante, a mesma lucta
De sempre.

OBERON.

A estrella canta, é que não tarda o dia.

Escuta! Sôa ao longe immensa gritaria!
Pios de aves, rugir de feras, farfalhadas
De folhas, guais de vento, e roncos e chilradas...
É o universo que accorda, é a bulha das florestas
Saudando o sol, saudando a vida, echoando em festas,
Desmanchando-se á luz em canticos, subindo
Entre nuvens de aroma ao firmamento infindo!
Inda um momento, e aqui, além, por toda a parte
Pompeará desfraldado o esplendido estandarte
Da manhan, terra e céus cobrindo... Mas depressa
Ao que é preciso : Vês alli, curva a cabeça,
A lyra de ouro ao lado, entre as ramagens, onde
Tardo a fugaz lanterna um vagalume esconde,
Aquelle vulto que dorme tranquillamente?
É um poeta, um sonhador ou louco — é indifferente;
Veiu talvez da noite ás ultimas estrellas
O rebanho contar, todo enlevado nellas;
Vibrou a lyra, encheu de harmonioso accento
Ao campo a solidão com o magico instrumento,
E adormeceu... Robim, se a rapidez de outrora
Inda possues, é voar e aqui já, sem demora,
Aquella flor que a mim me serviu na vingança
Que tomei de Titania, um dia. Á semelhança
De então procederás, aqui mal chegues; pousa
Leve e subtil na alfombra, onde feliz repousa
Esse mortal e a geito embebe-lhe a pupilla
Do sumo que, esmagada, aquella planta estilla.
Quero que elle, accordando, arrebatado affecto
Sinta em seu coração pelo primeiro objecto
Que vir... Ah! que visão de um pouco de neblina
Vou lhe tecer! que fórma aerea e peregrina!

Quero vêl-o enganado a amar o que me apraza
Ao depois desfazer... E, vamos, solta essa aza!
Partir e já! Clarêa a luz no firmamento
E a alva estrella do amor desmaia...

ROBIM.

É num momento!

A ESTRELLA D'ALVA (*apagando-se*).

Lá vem o dia! Ao sol que me deseja
Em vão me esquivo! já me alcança e beija,
Já me cega com o vivido esplendor
De seu olhar a luz formosa e pura,
E eu desmaio na altura,
Morta de amor!

PRIMEIRA PARTE

ACCORDANDO

Quero-te, vem! se acaso da neblina
Do sonho as fórmas desatar te é dado,
Se não és sonho tu, se, ora accordado,
Posso tocar-te, sombra peregrina!

Com o mesmo rosto, pallido e maguado,
Triste o sorriso á boca purpurina,
Com o todo, emfim, de apparição divina,
Rompe da nevoa, meigo vulto amado!

Encarna-te! apparece! exsurge! acode!
E em minha fronte a coma ondeante e escura,
Cheia de orvalhos, humida, sacode;

Mas se te doe pisar este medonho
Chão de abrolhos que eu piso, imagem pura,
Torna outra vez a apparecer-me em sonho.

NEBLINA

Veiu, e fugiu-me... Alta, delgada, fria...
Fria, talvez, da bruma, da humidade;
Do andar aquella estranha magestade
Só se andasse uma estatua, é que a teria.

Solto o farto cabello, na sombria
Onda, ás plantas lhe vem. De uma piedade,
De uma ternura extrema e suavidade
O olhar nos doces raios se alumia.

E fugiu-me. Não foge, se o sol nasce,
A nevoa assim, não foge a nuvem leve
Tão leve! nem tão leve a sombra no ar!

Oh! se a visse outra vez! Se a tua face
Visse eu de novo, apparição de neve,
Gosando todo o bem de teu olhar!

Voltei de tua casa
Cheio de amor. A minha fronte abraza.
Meus olhos, se os derramo
Em tôrno, em tôrno só te vêm, querida!
Teu nome está gravado em minha boca!
Todo o meu pensamento em ti se esconde,
E se minh'alma escuto, escuto á louca :
Eu te amo! eu te amo!

Meu amor! minha vida!
Ja não sei que fazer; a cada instante
Chamo-te delirante,
Chamo-te! E á voz de amor com que te chamo
O coração responde :
Eu te amo! eu te amo!

DOLORA

Dizia-me a razão, antes de vêl-a :
— Não vaes lá, se não queres ser sujeito
Ao seu olhar, que é como o olhar da estrella...
Fui. E agora a razão me diz : Bem feito!

E ardo e chóro. E, ebriado de ventura,
Na propria pena que o lacera e rala,
O coração applaude-me a loucura...
— Fizeste bem! o coração me fala.

PENNA ABANDONADA

Penna que ao vento vaes, penna isolada,
Penna sem vida, que te quer o vento?
Onde irás tu cahir? terás da estrada
O pó? terás a luz do firmamento?

É como tu meu vário pensamento :
Amor o leva e, penna abandonada,
Vae onde vae a idéa desejada,
Vae á mercê do amor, que é seu tormento.

A ti, talvez passando, uma ave leve
No róseo bico, e irás formar seu ninho
E entre pennas dormir, penna de neve;

A elle, o pensamento — penna escura,
Quem ha de erguer em meio do caminho,
Quando o repelle a minha desventura?

GOLPE MORTAL

Quando o indio, no golpe ousado,
Accommette a arvore annosa,
Sob o fio do machado
Flue a resina cheirosa.

Tambem de Emma o olhar, um dia,
Feriu-me, e todo o thesouro
De minh'alma na poesia
Brilhou fóra em versos de ouro.

E eu, como a arvore ferida
Do indio ousado ao golpe adverso,
Senti que era a propria vida
Que estillava a verso e verso.

E quando ante os olhos de Emma,
A vida que me escapava
Eu, sob a fórma de um poema,
Em prantos apresentava.

Como o indio que nada sente
Vendo a arvore, emfim, prostrada,
Ella olhou-me indifferente,
Olhou-me e... não disse nada.

CANÇAO DE ARIEL

Em nuvem leve, ainda mais leve
Que o fugitivo flócco
De espuma ou neve,
Passa Ariel a cantar : — « Genios, eu vos invoco!
Vinde do bosque ou das collinas,
Com festões e grinaldas
De alvas boninas;
Deixae do alpestre monte as verdejantes faldas
E as vertentes silenciosas!
Os vossos instrumentos,
— Almas maviosas,
Lyras e harpas trazei, genios que erraes aos ventos!
A ilha ideal que se recame
Toda de galas! Eia,
Pistillo e estame
Deixae, abelhas de ouro, e de canções enchei-a!
Vinde, libellulas de prata,
Que ides banhar-vos lestas
Pela cascata,
E sahis a bailar por campos e florestas!
Vinde, vós todos, e cercae-a,

A bella, que a cabeça
Pende e desmaia;
Vinde! é a voz afinar e uma canção depressa!
Vinde! e do somno entre os vapores,
Como pela espessura
A alma das flores,
Divague a alma gentil que esta soidão procura.
Vinde! Porém, que vos não veja
Aquelle genio alado
Que leve adeja
E ás vezes passa aqui com a aljava de ouro ao lado!
Que vos não veja e vos não siga
Elle, que á fina e clara
Mão inimiga
O arco tem sempre e é morte a flecha que dispara!
Guardae-a bem, ficae-me a postos,
Genios! E arda a alegria
Nos vossos rostos,
E um bailado dansae, antes que rompa o dia! »

Emma, assim, no ar ouvindo
Este canto, adormece,
Entre-sorrindo
E sonhando, á manhan que pallida apparece;
Assim na lyra de ouro e neve,
Presa do leve braço,
Na nuvem leve
Passa Ariel a cantar, embalado no espaço.

FALANDO Á PENNA

Penna, embebida em lagrimas, confia
Ao verso e á rima a dor que me devora,
Minora o meu soffrer, a ancia minora
Em que hei passado este afflictivo dia.

Julgue, lendo-me, aquella que á poesia
Na aza do sonho me arrebata agora,
Esta viva paixão que de hora em hora
Todo me abala e por meu rosto espia.

Pinta... Mas não, partir-te ás mãos eu devo!
Mal traduzes o mal que á dor me eleva!
Nem com o fogo que choro a angustia pinto..

Que eu não saiba dizer-lhe isto que escrevo,
E que, inda assim, pesar do que me leva,
É menos de metade do que sinto!

ESCADA PHANTASTICA

Ao deitar-se uma vez, do toucador no marmore
Emma um frasco de essencia aberto, casualmente,
Esquece, e, emquanto, após leve oração, risonha
A bocca se lhe cerra, e ella tranquilla sonha,
Descahìda afinal a palpebra dormente:

A seu lado — talvez magia dessa lampada
Cuja luz derramava um vasquejar de occaso
No adormido aposento, em torno, a cada objecto
Emprestando não sei que singular aspecto, —
Passava-se áquella hora este inaudito caso:

Do vidro de perfume, em frouxa nevoa azulea,
Ao tecto aerea escada em caracol subia,
Em cujas voltas, sôlta a cabelleira ondeante,
Nuas carnes á mostra, o seio palpitante,
Reclinada, a scismar, uma mulher se via.

Esta, que acima está, que vaporosa e mystica
Tem a figura! o olhar que languidez o invade!
Aquella a imagem viva é em tudo da luxuria,
Desta no labio em flor, na carnação purpurea
Como estua febril o ardor da mocidade!

E ia aos balouços no ar a leve escada tremula,
Para cá, para lá, quando um subtil queixume
Em tôrno ouviu-se, como esse murmurio vago
Das libellulas sobre o quieto azul de um lago;
Soluçavam no espaço as filhas do perfume :

— A alma eu sou de uma rosa. Os meus cabellos de ebano
Dizem bem com o coral que a minha boca encerra;
Amo : estremeço toda á sensação que, infinda,
Deu-me o sol uma vez quando, eu botão ainda,
Elle veiu e me abri sobre um jardim da terra.

— Magnolina é meu nome. A minha tez é pallida,
A um desejo de fogo os seios meus palpitam;
Oh! que saudade immensa ao me lembrar dess'hora
Em que o bosque desperta, em que o rubor da aurora
Surge ao longe, e na serra os pinheiraes se agitam!.

Outra : — De natural simples, modesto e timido,
Eu sou. Nasci á luz de uma gotta de orvalho.
É violeta o meu nome; um canto escuso, a alfombra
Da verdura, o silencio, a solidão e a sombra
Eis tudo quanto aspiro, eu que bem pouco valho.

Outra : — Nasci ouvindo a abelhas de ouro o cantico;
Á larangeira em flor devo o meu ser franzino;
Sou casta, amo pairar com os niveos pés nos ares,
Taes como outrora vi sobre a campina, aos pares,
Borboletas que á luz corriam sem destino...

E ia aos balouços no ar a leve escada tremula,
Para cá, para lá, com as filhas do perfume;
E uma especie de occaso, em tôrno, a cada objecto
Emprestava não sei que singular aspecto,
Da lampada de prata ao mysterioso lume.

Mas, a máu sonho, inquieta, Emma no leito move-se,
Grita... De cima abaixo a escada arfa e estremece...
Estremece... estremece... e de repente, sôlta,
Sem equilibrio mais, fragmenta-se revolta,
E em leve nuvem no ar tudo desapparece.

VOLUBILIS

Crês que me tens captivo?
Não! nesta hora, mulher, meu genio pensativo,
Minh' alma apaixonada
É livre, anda no céu com as aves da alvorada,
Com a aragem vôa e corre o valle e a selva, brilha
Com o sol ou baixa além — alcyone cansada,
Á sombra de uma ilha...

Oh! que poesia estranha
Derrama a luz do luar nas abas da montanha!
Lá muita vez minh'alma
Vae buscar de um coqueiro a movediça palma;
Ahi pousa e escuta absorta as estrophes soturnas
Com que o vento a gemer quebra a nocturna calma,
Enlapado nas furnas.

Outra vez (e imaginas
Que captivo me tens!) acompanha as neblinas;
Aos pincaros se atreve,
Sobe e, aerea e a gyrar, phantastica, descreve
Ronda estranha ao luar; roda um momento, vôa,
E vem bordar de orvalho um véu de rendas, leve,
Aos juncos da lagoa.

Alli, quieto, sombrio,
Ha um bosque e dentro delle a agua de um grande rio;
Sobre ella o matto denso
Tece um caramanchel, do cipoal suspenso;
Entre o barro amarello, abrindo em cada fragua,
Brotam flores e alastra uma espiral de incenso
Á superficie d'agua.

Ao pôr do sol, nessa hora
Em que um toque de luz o occaso aviva e córa,
E uma vaga tristeza
Véla como de crepe a voz da natureza;
Alli scisma minh'alma : as arvores a viram!
Olha o rio e acompanha á flor da correnteza
As folhas que caìram.

Oh! bem haja o momento
Em que tão doce ideal me entrou no pensamento,
Em que a poesia casta
Deu-me a nuvem de luz que para além me afasta!
Bem haja, porque em mim, quando se desenrola
A tristeza da vida, a sua imagem basta,
Ella é que me consola!

Bem haja o amor ignoto
Que á grande natureza eu de toda alma voto,
E que me arrasta a vêl-a,
A estudal-a, a sentil-a, a amal-a, a comprehendel-a;
Amor que faz até que a ti, piedosa e pura,
Eu esqueça, abysmado em seu clarão de estrella,
Em sua formosura!

Bem haja! Porque, fundo,
Se um dia me amargar o tedio deste mundo
E eu sem remedio achar-me
Entre os homens, por certo elle virá curar-me,
E ha de o seio me abrir, dando-me paz inteira,
Quando em seu puro altar eu tiver de ajoelhar-me
Na oração derradeira.

UM ATOMO

É um atomo de ferro. A sua edade a edade
É do mundo. A existir por toda a eternidade,
Do ignoto vem e para o infinito caminha.
Que era em antes de ser o que é? que fórma tinha?
Onde foi que surgiu e como? Desconhece.
Quando é longa a existencia, o seu começo esquece,
E a do atomo transpõe os tempos. Todavia,
Elle que, nova, em flor, inda ao principio, um dia
Do seio o desentranha a terra se recorda;
E se recorda mais que de uma gruta á borda
Viu-se a primeira vez em fórma avermelhada
De oxydo, a colorir-lhe o verde limo á entrada.
Varias combinações que o que é materia soffre,
Allianças em que entrou com o chloro, o iodo, o enxofre
E varios corpos, saes de toda a côr formando,
Dias que, lento e surdo, esteve elaborando
Das pyrites a massa e a massa dos pesados
Imans que jazem sob a terra sepultados,
Tudo á sua memoria acode, mas incerto;
Lembra-se haver descido á fonte de um deserto
Numa pedra brutal desgalgada de um monte;

Lembra-se haver ouvido o chôro áquella fonte
E ter ido a rolar com as suas crystallinas
Aguas e seixos por vallados e campinas;
Lembra-se que um volcão explodira mais tarde;
Entre o espesso betume e a lava e o sulphur que arde,
Entre a deflagração de corpos mil que troam,
Elle, o atomo, se viu. Os seculos escoam.
É um dia de batalha : ao sol, um de outro em frente,
Dois exercitos vêm-se e atropeladamente
Chocam-se. Um general sobre ardego ginete
Cruza. Lampeja no ar, rapido, um capacete.
Nelle, lembra-se ainda o atomo, se achava.
Passou dahi mais tarde a existir numa aljava,
Parte de um pique foi, de uma couraça parte;
Régia espada a pender de rico talabarte
Teve-o ao gume. Entre as mãos de Cesar victorioso
Fulgiu num gladio; entrou no oceano magestoso
De uma quilha no tope, em nau de largas velas;
Depois enferrujou-se, ao clarão das estrellas,
Dormindo á noite sobre as ondas que de rastros
Levavam-n'o, levando os destroços dos mastros;
De solitaria costa ás praias impellido
Foi com o rôto madeiro a que estivera unido;
Dahi, lembra-se mais, arvore annosa o toma,
Fal-o em seiva subir á sua esparsa coma
E, assim, ás viraçõe que vém do mar, suspira,
Toda verde, a cantar, como uma grande lyra...
Oh! do atomo na terra a trajectoria excede
A' da estrella que o céu de pólo a pólo mede;
— Sol obscuro, elle vae, preso a um systema ignoto,
Do universo através, em seu continuo moto;

Todas as creações, todas as cousas, tudo
Perlustra, explora, anima e, sempre activo e mudo
Sempre, indestructo, eterno, o que hoje cae desfeito
Recompõe amanhan em outro ser perfeito;
Novas fórmas empresta ao que sem fórmas vê-se;
Principio a tudo, em tudo o atomo apparece!
Este, depois que a vida em seu mais rude aspecto
Animara — e á lembrança agora esse trajecto
Longo lhe vem — se apraz ora em teu corpo ardente,
Ó Emma, a circular do sangue na corrente;
Ouve-o! é elle que, ao sol da mocidade, o poema
Da saude e do amor canta em teus labios, Emma!
Ouve-o! é elle que ao rosto essas vermelhas rosas,
Tão vermelhas assim, te pôz e tão formosas!
Ouve-o! é elle que canta, é elle que murmura :
— « Deixa-me aqui viver, carne cheirosa e pura,
Deixa-me aqui viver perpetuamente! a vida
Só agora a comprehendo aqui, carne querida!
Ah! que fogo, ao correr-te os musculos, me inflamma,
Dessa rêde arterial embalado na trama!
Que ancia no collo teu, no candido regaço,
Que suave desmaiar, que amoroso cansaço!
Que desejo, ao roçar dos seios teus pudicos
Os marfineos botões, os levantados bicos!
Ah! que doce existir, carne piedosa, agora!
Deste sangue em caudaes na diluida aurora
Afoga-me, abafando a queixa que tamanha
De tão longe e por tudo ha tanto me acompanha!
Deixa-me aqui viver, guarda-me aqui! Bemdicta
A alma seja e feliz que nesse corpo habita!
Bemdicta esta em quem vivo, em cujo sangue corre

O atomo vil, bemdicta! Ella é que me soccorre,
Ella é que me consola em meu destino vario!
Ella unica foi a abrir-me do santuario
De um gôso não sentido as portas! E eu me inflammo,
Eu ardo. Um 'alma eu sou que pede outra alma. Eu amo! »

IMMORTAL

Não ser eterna a tua formosura!
Essa marmorea tez, essa marmorea
Presença tua, teu olhar tão doce,
Teus rubros labios, tua coma escura,
Tudo o que em ti traduz a pompa, a gloria
Da mocidade, tudo eterna fôsse!

Do tempo a mão sacrilega poupasse
De teus contornos o supremo encanto,
A linha ideal, que me arrebata agora;
Ficasse a mesma tua eburnea face,
Tu ficasses a mesma e, á espadua o manto,
Voasses, rainha, pelos sec'los fóra;

E quando a fronte me alvejasse inteira,
Velho, trôpego já, me fosse dado
Vêr-te ainda uma vez, uma sómente;
Mas vêr-te e inda sentir esta cegueira
Douda por ti, mas vêr-te e, alvoroçado,
Tornar-me ás veias o meu sangue ardente;

Vêr-te, como através de espessa bruma,
Em clima frio, o sol que por momento
Rompe, eleva-se, brilha e tudo invade;
E por momento eu crer que de uma em uma
Voltam-me as illusões, e o firmamento
Reapparece da extincta mocidade;

Vêr-te, e a febre que as temporas me incende
Pulsar de novo, e novamente o peito
Bater-me do desejo á sêde infinda;
E o céu que amo, o ar que aspiro, a luz que esplende,
Tudo ouvir que num cantico desfeito
Diz-me aos ouvidos: « Estás moço ainda!

« Gosa! estás moço! mas um dia apenas!
Gosa! resuscitamos para dar-te
Num dia apenas quanto tens vivido. »
— E, as mãos erguendo, eu tactear as pennas
Dos sonhos que espalhei por toda a parte,
— Aves de um dia que julguei perdido;

Vêr-te e morrer cantando, em voz anciosa,
As syllabas de luz do poema de ouro
Que todos, moços, tanta vez cantamos,
Como ao nascer de uma manhan formosa
Casam-se aos raios do levante louro
Na mesma trova os sabiás nos ramos;

Vêr-te e morrer depois! que mais quizera!?
Meu doudo sonho! mas morrer, vibrante,
Tremulo ainda de paixões, de zelos!

Inda o cheiro a beber da primavera
Nos teus vestidos e inda palpitante
Minha boca a sumir nos teus cabellos!

E tu, sobre meu peito reclinada,
Com a mão nervosa me apertando a cinta,
A contar-me os teus ultimos segredos...
Assim num'harpa antiga e abandonada
Alguem, saudoso da harmonia extincta,
Lembra-se um dia de correr os dedos;

E corda a corda, como na sombria
Face de um lago um fremito perpassa,
Um fremito de sons por ella corre;
Mas afinal ao somno em que jazia
Torna o instrumento. E o fremito esvoaça,
Esvoaça ainda e vagaroso morre...

FIO D'AGUA

É um fio d'agua, e assim, tão pequenino,
Pouco para servir de espelho á face
De um lirio, pouco para que banhasse
Nelle uma abelha as vestes de ouro fino.

Dentre as taliscas de uma pedra brota
E salta, onde espinhoso o cardo medra,
E, vivissima prata, gotta a gotta,
Escorre, como a lagrima da pedra.

Por um leito de musgos róla e passa
E, como de um collar, perolas sôltas
Esparze; douda, a acompanhal-o ás voltas,
A borboleta celere esvoaça.

E ella não só, mas das gramineas rentes,
Das raizes, das folhas e das flores
Seguem-lhe o curso, azaś phosphorescentes
Vibrando, insectos varios de mil cores.

E' que, como entre os homens, a uma pura
Affeição muitas vezes se nos prende
A vida, e o mundo e tudo mais depende
Para nós de uma mesma creatura :

Têm elles a existencia presa áquella
Agua escassa, e por isso entre selvagem
Musica, todos acercados della,
Em procissão festejam-lhe a passagem.

Mas quando o sol na incandescente fragua
Tudo abrazar, — como a affeição querida
Quando nos foge — ai! delles nesta vida
Se lhes faltar aquelle fio d'agua!

FALSOS RECEIOS

Porque a idéa da morte,
Hoje, que nos amamos?
Tarde chega a manhan que em sonhos viamos,
Mas chega, e embora o céu de quando em quando
Nuvens sombrias cortem, dentro d'alma,
Como os passaros dentro do arvoredo,
Estremecemos de intimo alvoroço,
E os corações ouvimos que nos dizem
Palpitantes : — É dia!

Já se casaram rindo
Em seu primeiro beijo
Os labios nossos... É a manhan que nasce!
Desejamol-a tanto, desejamol-a
Por entre tantas lagrimas, tão quente
Foi nossa prece que, piedosa e meiga,
Ella accordou por fim, desceu no oriente
A clara escadaria de seus paços
E appareceu sorrindo.

Á sua luz — embora
Um bulcão se lhe opponha —
Juntámos nossas mãos, num longo amplexo
Nossos corpos juntámos... Que mais queres?
Pois tu, que, mais do que eu, sabes que raras
São da existencia as horas de ventura,
Não pensas que entre os poucos figuramos
Que, ainda assim, contam de felicidade
Os rapidos momentos?

Motivo é para bençãos
O que da sorte houvemos!
Porque desesperar pela demora
Em que vem, pesadissimos vapores
Rompendo, o sol, que a todo o firmamento
Ha de entrajar de luz, quando alto seja,
Livre emfim dessas nuvens que o sepultam
E que hão de se afastar, para que esplenda
O mais bello dos dias?

Porque a idéa da morte
Hoje, que nos amamos?
Sabe que — acreditando-te propheta,
Se morte quer dizer — afastamento,
— Separação — se morte significa,
Eu não a temo, não, porque a certeza
Tenho que, aqui, alli, de qualquer modo,
A ti, que me não crês, por laço eterno
Serei unido sempre.

Se o turbilhão medonho,
Que as existencias leva,
Me arrebatar primeiro, se primeiro
Eu tiver de cair, sabe que, cheio
Como trago de ti meu pensamento,
Seja o que fôr, divida-se a minh' alma
Por mil vidas : cada uma dessas vidas,
Lá, no ignoto, num cantico perenne
Murmurará teu nome.

Porque a idéa da morte
Hoje, que nos amamos?
O amor, como o sentimos, nada teme;
As azas com que outrora o figuravam
Sobre tudo se elevam, sobre tudo
Pairam serenas, e o momento vindo
Em que os corpos por terra desfallecem,
Desfecham-se num vôo soberano
Desta para a outra vida...

CORAÇÃO MORIBUNDO

Esta em quem morro e a cujo peito um dia,
Como um dote de lagrimas, fui dado,
Na angustia d'alma, o erro, chorosa, expia
De tanto haver inutilmente amado;

Solitaria, nos transes da agonia
Vae-se e, expirando, vê com olhar maguado
Que nem vem lhe tomar da mão já fria,
No adeus extremo, o seu ideal sonhado.

Os homens... Nenhum soube que doçura
Em mim guardava! e, sendo assim, se explica,
Minha ventura e minha desventura;

Prestes, — pendulo inutil — neste seio
Serei sem vida... E tudo o que me fica
É a saudade de um bem... que nunca veiu.

MORTA

Emquanto ao pé do leito em que Emma adormecida
Jaz no somno final, a mãe que se desvaira
Palpa do coração a angustiosa ferida, —
A alma, a força que ha pouco a animara na vida,
De azas abertas no ar sobre o cadaver paira.

Enche-a, fal-a vibrar num secreto arrepio
O assombro que lhe causa o ter de, só, talvez,
Ir bater do mysterio ao penetral sombrio;
E antes de remontar lança a esse corpo frio
O seu saudoso olhar pela ultima vez.

— « Carne que tanto amei, doce prisão! — murmura,
Adeus! sósinha vou deixar-te no abandono.
Eis a hora fatal em que á serena altura
Sobe o espirito, e desce o corpo á sepultura,
Onde ha de apodrecer no derradeiro somno.

Inda um momento, — e em seu subterraneo escondrijo
Onde a espreitar quem vem ha seculos estão,
Os vermes sentirás, no insano regosijo,
Aos cardumes ferver sobre teu peito rijo,
Da materia operando a decomposição.

E ness'hora, talvez, de minha eternidade,
(Console-te isto) a voar no turbilhão fecundo
Dos seres, eu terei uma vaga saudade,
Lembrando que feliz a tua mocidade!
Que ancia de rir ao sol em teu olhar profundo!

De lá, repetirei, — como a canção maguada
Com que alguem se distrahe, longe de seu paiz,
Este echo de mim mesma — a voz! que, apaixonada,
Como um sopro, agitava a rosa ensanguentada
De teus labios, que abrir a um movimento eu fiz.

De lá, como é de crer a delicada essencia,
Que do espaço através leva a aragem comsigo,
Anda a flor a lembrar onde teve a existencia :
Eu me recordarei, em minha eterna ausencia,
Dos momentos da terra em que vivi comtigo.

Era eu que ao pôr do sol, pelas tardes saudosas,
Fazia de teu seio a curva palpitar,
Eu te esculpi do flanco as linhas flexuosas
E ás faces te accendi aquellas duas rosas
Que ora ao frio da morte acabam de esmaiar.

[illegible]

[illegible]

[illegible]

Se então, da luz do oriente á agonia da tarde,
Tu te estorceste em vão entre angustias mortaes,
Se eu não te satisfiz á ancia rebelde que arde,
É que por uma lei, — que eu respeitei covarde
E é contra a natureza, — era impossivel mais!...

E assim vieste a morrer, virgem do humano tacto,
Entre arrancos de dor abafando o teu hymno...
— Tal nasce ao pé da noite e á noite mesmo, intacto,
Murcha, unindo num feixe as petalas, o cacto,
E a essencia virginal entrega ao seu destino.

E ora... Mas com que fim dar a este corpo inerte
Tanto apreço?! Demais, ó carne, onde vivi,
Vaes tomando outra cor, entras a desfazer-te,
E dóe-me a confissão — já me repugna vêr-te,
Cheiras mal, e é mister que eu me afaste daqui. »

. . . . . .

Mãe, angustiada mãe! foi ness'hora suprema
Que, a prece interrompendo onde o soffrer transvazas,
Ouviste perpassar — como a harmonia extrema
De uma extincta canção — sobre o cadaver de Emma,
Nas cortinas do leito, um movimento de azas...

SEGUNDA PARTE

Qué es la vida? Una ilusion,
Una sombra, una ficcion,
Y el mayor bien es pequeño:
Que toda la vida es sueño,
Y los sueños sueños son.

(CALDERON DE LA BARCA.. — *La vida es sueño.*)

ALVORADA

Accorda! á ave na selva,
Ás flôres no agasalho
Da relva;
Á aranha em cuja corda
Treme a gotta de orvalho,
Accorda!

Do canniçal ás flechas,
Do matagal ás ramas
Implexas;
Á serra em cuja altura
Um diadema de chammas
Fulgura :

Accorda! aos azulados
Lagos, eternamente
Deitados;

Ao nenuphar que borda
O espelho da corrente :
Accorda!

Accorda! a luz do dia,
Vivida, a tudo em roda
Dizia,
E tôda a natureza
Accorda, ouvindo-a, toda
Surpresa.

As aves, uma a uma,
A flor, o insecto, o vento,
A espuma,
O rio que transborda,
Tudo num movimento
Accorda.

Mas lá no fim da estrada
Uma casinha vê-se
Fechada...
— Que é da gentil senhora
Que de accordar se esquece
Agora?

Luz da manhan brilhante,
Ella está morta, morta...
Adeante!
Ella alli está sem vida,
Por traz daquella porta,
Cahida!

Ella alli está... No emtanto,
Livre, afinal, su' alma,
Num canto,
Como de um ninho á borda,
A uma outra luz, mais calma
Accorda.

ESPIRAL DE FUMO

Dentre os labios sahi deste que alli se embala,
Preso á boca o cachimbo e que olha o tecto e fuma;
Vaga essencia immortal, captiva nesta sala,
Eis-me suspensa, a voar, como ligeira bruma.
O ar é leve, alonguemo-nos, subamos,
E se uma frincha tem lá em cima aquella
Porta ou janella
Vejamos!

Tudo fechado! tudo um carcere medonho!...
Ora, subamos inda. O tecto desta casa
Deixa passar do poeta o pensamento, o sonho...
Tenue, na espira idéal, como uma ponta de aza,
Por elle fóra romperei tambem
E irei sonhar no esplendido regaço
Do alto espaço,
Além!

Nem uma fresta, horror! tudo fechado, tudo!
Té quando aqui ficar, na ancia que me devora? !
Mas se a fórma que tenho eu de repente mudo?
Se em formosa visão eu me transformo agora?
Mãos á obra! sejamos vingativa
Para com quem, sem me attender á queixa,
Aqui me deixa
Captiva.

Vou tomar a figura esbelta e voluptuosa
Da mais bella mulher que haja encantado a mente
De um poeta; e ao ver-me assim, — alma febril e anciosa,
Elle, os braços, convulso, erguendo de repente,
Ha de chamar-me... E eu sempre errante, a voar,
Fugindo irei, té me perder cansada,
Espiralada
No ar...

(M. FLORES)

Sonhava que te via.
Triste e só me encerrara no aposento
E escrevia... não sei o que escrevia!
Escrevia de amor e sentimento
Porque pensava em ti; talvez buscava
Expressar no papel, que olhava attento,
A infinita paixão com que te amava.

De prompto silenciosa,
Uma figura branca e vaporosa
Apparece-me, um braço palpitante
Toca-me o hombro, e nesse mesmo instante
Sinto contra o meu rosto, de élo em élo,
Desatar-se uma trança de cabello...
Sobre meus labios, como o aflar de um beijo,
Um offêgo perpassa olente e brando;
Ergo os meus olhos e os teus olhos vejo
Que me estavam dulcissimos olhando,
Mas tão perto se achavam que eu me tinha

Preso em extase e, em placido desmaio,
Via na luz serena de seu raio
Descer tu 'alma e se abraçar com a minha.
Depois, leve, em meu rosto
Um beijo, melancolica, imprimiste,
E o teu olhar celeste
Em meu olhar de novamente posto,
Em voz baixa, mui baixa, me disseste :
— « Escreves-me e estás triste
Porque ausente me julgas, pobre amigo;
Porém, não sabes já que, eternamente,
Longe embora de ti, vivo comtigo? »

. . . . . .

Deste sonho acompanha-me a saudade,
Mas agora a razão tenho-a mais calma,
E a sós commigo penso : — Eis a verdade!
Como póde jamais estar ausente
Quem existe immortal dentro em noss 'alma?

SOBRE A NUVEM

Como a chamasse, approximou-se a nuvem.
« — Queres viajar, então? no desespero
De que te queixas, queres da que habitas
Negra região passar ás infinitas
Regiões da luz e das estrellas? » — Quero.

— « Vem! » E ao seio tomou-me a nuvem rapida,
Tomou-me e ergueu-se. Nada ao que ficava,
Olhos enxutos, peito aberto e ancioso,
Nada, nem um adeus! eu dessaudoso,
Nada, nem uma lagrima! deixava!

Livre de tudo, emfim, contente ergui-me!
Livre! Como a minh'alma sobranceira,
Subindo mais e mais, a cada passo,
Olhava desdenhosa, do alto espaço,
A terra embaixo a negrejar em poeira!

Livre! Com que prazer meus pulmões avidos
Enchi de ar! livre emfim! livre! Podia
Agora, como o vento, em liberdade,
Expandir-me naquella immensidade,
Dizer alto num grito o que sentia.

Livre! E a nuvem rompeu a altura immensa,
Entranhou-se no azul. Volvendo abaixo
De quando em quando os olhos, entretanto,
Da escuridão das sombras entre o manto
Eu vi arder como um vermelho facho.

— É ella ainda, essa terra! ao longe e rapido!
Mais longe! — E onde ninguem com o pensamento
Chegou sequer, foi me arrastando aquella
Nuvem, já por debaixo de uma estrella,
Já por cima, aos sem fins do firmamento.

Mas agora um pesar me invade aos poucos.
Pesar? Não sei se exprimo bem essa ancia,
Essa vertigem não sentida e estranha,
Tedio ou magua maior, que me acompanha,
E que era como o enfaro da distancia.

Já me aborrece o lucido espectaculo
De astros e astros... Meus Deus, por que loucura
Vim até este immenso sorvedouro,
Onde monstros errantes, de olhos de ouro,
Passam chispando pela noite escura!

E a mais e mais ia subindo a nuvem,
E era já com saudade, com um profundo
Desejo ardente, que eu achar tentava
A terra, e a procurava, procurava...
Nem sequer um vestigio desse mundo!

Tudo escuro a meus pés, cavado e tetrico!
— Oh! se um momento, um só (commigo scismo)
Se um momento a meus olhos fôsse dado
Vêr lá embaixo uma luz, um desmaiado
Clarão embora, nesse torvo abysmo!...

E sobre a nuvem me debruço afflicto
E olho : o mesmo negrume espesso e horrendo!
E a nuvem sobe... Mas a meus ouvidos
Estes sons me chegaram, desferidos
Donde ignoro, e que escutei tremendo :

« Homem, que um cego ideal traz a estes paramos,
Soffre do erro em que estás o atroz castigo,
E ás dores que entre angustias te consomem,
Falar não faças... Nada sabe do homem,
Nada, aqui, póde abrir-lhe um seio amigo. »

E eu, ouvindo estas vozes, entre o assombro
Que ellas deixavam na minh'alma insana,
Alli fiquei, extatico, surpreso,
Sentindo agora, como um grande peso,
Toda a saudade da miseria humana.

FLOR MORIBUNDA

Chamo-me flor do baile. A linda estrella Vesper
Viu-me ao desabrochar
E disse-me : — « Feliz, tu vaes viver e amar! — »
Mas meu leito é uma rocha, o sol me queima as petalas...
Estrella do pastor,
Morro de tanta luz, morro de sêde e amor!

Nascer hoje, espreitar sómente a vida ephemera,
Mal o horizonte ver,
Mal ver o que me cerca, e hoje mesmo morrer!
Cabe destino egual a tudo mais? Ignoro-o!
Se a vida é um sonho vão,
Não me fôra melhor nunca sair do chão?

Um só momento vi alma, como eu, miserrima,
Condoer-se de meu mal
E acercar-se de mim na scena universal;
Era um'ave gentil, um beija-flor... fugiu-me!
Estrella do pastor,
Sabes dizer-me acaso onde anda o meu amor?

A impiedade do sol, mais forte sempre, mata-me.
Alma que eu tinha aqui,
Pobre essencia de flor, ah! que vae ser de ti!
Vaes deixar a maciez de minhas folhas niveas,
Vaes, erradia e só,
Macular-te, talvez, neste ambiente de pó.

Mas se a um desejo meu attendes meiga, escuta-me :
A' terra de ouro e anil
Onde os astros estão, sóbe, essencia gentil!
Sóbe! e se acaso é lei que vivas inda, encarna-te
Na estrella do pastor...
Ella é a estrella do orvalho, ella é a estrella do amor!

COUSAS MORTAS

— « Levanta-te, pobre amiga! »
Tão grande é o sol que á menor
Das plantas talvez que diga,
Vendo-a sem folha nem flor.

Folha e flor, tanta guardava!
Mas o vento eis senão quando
Despenca-as e as vae levando
Com a vida que lhes levava.

E ficou só, simplesmente
Um talo de herva! E ha de assim
Erguer-se, bom sol nascente,
Voltar á existencia, emfim?!.

Em vão! — « Mas em cada raio,
Torna o sol — mando-te a vida;
Levanta-te, alma abatida,
De passageiro desmaio. »

Em vão! — « Sol, radiante chamma,
Fulgores celestiaes,
Obrigada! a planta exclama,
Não posso, não vivo mais! »

. . . . . .

Obrigado! alma serena
Que até minh'alma ora desces,
E o écho de tuas preces
Misturas com a minha pena;

Obrigado! olhar affeito
Aos raios santos do bem;
Vens tarde : dentro em meu peito
Tudo está morto tambem!

FOLHAS SECCAS

Vão se desfolhando as arvores;
E ao sol que ao longe descahe,
Folha a folha as amarellas,
Folhas que vão contam ellas :
— « Lá vae uma! outra lá vae! »

Conversam : « Vêde, irmans, se fundamento
Tem nossa queixa, se nos lastimamos :
Como dormir sob o cortante vento,
Quasi despidas, com estes pobres ramos?

Irmans, falae áquellas serras, onde
Repousa o céu a abobada sem fim,
Sabei dos cedros de arrogante fronde
Se a natureza lá procede assim.

Que a leva, quando o firmamento escampo,
Ó primavera, levemente anilas,
A vir as pobres arvores do campo
Cobrir de folhas, p'ra depois despil-as?

Pois já não basta, como atroz castigo,
Que, quando um passo imaginamos dar,
Nossas raizes, grilhão duro e antigo,
Nos digam sempre : Não podeis andar!

Irmans, sabei que é um val de pranto e lucto
Nossa existencia — provação medonha;
Antes o homem nós fossemos, o bruto
Antes, que a vida gosa, entende, e sonha... »

Mas a quem anda seu pesar carpindo
Nunca é demais uma consolação :
Um rio, aquellas arvores ouvindo,
Respondeu-lhes assim nesta canção :

— « A vida, desde o lenho duro ao vime,
Do vime á flor, da borboleta á lesma,
Do bicho ao homem — vegetaes, ouvi-me!
Do homem á estrella, em toda a parte é a mesma.

Eu que impellido vou do monte aos valles,
Que as paragens mais longes percorri,
Com os beneficios combinando os males,
Risos com prantos, sempre a mesma a vi.

Porque perdeis as vossas folhas, quando
Tambem meu leito um pouco d'agua perde,
Vós vos queixaes : nem sempre o sol é brando!
Plantas do chão, nem sempre o campo é verde!

É lei florir como ficar sem flores;
Ora propicio, ora contrario, o céu
Faz que haja sombras, faz que haja esplendores,
Morra o que nasce e torne o que morreu.

Na natureza a dor conhece todos.
Do homem falastes : um, que este caminho
Por vezes toma, e que, a julgar dos modos
Em que anda, á tôa, a conversar sósinho,

É poeta, vêde : á triste luz do occaso
Comvosco mesmas consolar-se vem;
E inda hontem, quando aqui passava acaso,
Lhe ouvi dizer que as illusões que tem

São como as folhas das arvores :
Da vida ao sol que descahe,
Como as folhas amarellas
Tambem se despencam ellas...
— Lá vae uma! outra lá vae!...

NO PARAHYBA

Um pouco além da villa que, indolente,
Ao sol de Minas, se reflecte e banha
Na agua do rio, a turbida corrente
O Parahyba alarga, se expraiando
Pelo pé da montanha;
Mudo phantasma absorto,
A sombra desta, á flor das aguas presa,
Escurece-as... Phantastica oscillando,
Dalli, remada contra a correnteza,
Sae a canôa com o menino morto.

Em tosco taboleiro mãos piedosas
Deitaram-n'o; — um punhado em cada canto
De roxas margaridas e de rosas;
Leva postas as mãos; de anjo vestido,
Como que sonha; emquanto
Ascendendo, ascendendo
Vae a canôa, emquanto pouco a pouco

À tarde expira e, como um vão gemido,
O unico som que se ouve é o chôro rouco
Do rio e o som do remo a agua fendendo.

Inda está longe a pequenina egreja
Que, com o seu branco e esguio campanario,
Paredes nuas, se destaca e alveja;
Inda o signal não deu da alma que espera
O sino solitario...
Costeando o rio enorme,
A canôa lá vae. Sereno e lindo,
Labio a sorrir, postas as mãos de cêra,
Na leve embarcação que vae fugindo,
Que puro somno o morto infante dorme!

Sobre elle agora os bastos ingazeiros
Inclinam-se com os ramos, onde a espaços
Côam do occaso os raios derradeiros;
A annosa gamelleira, em pé na riba,
Sobre elle estende os braços.
Do sol que já não arde
Á dubia luz, destaca-se o contorno
Das margens, á distancia. E o Parahyba,
Longo e monotono, arquejando em tôrno,
Geme com rouco accento o hymno da tarde.

A canôa lá vae... Quem neste instante,
Vendo-a, não se recorda haver outrora
Já visto um quadro áquelle semelhante?...
Esta mesma tristeza, a mesma calma,
O mesmo céu de agora,

Um rio — pouco importa
O sitio — um rio como aquelle rio,
Um esquife sobre elle... e dentro d'alma
Uma voz que nos diz, no murmurio
De surdo pranto : — É uma esperança morta !

Ó palmeira da serra
Que eu vejo todo o dia
A batalhar em guerra
Com a ventania,
Ó palmeira da serra,
Mais do que a ti, me agita uma estranha agonia!

A minha vida inteira
É continua anciedade;
É como tu, palmeira,
Na tempestade,
A minha vida inteira,
A minha vida, o amor, a tristeza, a saudade!

Ó palmeira da serra,
Quando repouso um dia
Has de ter nessa guerra
Com a ventania?
Ó palmeira da serra
Quando verei tambem findar esta agonia?

[illegible]

[illegible]

O SOMNO DAS VÉLAS

Fria tarde de outomno.
Na abrigada bahia
As vélas, que no mar viajaram todo o dia,
Cahem cheias de somno.

Já não as incha e tufa
O vendaval que, entre alas
De nuvens, a correr, no alto oceano bufa
E vem despedaçal-as.

Nenhum vento. « Louvemos
O repouso dest 'hora!
Mas não vá despertar a mão que dorme agora,
Esquecida dos remos!

Que ella impellir não possa
Nosso barco tão cedo,
A cuja prôa espuma a agua e a marêta grossa
Bate, como a um penedo.

Nem tão cedo desperte
Este, de bronzeo rosto,
Homem tosco e brutal que ahi dorme no seu posto
E é como um fardo inerte.

Calmo assim se conserve
O ar que aqui nos bafeja,
E o mar, que além da barra amplo e cavado ferve,
Aqui sereno seja.

Nada o adormecimento,
O profundo lethargo
Nosso quebre. Agasalha as vélas do mar largo,
Tranquillo firmamento!

Possamos nós, — se é dado
A uns pedaços de panno
Tal descanso — esquecer todo o soffrer passado
No barulhento oceano. »

Assim falam as vélas
Pela tarde de outomno,
Quando o vento não sopra, e, de seus mastros, ellas
Cahem cheias de somno

A VISÃO DA TORRE

Descamba o sol. Scisma a isolada torre,
Scisma... E, alongando o olhar de pedra fria,
Parece ver desse final de dia
No raio extremo a antiga fé que morre.

Menos que aquelle fumo que arrebata
Lá embaixo o vento e vae traçando o rumo
Do céu na espira, viu durar o fumo
Dos sagrados thuribulos de prata.

Como na areia, ao tempo, a tenda erguida
Que o abrigara das chuvas, o viajante
Esquece e vae buscar um pouzo adeante,
Os corações deixaram-n'a esquecida.

Não vibra mais! Seja manhan de inverno
Ou verão, brilhe ardente o sol a pino
Ou caia o sol — jaz-lhe pendido o sino,
Com a corolla de bronze, em somno eterno.

E, tempo extincto! delle ouviu sonoras,
Noutra quadra melhor — como de um calix
Sae um bando de abelhas pelos valles, —
Sahir cantando pelo espaço as horas.

E agora muda! abandonada ao vento!
Muda! entregue ao deserto arido, infindo!
Como pesa, meu Deus, mesmo cahindo
Sobre uns hombros de pedra, o esquecimento!

Estar só! viver só! transe tremendo!
Só! e inutil sentir passar a vida!
Só, com uma sombra aos pés!... Torre esquecida,
Entendo-te a alma, tua dor entendo.

Só! que angustia indizivel! só! que magua!
— De quando em quando uma andorinha apenas
Busca-a e beber-lhe vem, riçando as pennas,
Na rôta claraboia um pingo d'agua.

Alma dos homens, não vos move á inveja
A ave do céu que, erguendo-se á procura
De um pouco d'agua á sêde que a tortura,
A terra deixa e vem buscar a egreja?

Tendes em que matar a sêde vossa,
Alma dos homens! a serena fonte
Já não é necesario vol-a aponte
Torre brutal de cantaria grossa.

Crença, culto, dever, tudo esquecestes!
Varra agora, passando, a ventania
Dos vidros desta cupola sombria
O pós das azas das visões celestes.

Varra, leve-lhe tudo!... — A torre scisma.
Como um phantasma na planicie posto,
Alta, de pé, bate-lhe o sol no rosto
E ella no sol o olhar de pedra abysma.

E olha, alonga-se, espia, e lhe parece
Ver, de costas, além, — sombra apagada
Quasi de todo, lá no fim da estrada
O ultimo crente que desapparece.

?..

OS CANNIÇOS.

Sopra mais forte, leva-nos comtigo,
Vento da tarde! parte-nos ao meio,
E os canniços do brejo, vento amigo,
Leva em teu seio!

Porque existimos? porque assim vivemos,
Assim — curvos de dor, de tanta magua,
E a sombra nossa desolados vemos
No espelho d'agua?

Sopra mais forte, vento que nos valles
Harpa invisivel tanges dolorida;
Sopra, e leva comtigo os nossos males,
Levando a vida...

OVENTO.

Ouvi! para estes lados se dirige,
Do sol no occaso ao derradeiro raio,
Um homem. No pesar que vos afflige,
Interrogae-o.

O HOMEM.

... E a terra, o sol, o espaço, o firmamento,
E Deus, em longo e demorado estudo,
Misero vérme — interroguei sedento...
Debalde tudo!

OS CANNIÇOS.

Homem, de cuja boca, á luz do occaso,
Estranhas vozes, pavidos, ouvimos,
Saberás nos dizer, homem, acaso,
Porque existimos?

O HOMEM.

...Debalde! E o enygma atroz que me enlouquece,
A negra esphinge em toda a parte avisto!
Se algum destes cannicos me dissesse
Porque é que existo...

SOLIDÃO ESTRELLADA

Eu sou da plaga infinita
A solidão estrellada.
Homem, cuja alma se agita
Sempre inquieta e atribulada.

Que tens? que maguas consomem
O teu coração que, assim,
Estacas os olhos, homem,
Prendendo-os, attento, em mim?

Invejas-me acaso? ouviste
Que posso, alma desditosa,
Tornar-te feliz, eu, triste!
Eu, solidão mysteriosa!

Vem até mim! vem commigo
Estupidamente olhar
Este quadro gasto e antigo
De nuvens, de estrellas, de ar...

Vem compartir o cansaço
Que, ha seculos, sem remedio,
Me faz no enfadonho espaço
Bocejar todo o meu tedio.

Como enfara o comprimento
Desta extensão que produz
Os astros no firmamento,
Nos astros a mesma luz!

E hei de até quando estender-me,
Triste, monotona e vasta,
Sem que em mim se agite o vérme
Do tempo que tudo gasta?

Solidão! silencio enorme!
Eis tudo o que sou. Porém,
Se amas a dor que não dorme,
A dor sem limites, — vem!

[illegible]MA PHRASE

[illegible] foi [illegible]
[illegible] antes della morrer.
[illegible] repetiu:
[illegible] nunca mais nos havemos de ver! »

[illegible]
[illegible]
[illegible] semblante.
[illegible]

[illegible] e fria.
[illegible] A morrer.
[illegible] seu labio partia:
[illegible] mais nos havemos de ver! »

[illegible] tão forte
[illegible] anciedade
[illegible] a morte.
[illegible] da saudade.

E na mesma toada, inda me fere o ouvido
A phrase que lhe ouvi, antes della morrer,
Phrase que o coração guardou como um gemido :
— « Pensa que nunca mais nos havemos de ver! »

15 DE AGOSTO

Quando esta lua, assim, no mez de agosto,
Ha um anno, a mesma nos apparecia,
Um batel nos levava, a agua se abria,
Talhada a remo em braço herculeo posto.

Cantavas, o cabello á ventania
Do mar largado em ondas por teu rosto;
Nem sequer uma sombra de desgosto
Toldava aquella noite de poesia.

De algas e musgos coroadas, rindo
Saltavam, por nos ver, da prôa adeante
Do mar as filhas. E o batel, seguindo,

Voava, — lembras-te? voava, errante voava,
Voava... E tudo morreu naquelle instante
Com a esteira de ouro que elle atraz deixava.

PAREDES NUAS

Da meia noite (a lua brilha) adeja
A alma sobre o arraial. Que triste a lua
Horas mortas, assim, quando da egreja
Alva destaca-se a parede nua!

E eu vou meus sonhos mortos recordando
E extinctos dias... Pela noite fria
Uma saudade vae me acompanhando
E entre as sombras, alli, meus passos guia.

Que noite! Dorme a luz do luar gelado,
Dormem as casas da deserta rua...
E aqui, alli, de um lado, de outro lado,
— Fórma espectral — uma parede nua!

— Para além a campina — a massa informe
Das arvores compondo um véu sombrio;
E o rio que as estrellas olha e dorme,
E as estrellas banhando-se no rio.

Lá, cercada de ramos, o tapete
Flóreo deixando, que visão fluctua!
É uma estatua de neve? É um palacete;
Sahe dentre as folhas com a parede nua.

A alguns passos da estrada, o cemiterio
Eis surge agora... Mas que fórma estranha
Tenho ante os olhos! Mas que vulto aereo
Este que a lua de um reflexo banha!

É ella! é o todo seu, claro e perfeito!
É o seu phantasma ! é a doce imagem sua...
— Não! é um corpo de cal que aperto ao peito,
É um corpo frio — é uma parede nua!

O ESPELHO

No espaçoso salão, suspenso de alto muro,
Brilha inutil agora o espelho, que no escuro
Lança um reflexo frio. Apagou-se o clarão,
Foi-se o esplendor do baile. Ermo é o vasto salão.
Fórmas esculpturaes, sedas de varias cores
Arrastando em tropel, jarras cheias de flores,
Leques no ar desdobrando as azas triumphaes,
Prismas de ouro e rubins radiando entre crystaes
Á luz, tudo passou! 'Stá vasio o scenario
E inutil brilha agora o espelho solitario.
Sombra uniforme, egual, como pesado véu,
Sobre tudo cahiu, por tudo se estendeu.
Nem da mobilia esparsa, em seu verniz sombrio,
Lampeja acaso a furto o mogno luzidio,
Nem desse lustre ahi suspenso, aureo e subtil
Pyrilampêa um só dentre os pingentes mil.
Completa escuridão! E no seu throno alteado
Olha o espelho em redor, como um luar gelado.
— « Parede alta, onde estás? Onde vos escondeis,
Crespos florões de fogo, esplendidos paineis,
Estatuetas de bronze? Onde, encoberta agora,

Dormes, porta, que a entrada ampla, a gyrar sonora,
Estendias a um passo aereo de mulher?
Oh! se accordasses! oh! se um momento sequer
Tu te abrisses! se os teus gonzos brutaes rangessem!
Se de novo essa luz brilhasse e se ellas viessem!
Se ellas viessem! e aqui, da noite á languidez,
Neste vasto salão eu as visse outra vez!
Se, as mãos dando-se, o seio a arfar, largada a trança,
Eu as visse outra vez no vortice da dansa!
Se as visse após, o olhar febril, pallida a côr,
Exhaustas de cansaço, anhelantes de amor!
Mas contra o somno e a sombra investe o meu desejo.
É tudo escuro! é tudo escuro! eu nada vejo. »
E olha de novo o espelho. Olha debalde. Só!
Só! — E no chão, do tecto ouve cahir o pó.
Que isolamento! que tristeza! que anciedade!
Só! e em seu rosto a sombra! e em su'alma a saudade,
Só! e a lembrança eterna, immensa do que viu,
Do que evocou, do que sonhou, do que sentiu!
— Fórmas esculpturaes, sedas de varias cores
Arrastando em tropel, jarras cheias de flores,
Leques no ar desdobrando as azas triumphaes...
Tudo! e tudo se foi! tudo! e tudo — jamais!
Jamais naquella noite elle, como esse enorme
Salão sem luzes que, triste e soturno dorme,
Verá passar! verá sorrir! verá brilhar!
E o espelho, estremo esforço, abre, escancara o olhar:
Nada! o negrume espesso ! a escuridão! O ouvido
Aguça : nada! nem o minimo ruido,
A não ser esse, o eterno ! o do incessante pó,
Sempre a cahir do tecto! — « Estou só! estou só!

Porque deixei passar tanta imagem formosa,
Tanta visão gentil em minh'alma ambiciosa,
E uma só não guardei, deixando-as todas ir?
Porque, leviano, á face um mundo a reflectir,
Deixei que desse mundo o clarão se apagasse,
Sem um raio sequer guardar em minha face?
Vário, que existe agora em meu semblante vário? »
E olha o espelho, olha ainda...
— Espelho solitario,
Consola-te na tua anciedade sem fim,
No abandono em que estás... Ha corações assim.

Sonha que a percorre agora
Um cavalleiro embuçado,
Bota escura, clara espora;
Vem uma dama ao seu lado.

E o cavalleiro diz — « Emfim, te aperto
Nos braços, louco de ventura infinda!
Fujamos! tudo é em de redor deserto!
Fujamos! Olha como a noite é linda! »

E a dama diz : — Supponho te estar vendo
Inda ao sahir das sombras da alameda :
Oh! com que susto puz meu pé, tremendo,
Na molle escada de degraus de seda!

Mas dos corceis á passada,
A estrada accorda. Sómente
Brilha a lua. E dorme a estrada,
Dorme, e sonha novamente.

Sonha que, entre um murmurio
Confuso, uns vultos assomam;
Uns de um feretro sombrio
As aureas argolas tomam,

Outros á mão, tardo o passo,
Brancos cirios alevantam;
E em monotono compasso
Todos tristemente cantam :

SERENATA NO RIO

Desce a corrente do rio
O barco sem remadores.
Que secreto murmurio
Da ribanceira entre as flores!

O barco sem remadores
Oscilla á tôa, fluctua,
Da ribanceira entre as flores,
Aos frios raios da lua.

Oscilla á tôa, fluctua...
Que figura inteiriçada,
Aos frios raios da lua,
Vae nesse caixão deitada!

Que figura inteiriçada!
— Vêde-lhe os olhos sem vida!
Vae nesse caixão deitada,
Toda de branco vestida.

Vêde-lhe os olhos sem vida!
Que visão! que fórma estranha!
Toda de branco vestida,
É um marmor que a lua banha.

Que visão! que fórma estranha!
Que neve esmaiada aquella!
E um marmor que a lua banha...
Soluça alguem junto della :

Que neve esmaiada aquella!)
— « Minha pallida neblina,
(Soluça alguem junto della)
Dorme, que a noite é divina!

Minha pallida neblina,
A morte ao seio te estreita;
Dorme que a noite é divina,
E em breve estarás desfeita.

A morte ao seio te estreita,
Tua essencia se evapora;
Em breve estarás desfeita,
Como as neblinas da aurora.

Tua essencia se evapora... »
Cala-se a voz de repente.
Como as neblinas da aurora
Roxêa o clarão do oriente!

Cala-se a voz... De repente
Surge o dia esplendoroso;
Roxêa o clarão do oriente
O barco silencioso.

Surge o dia esplendoroso...
— Como um phantasma sombrio,
O barco silencioso
Desce a corrente do rio.

NOCTURNO

Como a noite está fria! A quando e quando
Dobram-se fóra as arvores com o vento;
Crescentes nuvens, em compacto bando,
Correm no firmamento.

Arde em meu quarto a lampada tardia.
Os meus livros me esperam... mas que importa...
Quero sonhar, ouvindo a ventania,
— Espectro errante a soluçar-me á porta.

Meu amor! meu amor! em que abandono
Dormes! que pedra aterradora em cima
Te puzeram, que em vão no eterno somno
A minha voz te anima?!

Levaram-te : um caixão com taxas de ouro,
Um carro de ouro e crepe... horror infindo!
E no caixão deitado um vulto louro,
Postas as mãos, dormindo.

— Accorda! accorda! A noite está tão fria!
Mas escuto uma voz... é a voz da morta.
É a voz da noite! é a voz da ventania,
— Espectro errante a soluçar-me á porta.

[illegible] DE VENTOS

[illegible] a estridente musica
[illegible]
[illegible] ventos!

[illegible] que as arvores
[illegible]
[illegible] de flores.

[illegible]
[illegible]
[illegible] suspiros!

[illegible] coloricos,
[illegible]
[illegible] humana.

Bate contra uma pedra a agua do mar. E ella,
A pedra : Agua do mar, quem é que te encapella?
Quem é que no brutal movimento sem fim,
Agua iracunda e má, te impelle contra mim?

E a agua do mar : — Oceano immenso e procelloso,
Porque não me quedar um momento em repouso,
Porque me sacudir, porque me levantar
Num perpetuo vae-vem, negro e sombrio mar?

E o mar : — Que quer de mim a tua luz, serena,
Meiga lua, que lá, dessa amplidão, me acena,
E a alma que em mim captiva existe, ao seu fulgor,
Faz em extase erguer, como a um raio de amor?

E a lua : — O que me leva pelo espaço
É o que a ti, negro mar, prende tambem,
É o mesmo forte indissoluvel laço
Que os astros prende e os encadeia além.

Pelo meio da noite, errante e nua,
Vês-me, e ignoras a lei que me governa...
Ah! monstro d'aguas, a serena lua
Ama-te, amando a tua dor eterna.

Ama-te desse amor de que se anima
Todo o universo — mysterioso amor,
Amor que as dores todas approxima,
Porque a lei da attração é a propria dor.

APPARIÇÃO

Horas já mortas, como andasse — em falta
De um coração qualquer para entendêl-as,
A contar minhas maguas em voz alta
A's arvores das ruas e ás estrellas,

Ligeiros passos ouço de repente
Por traz de mim. Ólho e não vejo nada.
Ah! murmurei, é o vento, certamente,
Que varre as folhas sêccas da calçada.

Nascia a lua. O baço globo enorme
Sahe dentre os morros, pelo céu fluctua.
Brilha a ardosia dos tectos, a agua dorme,
Abrem-se as dahlias, palpitando á lua.

E ás estrellas, e ás arvores, em pranto,
Eu, como um ebrio, a minha dor contava;
Quando ouvi novos passos e, entre espanto,
Vi uma sombra que me acompanhava.

E, cingindo dos martyres a palma,
Ascende á clara estancia indefinivel
E... Mas soffre esta dor, cala, minh'alma,
Cala o que eu vi naquella noite horrivel...

CANÇÃO DE INVERNO

Como o inverno entristece!
Este tamborilar
Continuo na vidraça,
Este vento que assim como um phantasma passa,
A chorar, a chorar...

E estas horas sem termo,
Longas! e a inquietação
Do pensamento enfermo,
E o coração sósinho a pulsar em seu ermo,
Saudoso, o coração!

E a chuva recrudesce...
Tento os olhos cerrar,
Em vão! que me parece
No vento gemebundo um soluço escutar...
Como o vento entristece!

Essa voz dolorida
Será tua? Talvez,
Pobre morta, a ferida
De um desgraçado amor tu na minh' alma vês,
E desces de outra vida...

Sim, é um anjo que desce...
Ouço-o perto falar...
Mas o vento amortece
E em plangente gemido esvae-se agora no ar...
Como o inverno entristece!

28 DE ABRIL

Tempo feliz! tempo de amor, desfeito!
Não vae mui longe tão formosa edade
E, como um rio, já me enchendo o peito,
Róla grossa a corrente da saudade.

Lembra-me ainda aquelle modo suave
Como accordara no meu sangue o amor.
Mais satisfeita não desperta uma ave,
Ruflando as azas no arvoredo em flor.

Accordara. E através da natureza
Poz-se a cantar. Que lhe dizia o canto?
Tinha tristeza, tinha ideal tristeza,
E ao pranto d'alva misturava o pranto.

Primeiro as flores vieram para ouvil-o
E acercaram-se languidas de mim,
E, se era noite, pelo céu tranquillo
Falava a estrella : — Quem suspira assim?...

Vieram depois os passaros das cores
Mais bellas, todos por lhe ouvir as vozes;
E, juntando-se aos passaros e ás flores,
Vieram do matto os animaes ferozes.

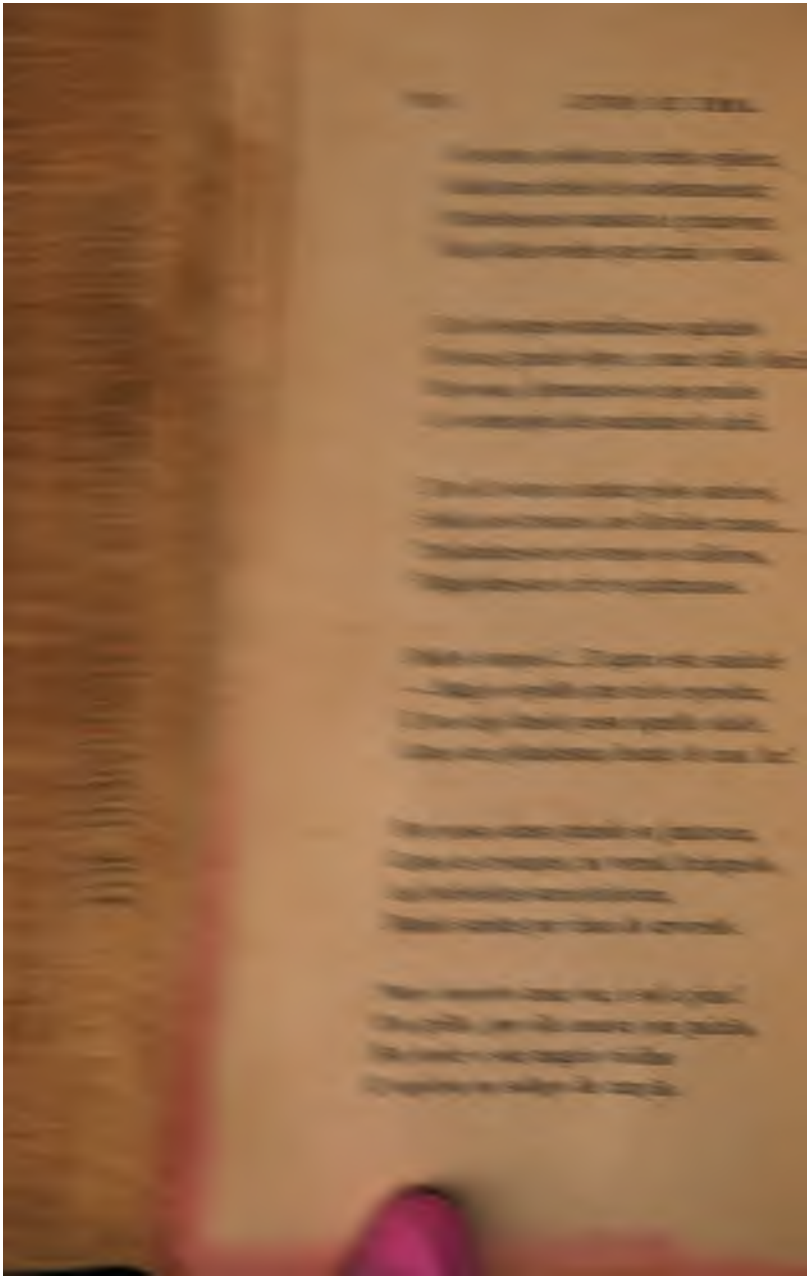
E ajoelhados : Trazes na garganta
Um' harpa acaso? — cheios de terror,
Os animaes me perguntavam, tanta
Era a harmonia do primeiro amor!

Depois... (O coração nos dias de hoje
E' differente. A natureza, escrava
De outras idéas, sente o amor e foge,
Pois já não se ama como então se amava.)

Depois, um dia, todo palpitante
Como eu me achasse a contemplar o céu,
Disse uma nuvem : — Vou ser tua amante! —
E subito em mulher se converteu.

E, vaporosa, tendo-me ao seu lado,
Pairou commigo, já na luz do dia,
Por entre orvalhos, já no pó dourado
Da tarde cheia de melancolia.

Então é que entendi como formosa
É a nossa vida! que divino ardor!
Ah! num momento quanto vive e gosa
Quem num momento cede á voz do amor!



Outra vez... Mas porque volver saudoso
O olhar atraz a esse paiz querido?
Terra em que amei! Terra de amor e gôso!
Eden de estrellas de que fui banido!

Um dia, como, alva e isolada, visse
Nuvem ligeira a passeiar no céu,
A minha amante : — Vou ser nuvem! — disse,
E, nuvem sendo, desappareceu.

E o que então me ficou, para enluctar-me
Todo o resto da vida, é este tormento :
É a saudade fatal que ha de matar-me,
— Cárcer dos sonhos e do pensamento.

É o desespero do que em vão suspira,
Tentando a pedra a um tumulo quebrar,
E péga, olhos em lagrimas, da lyra
E umas cousas sem nexo anda a cantar;

E é este enfaro de inda errar no mundo,
Preso apenas das azas da poesia,
Sentindo n'alma, num desdem profundo,
Que é tudo o mais uma semsaboria.

INDICE

Pag.

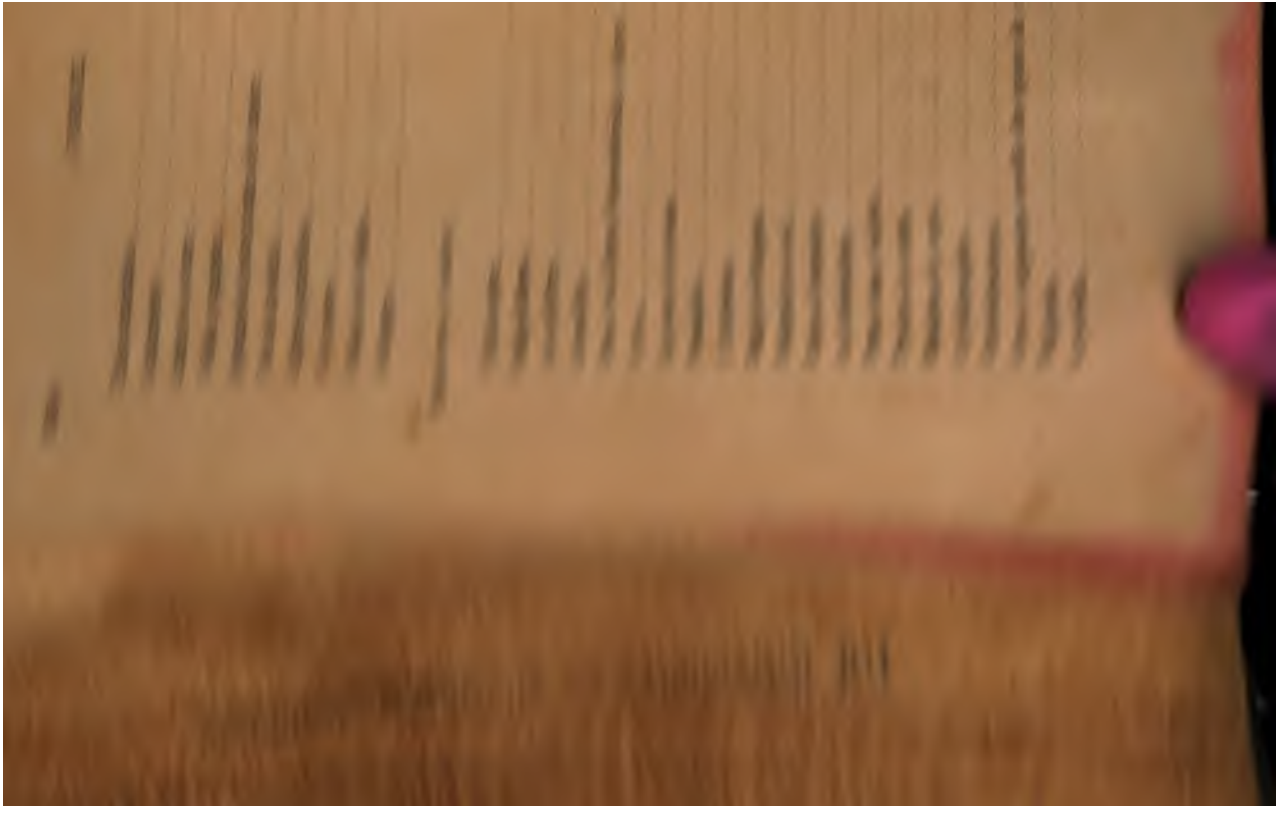
Ao publico 1

MERIDIONAES

Carta-prefacio de Machado de Assis 3

Primeira parte:

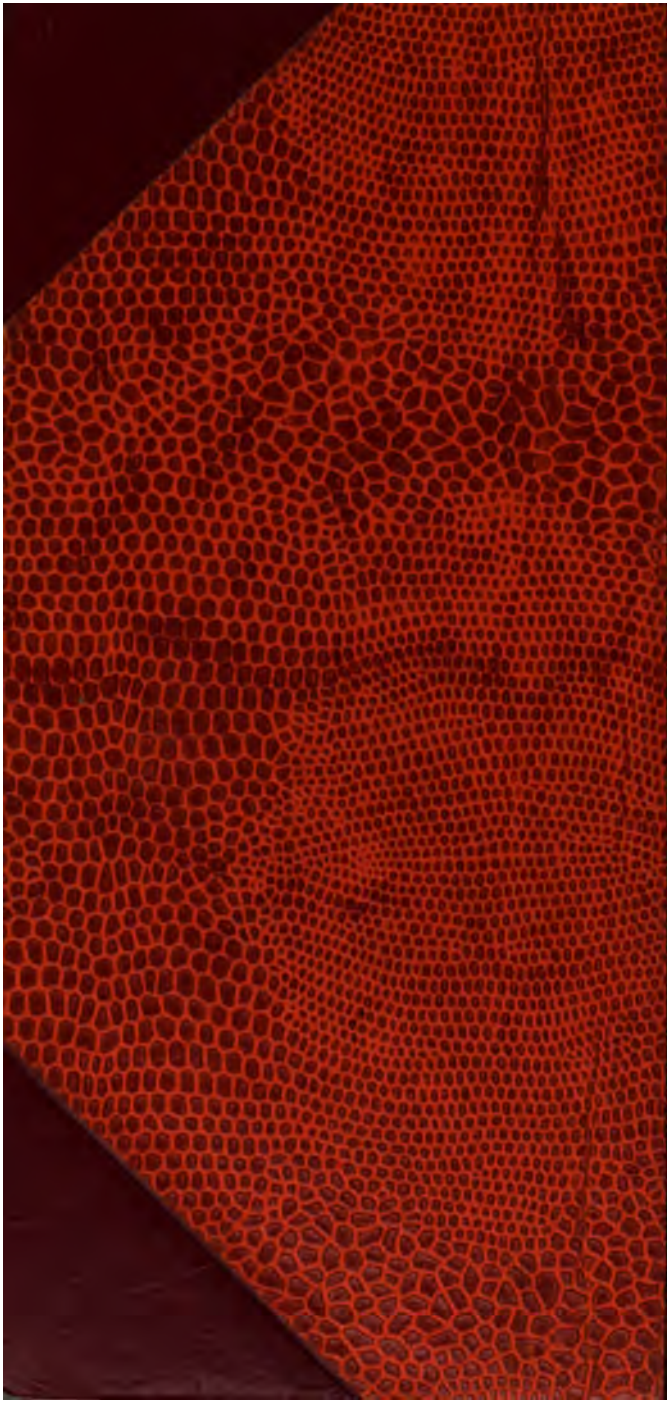
Preludio 11
Phantastica 14
O interior da camara 16
A primeira paixão 18
O que se vê nos olhos azues 19
Sabor das lagrimas 20
A volta da galera 21
Á minha mãe 22
(H. Heine) 23
A uma artista 24
Ás estrellas 25
Aphrodita 26
Santa 29
A janella de Julieta 31
Á luz do occaso 32
Saudade da estatua 33



SONETOS E POEMAS

Pag.

A galera de Cleopatra 93
A estatua 94
Vox rerum. 95
Nox 96
Mortos para sempre 97
Á entrada da primavera 103
Vaso grego 104
Ao luar de Verona. 105
Galatéa 107
Manto real. 108
Mazeppa. 109
A ponte vermelha 110
Que venha o inverno desflorindo a entrada. 111
Pobre mãe! 112
Vaso chinez 113
Syrinx. 114
A janella e o sol. 117
Lendo os antigos. 118
Titania 119
Só. 120
De volta do circo. 121
Enfim. 122
Ementario. 123
Ultima deusa 128
Fim de um conto 129
Unica 130

SEGUNDA PARTE :

A arvore. 133
O anachoreta 140
Borboleta azul. 142